

ORLANDO MENDES
PORTAGEM

© Orlando Mendes - INLD/Edições 70, Lda., 1981
Capa de A. Saldanha Coutinho
Tiragem 1000 exemplares

Desta edição foi feita uma tiragem de 5000 exemplares,
destinada ao
INLD — Instituto Nacional do Livro e do Disco
Maputo — República Popular de Moçambique

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA
N.º 45475
Data 21/05/1996



PARA MINHA MULHER

O autor pretendeu que esta narrativa fosse verosímil. Mas, tenha ou não conseguido o seu intento, esciarece que pessoas, designações, factos e lugares de que trata, são imaginários.

AVELHA negra sai da palhota e fecha os olhos doridos pela luz crua do sol. Depois abre-os lentamente e a boca encarquilha-se-lhe num sorriso aparentemente sem sentido. No terreiro não há ninguém que lhe faça lembrar coisas do mundo que está esquecendo. Tudo quanto ela entende do exterior é aquele ranger medroso dos ramos nus da árvore mirrada, sacudidos pelo vento quente e vagaroso que passa e se esconde na terra.

Tremem-lhe as mãos secas agarradas ao bordão nodoso. Quer alongar a vista para lá do capim ressequido que balouça cadencialmente, mas abana a cabeça, desiludida. Dia a dia, a vista se limita mais nas expressões para os seus afectos. Amarfanha a capulana até à coxa enrugada e, traçando as pernas, deixa cair mansamente o corpo magro para o chão.

Alima gemé de cansaço. Ou de tédio? Nem ela saberia dizer. Ajeita-se encostada à paliçada da palhota. A sonolência começa a perturbá-la. Todos os dias, à mesma hora da manhã, a velha vem ali sentar-se e promete sempre não se deixar adormecer. Também agora tenta fugir ao sono inimigo, que ela tem medo de perder de vez a contemplação da planície mordida pelo sol. De ano para ano, a planície diminui de extensão diante da fadiga dos seus olhos. E ela pensa que lhe vão roubando misteriosamente o mundo de ano para ano.

Dormita uns instantes sem tempo, para logo acordar sobressaltada. Reconhece o chão pisado por três gerações de negros. Fixa os olhos mortiços nos ramos descarnados do cajueiro plantado por seu avô, o escravo Mafanissane, no dia da sua libertação. Recordando, é depois o mar que lhe aparece, um mar de ondas bravias que foi a fronteira da emigração

dos negros para o sul, na grande seca do ano em que lhe nasceu a filha Kati. Kati casou com o capataz dos mineiros do Marandal, depois de ter gerado e parido um filho de branco. Aí começou a solidão enorme da velha Alima. Solidão a coincidir com a pobreza da planície encurtada de ano para ano ao cansaço dos seus olhos de pálpebras purulentas. Solidão do simbólico cajueiro entre a erva rasteira e os galhos agrestes das micaias. E é na planície que fica o mundo moribundo da vida toda da negra Alima.

A velha ainda se lembra de que, lá ao longe, a planície se esvai no sopé da serra do Marandal. Vieram os brancos com as suas máquinas para abrirem os grandes buracos na terra e tirar o carvão que os negros carregam para as vagonetas. Mas Alima nunca saiu da planície senão no ano longínquo da grande emigração. Os negros mudaram as palhotas para a nova povoação fundada no Marandal. E tentaram levar a velha. Ela, porém, é já a única pessoa viva que ouviu da boca dos escravos a história recontada do mundo da planície. E recusa-se a abandoná-la. A planície quase despida não atrai sequer as feras e ninguém já por ali passa, que o trânsito para a mina se faz pelo caminho da berma da serra. Solitária, a velha Alima tornou-se dona humilde e incontestada da planície que não tem préstimo para mais ninguém.

Kati vem três vezes por semana trazer a ração de milho, amendoim, feijão, peixe seco e tempero para o molho. E conversar. Acende o lume no terreiro, cozinha a comida que a mãe há-de comer nesse dia. E conta coisas da povoação do Marandal. Está sempre querendo despertar a curiosidade da velha para conseguir levá-la consigo. E diz que aquilo de ela teimar em não deixar a palhota construída no local onde viveram os últimos escravos, é mesmo coisa sem jeito nenhum, só para complicar a vida dos outros.

A velha Alima fica lembrando-se de que o escravo Mafanissane tinha plantado o cajueiro no dia da sua libertação e trouxera com ele uma companheira. Dessa união nascera um filho débil que também arranjara uma mulher que o aceitasse e dele concebesse uma vez. E o velho pouco tempo viveu depois de nascer a neta Alima. Parecia que não tinha querido morrer sem legar à terra a que se sentira restituído, a certeza de uma descendência que o perpetuasse através dos séculos novos para a sua raça. Terra pobre salpicada de morros de muchém. Lá mais para o norte, a fertilidade da planície aumenta até à vizinhança da serra do Marandal. Aí o capim cresce mais

alto e variado a anunciar que a terra espera enxada e semente para produzir onde a gente do Ridjalembe antigamente fazia machamba. Mas aquela terra lavada de riquezas com uma palhota no meio, é o único chão que os pés velhos de Alima podem pisar com a dignidade que ela sabe, indiferente aos desertores do Ridjalembe.

Kati acaba de cozinhar e entrega à mãe o prato de alumínio com a comida e põe-lhe ao pé a cabaça cheia de água. E acocora-se ao seu lado. Alima finge que acorda. Estivera aquele tempo todo de olhos fechados, escutando a lenga-lenga da filha e dando atenção a uma ou outra palavra: que a mãe não tinha mais ninguém no mundo e vivia ali sozinha numa povoação que já acabara para sempre.

— Agora toda a gente do Ridjalembe está a morar no Marandal. Para quê quer ficar aqui, Mamane Alima?

Mas a velha negra todos os dias de manhã se senta a custo no terreiro e a planície duma saudade quase não é para ela senão o cajueiro bichoso e quase seco que o escravo Mafanissane plantara no dia da sua libertação. Só que agora tem mais aqueles morros de muchém entre as micaias. Também o avô não tinha querido emigrar. E não há ninguém da antiga povoação do Ridjalembe que, como ela, tivesse ouvido contar a história dos escravos da boca dos libertos.

Num gesto mal humorado, a velha afasta o prato com a comida intacta e quase a entorna. Geme e casquina uma risadinha. Faz menção de levantar-se e a filha apressa-se a ampará-la. Rejeitando o auxílio, caminha, a tropeçar, apoiada ao bordão, até ao cajueiro. Como se conquistasse novas forças e uma lucidez antiga, chama Kati e fala:

— Tu só gostas de falar língua de branco, não é?... E aprendeste a mim a falar também, não é?... Anh! Anh!... E agora para quê vocês quer eu vai no Marandal? Onde eu nasceu não foi aqui? Vocês gosta de branco mas branco só quer a preto só pra gastar o corpo de ele. Tu sabe quem pôs este árvore aqui? Não sabe? Foi meu avô! Tu sabe quem era meu avô? Ih! Ih! Ih!... Era Mafanissane, duas vez avô de ti! Se tu tinha conhecido gente que ouviu falar meu avô, tu não queria mesmo sair mais do Ridjalembe!...

Alima cala-se e, apoiando-se melhor ao bordão, continua, serenando:

— Você tem um filho que anda na terra dos branco, metido com os branco, não é? Ih! Ih! Ih!... Um filho de tua barriga que é filho dum branco! Um filho pra aprender

todas coisas da vida de branco. Mas preto sabe tudo, tudo, ouviu? Já ouviu? Cavar terra de preto pra tirar carvão. Carvão é preto mas não é pra preto, não. Quando tu quer cozinar o teu farinha vais mesmo apanhar lenha no mato. Não é... Ih! Ih! Ih!...

A velha Alima estica dolorosamente o corpo franzino e enrugado e ganha estatura na sombra rendilhada do cajueiro. Treme-lhe a mão engelhada e ossuda no bordão, mas depois fica hirta. Olha demoradamente a palhota e a árvore, procura alargar a planície dos seus tempos de menina e de mulher fértil, quer alcançar a primeira memória de toda a vida dos negros do Ridjalembe. Vislumbra uma vez mais o mar imenso fronteira dos negros esfomeados do ano da seca, assiste à despedida triste de Kati na companhia do mineiro do Marandal.

A negra sente a sua solidão irremediável na povoação morta entre a vegetação rasteira, o cajueiro moribundo, os morros e as micaias e a palhota que há-de ser uma sepultura. Cresce dentro dela uma onda de amargura e de saudade de um tempo primitivo em que os negros eram donos da planície e não tinham outras ambições. Quem é aquela mulher que está ali a querer levá-la para o mundo de pretos e brancos?

O sol entorna-se em febres de cor sobre a planície abandonada. Aquela hora, Alima costuma dormitar em espasmos de inconsciência e reconhecimento do quinhão de vida que ainda lhe resta. Mas, agora, afasta os pesadelos e recupera, um a um, todos os minutos apodrecidos em sonolência, esquecimento e solidão. E, retomando a língua nativa, fala para Kati:

— Já ninguém tem a mim e eu não tenho ninguém. Não quero mais. Acabou. E agora, por favor, deixa a mim só. Deixa a mim só, até eu ter morrido e os pássaros da terra do Ridjalembe terem comido os meus olhos.

As magras costas dobraram-se de novo para o chão sagrado, a mão torna-se menos segura sobre o bordão e a velha volta a sofrer a sensação da sua inutilidade.

Sem uma palavra mais, recusando o auxílio de Kati, regressa a passos incertos e entra na palhota construída por suas mãos ao rés da terra batida, no reino espiritual do escravo Mafanissame liberto.

Com a pá de madeira, João Xilim faz guinar a almadia para a ilhota no meio do rio. De um salto, põe os pés na areia. Despe a camisa de caqui encharcada de suor e deita-se de bruços, o queixo entalado entre as mãos. E olha na margem o denso matagal onde as rãs começam a coaxar.

O sol desce rapidamente para ir desaparecer na grande curva do rio e dar início a um sincopado crepúsculo. Todos os dias João Xilim vem ver o sol esconder-se no mesmo sítio. E, como o sol, o mulato esconde-se também, mas da gente da sua terra. Leva para ali, para a sua ilhota do silêncio e da solidão, a confusão dos seus sentimentos.

No entendimento dos negros da mina do Marandal, João Xilim é o patrício que emigrou e aprendeu a ser diferente deles. Agora ele veio ver a família e os amigos de infância e trouxe, para cada um, uma modesta lembrança ou um sorriso a desfazer saudade. Homens rudes e sem desejos, foram herdando dos pais os seus lugares na tradição do Ridjalembe. Mas já nenhum deles chegou a viver a época do recrutamento dos escravos nem fixou a viagem da fome no ano da grande seca. Recordações que apenas pertenciam a avó Alima. Mas, ao regressar, uma das primeiras notícias foi a da morte da velha solitária da planície, durante a ausência dele. Kati esperava, escondida, que a mãe acabasse e as aves lhes comessem os olhos, conforme sua determinação. E depois sepultara-a debaixo da copa do cajueiro ressequido. E João Xilim sente remorsos de não ter feito mais companhia à avó que para ele agora representa um símbolo. Os outros ficaram sempre no Marandal, esquecidos do passado do Ridjalembe, deixando governar os seus destinos pelo branco da mina.

João Xilim teria sido como eles se não emigrasse. Talvez, um dia, viesse a suceder a Uhulamo no cargo de capataz dos trabalhadores da mina. Também ele começou, como os outros meninos da sua idade, por acarretar numa padiola, o carvão mais miúdo, da boca da mina para o armazém. Mais tarde, em casa de patrão Campos, precisaram de um moleque e escolheram-no a ele. Levaram-no à sede da circunscrição para que o alfaiate lhe fizesse calções e camisas. Proibiram-no de ir brincar com os meninos da sua idade, que o filho do capataz deveria ser apenas o moleque da casa grande. Moleque das limpezas e, nas muitas horas vagas, única companhia para a infância de Maria Helena. D. Laura perguntara-lhe:

— Como te chamas?

Percebera que lhe faziam uma pergunta para poder iniciar a sua vida de moleque na casa dos patrões da mina mas não sabia o português suficiente para compreender bem. A cozinheira Rosa riu e repetiu na língua dos negros do Marandal. Então o moleque respondeu:

— João Xilim...

— João... ainda vá lá... Agora Xelim é que me parece muito para começar!

Maria Helena achou graça ao trocadilho da mãe. O moleque ficou encabulado. Mas, depois, concluiu que era bom sinal rirem-se dele porque o tinham avisado de que o tratamento em casa de patrão Campos nunca deixava de ser severo. Por isso, os negritos raramente lá permaneciam mais do que poucos meses. Alguns faziam-se piores para que os mandassem embora depressa. Outros fingiam-se doentes. E a negra Rosa dizia que os moleques eram uns mandriões e não sabiam reconhecer o bom trato que ali tinham.

João Xilim veio para o quintal após esse primeiro contacto com a senhora e a menina e relembrava a história do seu nome. Quando andava pelos quatro anos, um parente regressado das minas do Kaniamato, dera-lhe uma moeda reluzente. João nunca a largava nem mesmo a dormir e dizia constantemente: «Tenho xilim, tenho xilim». A rapaziada alcunhou-o e a própria família passou a tratá-lo por João Xilim.

D. Laura e Maria Helena tornaram-se as figuras mais importantes dos seus dias de menino moleque. Patrão Campos era para ele apenas o dono da mina onde iam trabalhar os outros negros.

O moleque tinha ordens rigorosas, transmitidas através de Rosa, para fazer tudo o que a filha de patrão Campos

mandasse. A princípio, acedia obedientemente aos caprichos da menina. Mas algum tempo depois, descobriu que ele era sensível aos assomos de autoridade que ele por vezes se permitia. Maria Helena apercebia-se, contrariada ou provocadora, de uma intimidade que nascia entre os dois, únicos meninos que podiam brincar na casa grande do mundo do Marandal. A filha do patrão Campos tinha onze anos e o seu moleque doze. Nenhum deles suspeitava de que pudesse haver maldade nos seus gestos, palavras ou pensamentos. Mas gostavam ambos de despertar-se mutuamente, agora uma prova de ternura até às lágrimas, logo em seguida um desprezo ofensivo que novamente se resolvesse numa reconciliação afectuosa. Deixaram, a pouco e pouco, de se comportarem como patroa e moleque, para serem quase apenas dois afloramentos sentimentais de sexo diferente que não entendiam ainda a linguagem dos preconceitos de cor e de senhoria ou se recusavam a falá-la quando estavam sós.

Mas, de tempos a tempos, a menina como que acordava de um torpor dos sentidos e reocupava austeroamente o seu lugar de dona do moleque que tinha ordens de Rosa para lhe obedecer em tudo. Então, qualquer coisa que João fizesse, era motivo de zanga e até de queixas e mentiras a D. Laura. Dir-se-ia que Maria Helena se comprazia em conseguir que o moleque fosse punido pela culpa comum de terem criado uma intimidade que ela reconhecesse subitamente imprópria da sua condição. Exagerava maldosamente, perversamente, as faltas de João, afastava-o dias seguidos para outros serviços, chamava-o e logo o mandava embora, sugeria mesmo à mãe o castigo corporal. E ficava em frente dele, vendendo a negra Rosa a zurzi-lo com uma chibata. D. Laura dizia à filha que seria melhor mudarem de moleque: não faltava por onde escolher com tanto miúdo por ali sem ter nada que fazer.

— Este moleque parece-me esperto demais. Além disso, é mulato. E não gosto nada desta raça. São mais falsos que os pretos.

— Os moleques pretos são tão estúpidos, mãe!...

— Mas também não se pode dizer que te dás bem com este. E já estás a ficar uma mulherzinha. O que precisavas era de saíres daqui para fora uns tempos. Talvez para o ano, vamos a ver se o teu pai concorda...

Maria Helena nunca tinha pensado que um dia viesse a ser possível viver noutro meio que não fosse o do Marandal.

Esse projecto da mãe a seu respeito, pela primeira vez revelado, confundia-a. Alegria ou tristeza? Talvez as duas coisas ou simplesmente apreensão. Mas João aparecia depois de ter sido novamente castigado pela negra Rosa. E Maria Helena, sentindo-se volátil, sofria com a sua crueldade. À noite, deitada na cama, cercada de silêncio total, chorava e arrependia-se. E, levantando-se, ia, pé ante pé, à porta do quarto do moleque no quintal para escutar o ritmo da sua respiração de menino castigado injustamente por sua causa.

Quase ao mesmo tempo, a menina e o moleque tiveram a intuição de que se sentiam um ao outro como promessas de mulher e de homem. Os seus olhares encontravam-se para logo se afastarem como que envergonhados. Se, por acaso, se tocavam, ficavam enleados e suspensos. Maria Helena entendeu então mais profundamente que entre eles se abrira um precipício de condições, que se revelava no íntimo dela o significado da inocência e do pecado. E já não consentia que João Xilim fosse o seu companheiro, repelindo-o duramente:

— Vai-te embora! Que estás aqui a fazer? Não ouviste? Vai-te embora, vai-te embora e para sempre! E não olhes assim para mim!

Mas, minutos passados, arrependida, chamava-o com um pretexto qualquer. E continuavam a brincar juntos.

Com a chegada do Verão, as nuvens de moscas e mosquitos invadiram o Marandal. A disenteria surgiu aqui e ali entre os trabalhadores e em pouco tempo tomava carácter epidémico. Mais de metade dos mineiros foi forçada a faltar ao serviço. Patrão Campos tinha-se obrigado a determinados fornecimentos de carvão. Todos os dias vinham os quatro grandes camiões da firma Santos & Alves a fim de transportarem para a cidade o carvão extraído. E mobilizaram-se mulheres e rapazes para o trabalho da mina. João Xilim foi também chamado. Os seus músculos de criança responderam com alegria ao esforço violento de segurar firme um espígio para que um mineiro adulto lhe batesse certeiro com a marreta.

A boca da noite, sentia-se cansado mas com uma sensação nova de incipiente virilidade. No terceiro dia, porém, começara a doer-lhe a saudade de Maria Helena. Por toda a parte e a todo o momento, a sua lembrança o perturbava. Entregou-se ao trabalho com frenesi, acorria ao serviço de maior dureza para a sua idade, arquejava de fadiga. Mas cada vez mais lhe parecia que escutava a voz da menina, chaman-

do-o, que percebia o contorno do seu corpo, que o penetrava o cheiro do seu convívio.

Esperava que o deixassem ir dormir a casa de patrão Campos na sua qualidade de moleque. Mandaram-no, porém, passar as noites no barracão dos trabalhadores sem mulher. Deitado na esteira, enquanto os outros dormiam desocupados, João Xilim ficava de olhos abertos na escuridão, concentrado a recordar-se de todos os pormenores da sua vida de moleque na casa de patrão Campos, companheiro de Maria Helena. Queria ter coragem para se arrastar mansamente pelo chão, abrir a porta do barracão de maneira que ninguém desse conta e correr para o quintal da casa dos patrões. Mesmo que não visse a menina, estaria mais perto dela, encostaria a cara ao vidro da janela do seu quarto e tinha a certeza de que seria capaz de ouvir bater o coração dela. Mas o medo de acordar algum dos seus companheiros ou de ser surpreendido pelos guardas da mina, prendia-o à esteira.

Maria Helena lembava-se poucas vezes do moleque. A filha do administrador da circunscrição mandara-lhe um romance, o primeiro que lia e experimentara uma estranha sensação de evasão do Marandal. Revelara-se-lhe um mundo diferente de que nunca suspeitara. A sua convivência com gente civilizada estava afinal limitada aos pais, aos sócios da firma Santos & Alves que de mês a mês vinham passar umas horas no Marandal e à filha do administrador de Virancuza que a convidara a passar uma semana em sua casa. A mãe ensinara-lhe a ler, escrever, fazer contas. Ao Marandal não chegavam jornais nem livros e as cartas que se recebiam eram apenas cartas comerciais.

Depois da leitura do romance, Maria Helena abominara subitamente aquele mundo remoto e primitivo em que vivia e, pela primeira vez, sentiu o seu isolamento, a falta de alguém com quem pudesse conversar, expandir-se, confidenciar. Nascera no Marandal, cresceria entre a gente negra bruta e dócil e sempre retraída e ela reconhecia, desolada, que tudo ali era estranho, deformado. Aproximou-se da janela, reviu a escarpa da serra, o serpentejar do rio, lá para o fundo a planície deserta do Ridjalembe, ouviu o som cavo das pica-retas na pedra e das marretas a baterem forte nos espigões, a voz dolente dos trabalhadores cantando na sua faina a monotonia de todos os dias iguais.

Voltou a ver-se dentro das palhotas, embevecida diante dos meninos a sugarem o leite das tetas enormes, enrugadas, flácidas. E nada disso a emocionou como dantes. Um cheiro a suor amassado e a frutos apodrecidos, chegou-lhe da terra. O coração bateu-lhe descompassadamente e tudo pareceu esclarecer-se dentro do seu corpo adolescente com um grito medroso:

— Sou tão infeliz!...

Como se o caos que a ameaçava, esperasse esta súbita revelação para se precipitar, relaxaram-se os nervos tensos, entreabriu a boca de lábios trementes, e, caindo de bruços em cima da cama, chorou mansamente. Na povoação do Marandal, em terras do fim do mundo, onde mandava patrão Campos, uma menina acabava de perder a inocência havida na sua infância.

Com o breve crepúsculo a extinguir-se, João Xilim continua meditando na ilhota de areia. E recorda-se que fora naquele verão que se apercebera de uma realidade que viera a marcá-lo do ventre de sua mãe. Ele não era negro como a outra gente nascida em terras do Marandal. Tinha a pele mais clara que a dos negros e o cabelo mais liso. Num domingo deram-lhe licença para ir passear. Foi a casa dos pais, que lhe faltou a coragem para se dirigir a casa dos patrões. Vendo a mãe a mirar-se num espelho novo, teve a curiosidade de se mirar também. Surpreendido, interrogou Kati:

— Porquê eu não sou preto como toda a gente?

A mãe tartamudeou mas depois falou firme:

— Tu nasceu mais claro porque nasceu numa noite de lua grande. Mas tu és negro como tua mãe e teu pai.

João Xilim não se convenceu com a explicação. Mas preferiu não insistir. Saiu dali para visitar a avó Alima, mais negra que o carvão que tiravam da mina de patrão Campos. Encontrou a avó rabujenta e sem conversa para lhe permitir fazer a pergunta. Ao regressar, porém, ao Marandal, ele já não tinha dúvidas que a sua pele era como se nela houvessem misturado a cor dos brancos da casa da mina e a dos negros que um dia abandonaram o Ridjalembe. Aquilo constituía um mistério que o apoquentava ritmicamente, uma surpresa irritante que se assemelhava à comichão que lhe deixavam as mordeduras dos mosquitos nas noites abafadas do barracão.

Ainda a madrugada vinha longe e já no dormitório dos mineiros o aprendiz João Xilim estava bem acordado. Tivera pesadelos e sonhos aflitivos e inexplicáveis. Durante um deles, encontrava-se no fundo do grande poço da mina a seguir

um espião com mãos monstruosas. A marreta elevava-se poderosamente no ar e batia no espião com violência. Uma faísca subia pelas paredes do poço ziguezagueando. Patrão Campos é que empunhava a marreta. Mas o dono da mina tinha a pele negra como toda a gente do Marandal. E cantava uma canção triste como a dos mineiros no seu trabalho. De repente esvoaçou uma ave grande como um cabrito e que ficou a bater as asas por cima deles. A ave tinha a cara de D. Laura e piava constantemente acompanhando a canção do patrão Campos. A ave desceu e poisou sobre o espião. Patrão Campos baixou a marreta, João Xilim ia gritar apavorado, mas D. Laura bateu rapidamente as asas e o branco pintado de preto desapareceu. Então a ave fincou as garras nos ombros do moleque e levou-o pelo ar até à superfície da mina. As garras não magoavam e João Xilim viu que se haviam transformado nas mãos pequeninas e macias de Maria Helena. D. Laura poisou no chão de terra batida, começou a arrancar as penas com o bico e o seu corpo foi tornando-se o corpo da filha. Mas a menina era negra e beijou-o na testa. Ouviu-se então um estrondo no fundo da mina como se um enorme bloco de carvão se tivesse soltado da parede e viesse a rolar. João Xilim assustou-se e caiu para dentro do poço. Corria às voltas mas o bloco de carvão rolava sempre atrás dele. Exausto, parou e fechou os olhos e esperou o choque. O barulho acabou repentinamente e ele estava vivo, no terreiro da avó Alima a brincar de roda com ela, patrão Campos, D. Laura, Maria Helena, a mãe Kati e o pai Uhulamo. E todos cantavam e diziam:

— Xilim! Xilim! Xilim! Você não é preto! Você não é branco! Você é Xilim! Xilim! Xilim!

A roda desfez-se e todos desapareceram excepto Maria Helena que lhe tomou a mão e o levou para dentro duma noite tão escura que nada se via.

Acordou com o corpo dorido e a cabeça tonta. Os galos cantavam aqui e ali, nos quintais das palhotas dos mineiros. Mas pela frincha da porta do barracão ainda não entrava a claridade da madrugada. Tinha que esperar que os trabalhadores acordassem e se levantassem para ele poder fazer o mesmo.

Remexia-se inquieto na esteira e tossiu, tentando que algum dos companheiros despertasse. Respondeu-lhe um, com uma praga. Voltou a tossir, mais forte. Então o homem que praguejara, espreguiçou-se, bocejou ruidosamente, atirou fora

a manta e levantou-se de um salto. E, como já não conseguia guardar silêncio, assobiou. Outras pragas acolheram a sua jovialidade. O despertador riu e assobiou mais alto. Os outros atiraram-lhe com mantas para o obrigarem a calar-se. Mas ele, esquivando-se, continuou a assobiar. Um a um, os companheiros foram-se levantando e acabaram por se rirem todos da brincadeira.

João Xilim foi dos primeiros a deixar o barracão. Cá fora aguardou que lhe destinassem a tarefa daquele dia. Mas a maioria dos trabalhadores que haviam adoecido, regressava à mina e o moleque recebeu ordem para largar ao meio dia e voltar para casa de patrão Campos.

Correu-lhe a manhã vagarosamente. Descarregava as vagonetas que iam chegando aos camiões. De vez em quando, suspendia a pá e punha-se a avaliar as horas pela altura do sol. E quando tocou o ferro a mandar largar o pessoal para o almoço, suspirou. E nem se despediu dos companheiros.

Dirigiu-se, com passo largo, para a casa de patrão Campos. A meio caminho, porém, diminuiu-lhe subitamente aquela ansiedade velha e irreprimível de se encontrar com a menina. Dir-se-ia que o desejo, de tanto arder, se consumira por completo. Mas o coração batia-lhe como se fosse saltar do peito. João descobriu que tinha medo de ver novamente Maria Helena.

Iria primeiro passear para o rio que sempre fora a grande saudade do moleque na casa de patrão Campos. Inebriava-o uma sensação quente de liberdade reconquistada, sentindo-se diferente, sozinho no matagal da margem do rio, ouvindo o chilrear delirante dos pássaros selvagens que não se atreviam a voar até à povoação e o rumor manso do rio correndo cauteloso.

Penetrou mais entre os arbustos emaranhados pelas trepadeiras. Os ramos soltos batiam-lhe no corpo, tropeçava, aqui e ali, nas raízes que afloravam a terra coberta de folhas secas. Um cheiro forte e único a frutos silvestres amadurecidos, entava-lhe pelas narinas frementes. Tinha vontade de rir alto e constantemente, que uma alegria nova o transtornava nessa hora de reconciliação com a natureza forçadamente esquecida.

Aproximou-se da margem do rio onde o matagal se tornava menos denso. Correu por entre os arbustos raros, ávido de chegar à água e refrescar-se nela. Mas um insólito ruído o fez parar. Alguns metros adiante, a folhagem caída no chão rangia como se fosse pisada por gente ou bicho. Talvez algum

garoto que viera também ao rio para se banhar. Instintivamente, escondeu-se atrás dum arbusto, afastou com cuidado as trepadeiras enoveladas e espreitou. E viu numa clareira patrão Campos abraçado a uma negra. Estavam sentados de costas para ele. Quem seria aquela mulher com quem o branco da mina andava metido? A negra ria-se, patrão Campos apertava-lhe os seios e encostou-a depois para trás, até a deitar no chão. E João Xilim descobriu que a mulher que estava embrulhada com patrão Campos era a negra Kati, sua mãe.

Voltou-se lentamente e caminhou ao acaso pelo mato. Queria pensar mas tinha a cabeça cheia da imagem daquela cena monstruosa que vira no matagal da beira do rio. Andou sem destino até cair a noite. Murmurava raivosamente de vez em quando:

— Deixa estar que eu hei-de ser homem!...

Doíam-lhe os pés e chegou novamente à margem do rio. Extenuado, atirou-se para a areia. E chorou desesperadamente, repetindo entre soluções:

— Deixa estar... Deixa estar... que eu hei-de ser homem!...

Deixa estar...

Sentiu um arrepião a tomar-lhe todo o corpo. Uma náusea fez-lhe tonturas. Adormeceu para acordar alta noite com febre e sede. Levantou-se a custo. Uma profunda tristeza trouxe-lhe lágrimas mansas aos olhos magoados. Não poderia tornar a casa de patrão Campos. Nem à palhota de Uhulamo e Kati. Não tinha ânimo para ouvir outra vez as palavras da mãe. Perdera-a para sempre. A noite medonha e fria cansava-o. Maria Helena era a sua dona e ele o seu moleque. Seu pai era o capataz da mina do branco que lhe roubara a mulher. Não, o negro Uhulamo já não era o pai dele. Por isso ele nasceria com aquela cor mais clara que a dos pretos. Seu pai verdadeiro era o patrão de todos os negros que tinham deixado a planície do Ridjalembe onde apenas vivia avó Alima. Caminhando penosamente, sussurrava:

— Deixa estar... Deixa estar...

E vincava as unhas nas palmas das mãos. Tinha de fugir para onde ninguém o conhecesse nem pudesse saber da sua dor e da sua vergonha.

A noite quente e húmida acaba por tomar conta de todas as coisas vivas e inanimadas da terra do Marandal. Um luar medroso insinua-se entre as nuvens para logo se deixar encobrir. João Xilim sai da sua prostraçao física e da sua vigília sobre o passado. Um cão vadio chega à margem do rio e põe-se a ladrar sem convicção para aquele desconhecido habitante solitário da ilhota de areia.

O antigo moleque da casa de patrão Campos desenterra a estaca que prende a almadia, entra na frágil embarcação e remando com a pá, ora dum lado ora outro, encaminha-a para a margem. Salta para a areia, mete as mãos nos bolsos e segue a passos lentos pela terra fofa.

Chegou há apenas quatro dias da viagem de seis anos por outros lugares distantes no seu país. Encontrou a mãe a envelhecer e mais magra e Uhulamo continuando a mandar nos negros da mina, à ordem de patrão Campos. Os rapazes que tinham sido meninos com ele, trabalham agora no poço de carvão, cavando com a picareta no minério ou compondo a parelha marreta-espigão.

A vida de antigamente prossegue igual no Marandal. E só Xilim o distingue do mundo diferente por onde andou, um mundo idêntico ao que patrão Campos e D. Laura conheceram antes de se fixarem ali e que eles próprios talvez já quase esqueceram.

Dirigindo-se para a povoação, João vai recordando os pedaços da sua vida que é preciso ter presentes. Pedira ao condutor de um dos camiões de Santos & Alves que o levasse para a cidade:

— Deixa ir a mim mesmo em cima do carvão...

— Fora daqui, moleque!...

Rondara por ali até apanhar o Raul distraído. Aproveitando um momento em que o guarda dormitava na cabina, escondera-se debaixo do oleado que cobria o carvão. E assim chegara à cidade do litoral sem ser notado. E começara então a sua grande fuga à influência da hora duma traição.

Embarcou como moço de limpeza num cargueiro que se destinava a um porto do sul. Ali deram-lhe licença para desembarcar e viu os seus irmãos mulatos e negros que trabalhavam no cais e nas fábricas e eram tão subtraídos à civilização como os negros do Marandal. Viu os seus irmãos mulatos e negros que imitavam os brancos no vestuário, na linguagem e nos costumes. Viu os seus irmãos negros contratados para irem trabalhar nas minas no outro lado da fronteira. Viu os homens brancos que moravam nos arredores da cidade em companhia de mulheres negras e andavam fazendo filhos mulatos para crescerem proscritos entre brancos e negros. Viu os homens brancos que viviam em casas bonitas e se deslocavam de automóvel e tinham todas as comodidades. Viu brancos que eram compreensivos e não se pareciam com patrão Campos. Viu os grandes navios no cais carregando mercadorias e embarcando gente para terras desconhecidas. E viu que o menino do Marandal estava ainda cescendo para ser um homem sem lugar próprio na sua terra, porque fugira do Marandal e era filho da negra Kati que se entregara ao patrão Campos e fora moleque da menina Maria Helena. E o mulato continuava a precisar de fugir.

Fez muitas viagens a bordo do mesmo cargueiro, entre os portos da costa. E nele conheceu um fogueiro negro que já tinha ido várias vezes a Lisboa. Conversavam muito nas horas de folga comum. Jaime gostava de contar as suas aventuras. Mas antes quis saber a história de Xilim. E o antigo moleque da filha de patrão Campos confiou com relutância passagens da sua vida de menino na povoação do Marandal. O fogueiro Jaime ouviu atentamente e ficou pensativo. Ele era um homem da cidade, vivera uma infância aventureira nos subúrbios, crescera vadio entre meninos negros, chineses, indianos, mulatos e brancos, todos eles mais ou menos repelidos por quem lhes deveria afecto. Não tivera família. Fizera-se um adulto entre as imprecações, as trocas, os gritos e as violências de homens e mulheres. Gente que era negra e branca e de outras raças. O amor nunca foi para ele mais do que a

posse fortuita ou demorada de um corpo de mulher. E o mulato fugido do Marandal vinha mostrar-lhe uma existência de sensibilidade, pudor, desejo e iniciação, insuspeitada por ele. E tentava explicar:

— Olha, tu nunca viste que o mar está sempre a crescer na praia e a fugir? Minha vida era assim a boiar nessa água. Eu às vezes queria ficar quieto mas vinha uma onda e atirava a mim para as rochas. E havia sempre gente que me encontrava e me batia e se ria de mim e me estava sempre a intrujar.

Interrompeu-se para fazer uma pergunta:

— Tua mãe enganou teu pai com o branco da mina. Mas o branco era mesmo teu pai, anh?!

E acompanhou as palavras de um olhar de troça que magoou o mulato. Até aquele amigo a quem confiara tão íntimas angústias, se ria da ignomínia da sua origem. O velho embacadiço, continuou, porém, indiferente à possibilidade de qualquer comentário:

— Mas tua mãe gostava de ti mesmo e cada vez está agora a pensar em ti e que nunca mais há-de ver a ti. Minha mãe, eu só me lembro que ela me batia e me chamava nomes feios e todos os dias e todas as horas se deitava na cama com homens diferentes. Homens que eu ficava esperando no caminho para pedir a eles uma quinhenta. Quando eu já estava mais crescido, minha mãe mandava a mim para a estrada para dizer aos homens dos barcos que ali tinha uma mulher que podia ser deles por dinheiro.

O negro Jaime calou-se. João Xilim estava com pena do fogueiro. A sua voz era cansada, como se ele sofresse, na consciência implacável de um momento, todas as afrontas e todas as violências da sua vida de menino e de adolescente.

— Minha mãe quando eu era miúdo ganhava muito dinheiro com os homens, mas gastava tudo em bebidas e passeios. Arranjou um amante mulato que batia a ela e só mesmo vinha dormir em casa quando precisava de caroço. Muita vez eu rapava fome de cão... Tinham outros rapazes como eu, filhos de outras mulheres negras iguais. Então a gente ia nas lojas e roubava coisas para comer e até coisas que a gente não precisava para nada. Um dia a polícia caiu em cima da gente e quase a gente ia ficar no xelindró.

— E pai de você, senhô Jaime, não conheceu a ele?

O fogueiro abriu a boca num sorriso de escárnio:

— Atão você ainda não sabe quem era meu pai?! Era os homens todos que ia dormir com minha mãe!...

Uma ruga profunda se cavou na testa do negro Jaime como se a ironia das suas palavras o cansasse por dentro e por fora e para sempre.

— Uma noite veio um branco dum navio bater na nossa porta. Estava bêbado. Eu ficava do outro lado a dormir em cima de uma manta em cima de caixotes. Minha mãe pediu o dinheiro adiantado. Atão o homem pôs-se a rir. Virou os bolsos e atirou para o chão todo o dinheiro que trazia. E era mais de cem escudos.

O fogueiro parou, dando a sensação de já ter dito tudo. Mas, após uma pausa, prosseguiu:

— Eu estava a espreitar e ele já não fez nada e disse para mim:

— Amanhã... vai ao cais... ao navio «Saudade»... e pergunta pelo comandante Viriato... Vi-ri-a-to... Ouviste?... Viriato!

— Deu a mim um cartão com o nome de ele e saiu da palhota a tropeçar. Eu sabia que o branco tinha dito aquilo porque estava bêbado mas eu queria era ver o navio lá por dentro... Fui no cais e perguntei onde é que estava o navio «Saudade». Era um navio grande como dois deste onde a gente anda. Mostrei o cartão a um marinheiro branco. O marinheiro desatou a rir e explicou:

— Este cartão não é do comandante do navio, rapaz... Se o comandante soubesse desta partida, o despenseiro estava bem arranjado! Mas eu cá não tenho nada com isso. Aquele Viriato, nunca mais toma juízo. Olha, desce esta escada e pergunta lá em baixo pelo senhor despenseiro.

— Encontrei o homem sozinho. Mostrei o cartão dele. Ficou atrapalhado e a lembrar-se do que se tinha passado na véspera. Mas depois mandou esperar a mim. Voltou daí a meia hora. Nunca cheguei a saber onde é que ele tinha ido nem o que é que tinha estado a fazer.

O fogueiro fez uma longa pausa.

— E depois, senhô Jaime?

— Depois andei naquele barco a fazer serviço de ajudante do despenseiro. O navio ia para Lisboa. Ih! rapaz, que terra mais bonita e grande! Gente branca como quê. Gente negra nem tinha! O barco ficava em Lisboa quinze dias e depois voltava outra vez para aqui. Um dia o Sr. Viriato não embarcou mais. Arranjou uma cantina em Lisboa e queria que eu fosse trabalhar na loja com ele. Mas eu não podia

mesmo estar parado no mesmo sítio e veio para este barco da costa aprender serviço de fogueiro.

Tocou a sineta de bordo. O velho Jaime levantou-se. Era a hora de ele entrar de turno.

Faziam a viagem da costa e vinte dias depois estavam novamente na origem. O barco demorava-se ali quatro dias. Jaime e João Xilim combinaram ir os dois à cidade. Correram tudo. Foram aos subúrbios, onde o fogueiro mostrou o bairro onde morara quando era menino. Depois caíram na cantina da Casa do Caju. João Xilim não queria beber. O vinho sabia-lhe a azedo e agoniava-o. Mas o amigo fez troça dele e João mandou vir também um copo só para não estragar a companhia.

Entravam negros e negras abraçados. Toda a gente ria e discutia. João Xilim começou a sentir tonturas. O fogueiro bebia copos sobre copos. Trouxe uma mulher para a mesa.

— Tu não sabe quem é esta negra?... Não sabe?... Você é burro! Já contei a você muita vez!... Não está a ver?... É minha mãe, é minha mãe!... Ah! Ah! Ah!

João Xilim teve vontade de o empurrar para o fazer calar. Mas Jaime já estava bêbado e não ganharia nada com uma violência. O fogueiro virou-se para a negra:

— Onde está teu filho? Também não sabe. Está na Lisboa, está na Lisboa!... Que é que você quer aqui? Vai procurar teu filho!... Vai pro-cu-rar teu fi...lho....

Empurrou a mulher brutalmente e deitou a cabeça em cima da mesa, entre os braços. Depois, endireitou-se um pouco, pôs carinhosamente a mão no ombro de João Xilim e falou:

— Pra quê tu deixa tua terra e tua gente? Vida de marinheiro só é bom pra homem que não tem ninguém no mundo como a mim. Você tem tua mãe, tem uma menina branca que gostava de brincar contigo. Deixa esta vida, rapaz...

Mas João Xilim continuou a fazer viagens no barco costeiro, a desembarcar em todos os portos, a embebedar-se, a deitar-se com negras e mulatas de aluguer. Um dia, o fogueiro Jaime não embarcou. E ninguém tornou a ter notícias dele.

O antigo moleque tinha dezoito anos. Estava mesmo já um homem. E acabou tendo saudades. Saudades da mãe Kati que pecara. Saudades da planície deserta do Ridjalembe. Saudades de avó Alima vivendo sozinha na antiga povoação. Saudades da água do rio. Saudades até da tirania de menina Maria Helena.

João Xilim deixou o navio e pediu ao condutor dum camião que o levasse até ao Marandal, depois de terem bebido alguns copos numa cantina. E dessa vez, o favor não lhe foi recusado.

João Xilim assiste à vida da gente do Marandal como um sonâmbulo. Pergunta a si mesmo que veio ali fazer. Fugira porque Kati se tinha embrulhado com patrão Campos, diante dos seus próprios olhos. Patrão Campos devia ser o pai dele. E tivera, apesar disso, coragem para regressar, tornar a ver o branco da mina e o capataz que dorme todas as noites com a mãe.

Andou embarcado, correu terras de brancos, podia ter ficado lá para sempre. E voltou, afinal, com aquela saudade a morder-lhe o amargo dos outros sentimentos. Nos primeiros tempos de embarcadiço, pensara constantemente em regressar um dia ao Marandal e vingar-se de patrão Campos e de Kati que lhe tinham atraído a inocência. Mas, com o alvorço de chegar e rever a terra da sua infância, até já nada lhe apetecera vingar nem aproximar da memória. Comprara lembranças e oferecera-as à mãe Kati, ao capataz Uhulamo. A prenda para a avó Alima, morta durante a sua ausência, fora deixá-la sobre a terra da sua sepultura. Só não trouxe nada para a gente da casa de patrão Campos.

O emigrante tornou-se, porém, diferente dos negros do Marandal que o procuravam à noite para ouvir da sua boca histórias das aventuras por outras terras. Escutam assombrados a linguagem nova que tenta dar uma interpretação diferente da vida deles. Mas não a compreendem. Às vezes, um ou outro entende que João Xilim conheceu diversos padrões da condição humana. Olham uns para os outros e ficam calados. Gostam mais de ouvir contar anedotas, descrever costumes.

João Xilim dói-se da incompreensão dos mineiros. Eles só reagem às promessas que têm alguma identidade com as

que recebem secamente de patrão Campos quando começam a trabalhar na mina. Por isso, muitos deles ambicionam passar a fronteira e irem para o Kaniamoto, porque o engajador diz que no fim do contrato terão muitas libras de economias.

João Xilim revolta-se contra esta nova tentativa de exploração dos negros da sua terra. Patrão Campos é dono dos mineiros. Eles trabalham as horas que são precisas para que os fornecimentos cada vez maiores se cumpram. Trabalham de dia e de noite. Vão depois deixar na cantina o dinheiro que ganharam. Mas têm sempre que comer e que vestir, a sua ração de tabaco e de vinho. Os que partem para as minas de além da fronteira, deixam as mulheres e os filhos e, como são clandestinos, muitas vezes nem mandam dinheiro nenhum. Alguns ficam por lá para sempre e outros voltam tuberculosos ou aleijados. João Xilim explica isto aos mineiros do Marandal. Mas a maioria não desiste da esperança de ter a sua vez de entrar em negociações com o mulato engajador. E não sabem dizer que esta ansiedade de emigrar se generalizou neles por causa das histórias de João Xilim.

Pensa em ir falar a patrão Campos para combinarem uma batida ao engajador para que ele nunca mais por ali apaça. Mas os negros nunca lhe perdoariam um entendimento com o branco para prejudicar as suas ambições. E resolve tomar ele próprio uma iniciativa. Mete-se pelo mato e espera o engajador onde lhe disseram que ele costumava deixar a camioneta. E vai para ele, decidido:

— Você não torna a engajar nenhum homem do Marandal, ouviu?

O outro não o reconhece imediatamente, mas pensa que tenha sido mandado pelo dono da mina do Marandal. Puxa duma pistola e aponta-a, firme.

— Agora quem manda aqui sou eu, sipaio. Se você não vai já embora, eu descarrego.

João Xilim responde calmamente:

— Eu não sou sipaio. Ninguém mandou aqui a mim. Os negros já têm vida ordinária e você anda só a enganar a eles. Deixa os homens ficar na terra deles, mulato!

— Mulato, einh?... E você que é, então? Filho desse branco que anda a explorar os homens da sua terra. Mas não quero saber quem você é nem o que você está a pensar do meu negócio. E vou dizer só mais isto: se você não vai já embora, mas já mesmo, eu descarrego!

A noite está clara. Os dois homens falaram numa voz abafada como se receassem que alguém pudesse ouvir as suas palavras e por elas lhes dar recompensa ou castigo. João Xilim, pela expressão dura da cara do engajador, não tem dúvidas de que ele cumprirá a sua ameaça. Mede rapidamente as suas possibilidades de êxito, se o atacasse. E finge obedecer. Voltando as costas, resmunga:

— Tá bem, a gente ainda há-de se encontrar outro dia.

Dá alguns passos vagarosamente e quando calcula que o engajador terá baixado a pistola, vira-se subitamente, arremete de um salto e dá-lhe uma cabeçada no estômago. O engajador cai desamparado para trás e larga a pistola. João Xilim põe-lhe as mãos ao pescoço e aperta. O outro debate-se, sentindo-se asfixiar. Assesta-lhe friamente um murro brutal no nariz. O engajador desmaia, sangrando abundantemente.

Então João Xilim tira do bolso uma caixa de fósforos, junta um monte de capim seco e pega-lhe fogo. Levanta a tampa do motor da camioneta e atira a acendalha para dentro. E sem olhar para trás, regressa ao Marandal.

Os negros que tinham ido para falar com o engajador, ouviram a explosão e fugiram espavoridos. Um deles dizia que talvez fosse a alma do mulato de lá que tivesse estoirado. Mas alguns, menos supersticiosos, resolveram ir ao próprio local, depois de largarem o trabalho, e encontraram a camioneta toda queimada. Comunicaram a patrão Campos a sua descoberta. O dono da mina averigua, sem grande interesse. Não há responsabilidades legais. E convém-lhe tudo o que possa contrariar a emigração clandestina.

Alguns dos negros sentem um certo rancor contra João Xilim. E fazem surdamente, alusão à ignomínia da sua cor mestiça a que atribuem a possibilidade de todas as cobardias e traições.

Patrão Campos anda preocupado com a necessidade de aumentar, a todo o custo, o rendimento diário da exploração da mina. A firma Santos & Alves, que sempre lhe comprou o carvão, insiste agora em fornecimentos cada vez maiores. No pequeno porto da cidade, os batelões estão carregando, para os navios ancorados ao largo, todo o minério que alguns exploradores audaciosos e confiantes extraem dos jazigos descobertos, aqui e além, na área do distrito.

Patrão Campos põe a mina em regime de extração permanente, distribuindo os trabalhadores por três turnos complementares. Os camiões de Santos & Alves vêm várias vezes por dia. O trabalho na mina torna-se mais intenso, quase febril, tomam-se as primeiras providências para acelerar o ritmo da produção e abreviar a demora dos camiões nos carregamentos.

Uma noite, na superfície e à volta do poço, o chão começa a fender. Lá em baixo, alheios ao perigo, os mineiros trabalham e cantam. De repente, uma avalanche de pedra cai fragorosamente para dentro do poço. E a derrocada continua, durante pouco mais de um minuto. Vinte e três mineiros ficam soterrados.

Patrão Campos acorre desvairado, aos gritos das mulheres que chegam primeiro. Torce as mãos e tem lágrimas nos olhos. Ninguém atina na maneira de libertar aqueles homens que estão morrendo asfixiados debaixo das pedras desmoronadas. Patrão Campos clama por Uhulamo. Dizem-lhe que é uma das vítimas.

A notícia corre rapidamente pela povoação. As mulheres continuam a gritar compassadamente, acompanhadas pelas

crianças. Patrão Campos aflige-se cada vez mais e desespera. Ninguém encontra uma solução para salvar os mineiros, porque, de vez em quando, dá-se novo desmoronamento.

Parou a exploração da mina de carvão do Marandal. Patrão Campos fecha-se em casa e não quer ver ninguém. Deixa-se estar no escritório e ali passa horas seguidas, com a cabeça entre as mãos. Cheio de febre, lembra-se da filha internada num colégio da capital e que não vê há quase um ano, sofre a visão dos fantasmas dos mineiros que lá estão no fundo do poço, debaixo de toneladas de terra e de pedra. E o que é que agora valerá a pena? Dominado por esta sensação irreprimível de inutilidade, parece-lhe que tudo durante os anos da sua vida decorreu como uma série de anomalias em que ele tivesse participado movido por forças estranhas. Na aldeia natal, trabalhador de jeira, não poderia esperar vir a ser remediado sequer. Escreveu, como soube, ao conterrâneo António Santos, agora sócio da firma Santos & Alves. Tinha, por essa altura, uma namorada. Não gostava dela o suficiente. Simples entretenimento com uma pessoa de sexo diferente que aceitava conversar com ele a horas mais ou menos certas. Mas, apesar disso, considerou-se comprometido e assegurou-lhe que casaria com ela logo que tivesse uma situação definida. E embarcou. Trabalhou alguns anos na loja de Santos & Alves, na cidade. Um dia, pediu um mês de licença e meteu-se um pouco à aventura pelo mato. Chegou à fronteira, atravessou-a, viu minas em plena exploração, no território vizinho. Acreditava que do lado de cá existiriam também jazigos de carvão. Gratificou negros do Ridjalembe e interrogou-os a esse respeito. Acompanhado por alguns, fez longas pesquisas e acabou por descobrir o que pretendia.

De regresso à cidade, legalizou provisoriamente a situação, pediu algum dinheiro emprestado ao António Santos e com algumas economias que possuía, comprou o material indispensável e começou a trabalhar. Escreveu à noiva, contando-lhe o novo rumo que dera à vida e pedindo-lhe que esperasse mais uns meses.

Depois, foi a luta diária contra sucessivas dificuldades: os negros que vinham e faltavam ou desapareciam, recrutados clandestinamente para as minas do Kaniamoto; insuficiência de material; inexperiência naquele trabalho; o transporte das primeiras toneladas de carvão. Três anos se passaram antes que conseguisse que a mina entrasse em exploração regular e compensadora.

Arranjou uma negra do Ridjalembe para dormir com ele de vez em quando. Simples entretenimento também. Continuava a não ser exigente no que respeitasse à vida amorosa. Finalmente, fartou-se de fazer esperar a noiva, construiu uma casita e mandou-a vir. Mas, precisamente, então, a negra ficou grávida. Complicação que não previra. Gastou algum dinheiro para passar Kati a Uhulamo e deu a este o lugar de capataz da mina. E a ambos comprou o silêncio.

Entretanto, chegou-lhe a mulher legítima. Nunca fora bela e, onze anos depois, não dispunha de quaisquer encantos para seduzir o marido. Mas aceitou-a, como aliás a aceitaria mesmo que fosse uma inválida. Kati teve um filho. Um ano depois, a mulher legítima dava-lhe uma filha. Deixou o rapaz crescer aos cuidados da mãe e de Uhulamo. Não conseguia sentir por ele amor paternal, nem sequer quando, mais tarde, consentiu em admiti-lo na sua casa como moleque. Sabia agora que as exigências amorosas nunca haviam tido importância na sua vida. Não nascera para essas coisas. Apenas a Maria Helena destinava um pouco de carinho e reconhecia que essa era a evidência de toda a afeição que o seu coração podia dar a alguém.

A madrugada surge com uma claridade baça a raspar os vidros das janelas do escritório. Levanta-se lentamente da cama lucidez implacável sucede ao estado febril que o obrigara a fechar-se entre quatro paredes. E patrão Campos conclui que o ciclo da sua existência, tão estéril de verdadeiras emoções, está iniludivelmente fechado. Abre a porta sem ruído e dirige-se para a mina. Toda a povoação dorme ainda. Aproxima-se do poço e olha para baixo. Tudo ficou como depois do desastre. Lá no fundo, estão os corpos de vinte e três mineiros soterrados e dormindo o último sono, a apodrecer numa estranha sepultura. Esfrega os olhos inflamados com as costas da mão e abandona aquele local fatídico.

A serra do Marandal ergue-se como um monstro de terra e pedra, saído do ventre da noite. Quer contemplar a povoação do cimo da serra. Criou um mundo feito de objectivos materiais, deu um exemplo de tenacidade. Começa a subir a encosta escarpada, fincando os pés e as mãos nas saliências das rochas. O suor pinga-lhe da testa, as pernas fraquejam, os dedos das mãos cravam-se nas asperezas e sangram. Continua teimosamente a sua ascensão. Quer ver tudo, de lá de cima, ao nascer do dia. Com os seus erros e a sua sinceridade.

As pedras rolam debaixo dos pés, pela encosta. E, de repente, tem uma vertigem. Atira-se para a frente, na ânsia desesperada de agarrar um arbusto. Mas desequilibra-se e o corpo do dono da mina despenha-se pela vertente da serra, para vir caír próximo do cemitério dos mineiros.

Meia hora depois, os negros encontram o cadáver de patrão Campos e silenciosamente transportam-no para casa.

Enquanto, pelo dia adiante, os homens e as mulheres da povoação, formando pequenos grupos separados, comentam em voz baixa, a morte súbita de patrão Campos e conjecturam sobre as consequências que ela terá para o futuro dos trabalhadores da mina, João Xilim afasta-se de todos, como que numa instintiva aversão por qualquer convívio com aquela gente.

Dois dias antes, morrera também desastrosamente Uhumalo, o homem negro que o aceitara como filho. Ficara com os companheiros, soterrado no fundo da mina e o seu corpo não tornou a ser visto por ninguém. O cadáver de patrão Campos será recebido numa sepultura diferente, numa cova preparada. No entanto, essa desigualdade de destinos para os dois mortos, afigura-se-lhe de importância secundária. Tinham levado o corpo de patrão Campos para sua casa e lá estará aguardando a chegada de um caixão. Porque, nem que, à espera, começasse a apodrecer, haviam certeza de metê-lo num caixão para ser enterrado.

Que se lembre, nunca falara com patrão Campos. Receara-o sempre, fugindo à sua presença. E não o viu após o desastre. Evitou-o propositadamente. Repentinamente, porém, sente que, embora já não possa falar-lhe nem ouvi-lo, patrão Campos não deverá ir para debaixo da terra sem que ele o veja uma última vez e de perto. É seu filho, não lhe restam dúvidas, mas não poderá invocar essa qualidade para entrar na casa e impôr o seu direito a estar junto do cadáver. Terá que visitar o morto clandestinamente evê-lo sem testemunhas.

Espera pela noite. Furtivamente, para não encontrar alguém, aproxima-se da casa e espreita à janela do quarto iluminado de D. Laura. Patrão Campos está deitado na cama do casal, coberto por um lençol. A viúva, sentada numa cadeira, dormita.

A visão do quadro provoca-lhe a sensação física de os sentimentos se misturarem ao seu sangue. O homem morto era seu pai só porque possuía a sua mãe? Alguma coisa dele próprio acabou também com a morte daquele homem? Ou o

homem não poderá realmente morrer enquanto ele próprio for ainda vivo? E comprehende que precisaria de realizar um acto violento para escapar à necessidade dessas perguntas ou obter respostas para elas. Por exemplo, partir à pedrada o vidro da janela, saltar para dentro do quarto e, sem se importar com os gritos de D. Laura, arranca o lençol e contemplar as frias feições de patrão Campos e acusá-lo de ser seu pai. E, depois, expulsá-lo de casa, mandando transportá-lo para o meio do mato para que ali fique insepulto e os abutres lhe comam a carne e o seu corpo se resuma no fim a ossos sem dono.

Então, parece-lhe ver elevar-se o peito de patrão Campos num esboço de respiração ou num soluço. Irá ele acordar e levantar-se da cama e reconhecê-lo como seu filho? Mas, no momento seguinte, o corpo continua rigorosamente quieto. D. Laura desperta sobressaltada, aproxima-se da cama e desobre a cabeça do marido. Logo uma mosca vai poifar-lhe na cara amarelecida.

João Xilim sente que o morto o repudiaria como em vida sempre o renegara. E, nauseado, foge, correndo, daquela casa, para, alguns metros além, parar junto a uma árvore e vomitar.

Maria Helena tomou o primeiro avião quando recebeu o telegrama informando que o pai estava gravemente doente. António Santos, que a esperava, no aeroporto, contou-lhe a verdade. E ele próprio a levou no seu automóvel ao Marandal, disposto a permanecer ali um dia para ajudar as duas mulheres a resolverem os seus destinos depois daquela tragédia.

A filha de patrão Campos vai encontrar uma povoação assolada pela desorientação onde antes fora um animado e disciplinado centro mineiro. D. Laura pretende liquidar o negócio e regressar à sua aldeia natal. Mas Maria Helena opõe-se. Ela não sabe bem como poderá ser prosseguida a exploração da mina após um desastre de que resultaram tantas vidas perdidas e avultados prejuízos. Está, porém, obstinada em não abandonar o Marandal porque assim aconteceu. António Santos tenta convencê-la a concordar com a mãe:

— Ouve, Maria Helena, já conheces a minha opinião a este respeito. E desculpa-me ter que tocar num ponto melindroso, mas acho indispensável: o desastre que se deu na mina e a tragédia que se lhe seguiu, não se teriam dado se o teu pai tivesse os necessários conhecimentos técnicos. Muitas vezes o aconselhei a ir lá fora fazer um estágio para estar preparado contra certas dificuldades e poder trabalhar em segurança e tirar da mina o melhor rendimento. Enquanto a extração do carvão se fez em pequena escala, tudo correu bem. Não podia haver problemas importantes. Mas a exploração como teu pai a queria, isto é, intensiva, e com certa razão porque o jazigo é rico, precisava de gente competente para a dirigir. Já não seria um amador, por muita vontade que tivesse, que poderia explorar a mina como teu pai estava a querer fazer.

Lembro-me de que a última vez que avisei o teu pai dos perigos iminentes, foi nas vésperas do desastre. E se assim se continuar, poderá haver outras tragédias semelhantes e será um crime trabalhar e fazer trabalhar assim.

— Compreendo, Sr. Santos. Acho que tem alguma razão e agradeço-lhe os conselhos que me dá, assim como os que deu a meu pai e ele, infelizmente, não pôde ou não quis seguir. Mas eu só tenho um desejo, o de que isto tudo não fique completamente parado, que não acabe definitivamente, mesmo que passemos a viver pobemente. Sinto-me na obrigação de não abandonar nem deixar ir para outras mãos esta obra imperfeita pela qual o meu pai tanto se desprezou e até muitas vezes a mulher e a filha e veio a morrer. Quase todos os homens da povoação dependem do trabalho na mina e se não os chamar quanto antes, serão recrutados por outro patrão ou fugirão para o Kaniamoto. E vou ficar, Sr. Santos, mesmo que a minha mãe se queira ir embora. Terei os devidos cuidados, apesar da minha falta de experiência e de idade, trabalhando em pequena escala e contando sempre com os seus bons conselhos. Oxalá eu possa ainda arranjar o pessoal necessário.

António Santos não insiste. Intimamente, admira aquela rapariga de 17 anos, disposta a quaisquer sacrifícios para não desistir de continuar uma obra que lhe coube em herança. E retira-se, sem promessas de auxílio, numa tentativa de secura para que ela reconsiderare e venha a desistir do seu intento.

Maria Helena vai para o escritório do pai. Senta-se à secretaria onde ele tanto teria trabalhado e feito tantos projetos e sofrido sozinho tantos desânimos e conquistado alguns pequenos triunfos. Consulta o arquivo, lê as cartas, as facturas, os contratos, a história comercial da mina do Marandal. Ao mesmo tempo, ouve a mãe a arrastar-se lá dentro, aos gemidos, e pergunta a si mesma se não será uma alucinação tudo o que se vem passando na sua casa desde que se conhece. Terá o direito de sacrificar a mãe, que sempre ali viveu contrariada, agora envelhecida, sem amparo e desejosa de regressar à sua terra natal, persistindo em ficar onde não têm ninguém que verdadeiramente se interesse por elas? Fecha os olhos com força, porque não quer chorar, e pensa insistente no morto. Não acredita na comunicação com os espíritos, mas tudo, ali, no modesto escritório, lhe fala do pai que sempre fora esquivo, pouco carinhoso para com elas,

talvez porque a vida se lhe tornara constantemente dura, sem distrações, feita de dias de trabalho fatigante de que só o sono seria talvez capaz de anular a lembrança.

No dia seguinte, mandou chamar o mulato que fora moleque na sua casa há mais de seis anos e com ela brincara tantas vezes. Sabe que ele se foi embora do Marandal, andou embarcado e voltou, talvez com saudades da sua terra e da gente conhecida. E João Xilim está ali na sua frente, um homem feito.

— João, mandei-te chamar porque preciso muito de ti...

Conta-lhe tudo, as suas intenções, as objecções de António Santos, a relutância da mãe em continuar a viver agora no Marandal. Precisa dele para combater e vencer a superstição dos trabalhadores da mina, para a ajudar como capataz. Recorda-lhe a sua dedicação de moleque, as horas em que tinham sido companheiros de infância. Mostra-lhe o desamparo em que se encontra. A filha de patrão Campos e o filho do capataz Uhulamo, ambos vítimas sem culpa da mesma tragédia, irão prosseguir corajosamente na exploração da mina.

Enquanto estivera a ouvir Maria Helena, João Xilim quase esquecera os agravos, as meditações e o exílio, embalado por aquela música da sua voz que sempre tinha sido o grande encanto das horas dele menino na casa de patrão Campos. Mas, desde que ela se calou, ele é o filho mulato da negra Kati, o confidente do negro Jaime da cidade, o inimigo sem sinceridade do mulato engajador, a criança renegada por patrão Campos. E lembra-se, com a mesma náusea, daquela visão de patrão Campos morto e talvez já a apodrecer. Deveria calmamente responder à menina que ele também é filho de patrão Campos, que tudo ali lhe pertence também, que ele não pode ser capataz onde também é dono. Mas, olhando os olhos de Maria Helena, nada disso lhe apetece revelar. E, de novo, a recordação de uma infância ainda sem mancha, lhe embarga a voz de emoção.

— Então, João?!

Nada se arrisca a prometer. Os negros hão-de esquivar-se a voltar a trabalhar naquele poço onde ficaram enterrados para sempre vinte e três companheiros. E terá coragem para lhes falar nisso?

— Vou ver, menina...

João Xilim acaba por falar com os mineiros, um a um. Louva a bondade da filha do dono da mina, promete-lhes novas regalias para quando ele for o capataz. E os negros,

relutantes a princípio, mas também sem outras alternativas de ocupação que a da emigração para a cidade ou para o Kaniamato, acedem a pegar nas ferramentas e tornam a extraír o carvão da mina do Marandal.

*
* *

Maria Helena deita-se extenuada da energia e da excitação a que se obriga durante o dia, querendo cumprir o melhor possível a sua função de dirigente dos trabalhos e responsável por eles. Lembra-se daquela manhã em que partira para a cidade, cheia de tristeza, por ir deixar por longo tempo o ambiente da casa e os pais. Ficara internada num colégio onde a disciplina era tão rigorosa que raramente saía e apenas acompanhada pela directora, D. Alice. Nunca ali tivera uma verdadeira amiga com quem pudesse conversar intimamente, falar dos seus pensamentos, dos seus sonhos, das suas dúvidas, das suas inquietações, do mundo do Marandal que, de longe, achava tão esquisito. Não tinha alegrias. Nem as cartas, que recebia quinzenalmente de casa, lhe davam plena satisfação. Sentia que eram linhas de palavras escritas por dever, sem grande afecto, apenas porque achavam necessário mandar-lhe notícias. E ela quase respondia no mesmo tom.

Agora, de novo no Marandal, retoma a personalidade da rapariga bravia que fora criada em liberdade na povoação. Entrega-se ao chamamento da terra, ao cheiro acre dos frutos daquele mundo que para sempre a impregnara. A sua viagem pela cidade apenas servira, afinal, para lhe estimular um carinho primitivo pelo Marandal.

João Xilim passa os dias na mina, vigiando o pessoal, dando ordens, tomando conta do andamento dos trabalhos. Dorme no barracão dos trabalhadores, impondo-se ao seu convívio. O novo capataz adapta-se à situação, vão-se atenuando dentro dele os rancores de moleque da filha de patrão Campos, filho da negra Kati possuída pelo branco da mina, embarcadiço que conheceu o fogueiro Jaime, incendiário da camioneta do mulato engajador, emigrante regressado que meditava ao fim da tarde na ilhota de areia no meio do rio. E fica sendo unicamente o capataz às ordens da nova dona do Marandal, como Uhulamo o tinha sido de patrão Campos.

A época do calor aproxima-se. As mulheres fazem queimadas que envolvem a povoação de um ar de fogo. Maria

Helena recebe João Xilim ao fim da tarde, no escritório, estendida na sua cadeira de encosto. O capataz senta-se em frente dela e começa a sua descrição pormenorizada de mais um dia de trabalho dos homens na mina, das vagonetas de carvão descarregadas para os camiões, do movimento na cantina. Maria Helena sente-se perturbada.ouve-o, distraída. Cruza os braços por detrás da nuca e semicerra os olhos. João Xilim aperta as maxilas e despede-se.

Todos os dias João Xilim volta às mesmas horas da tarde para fazer a descrição rigorosa de mais um dia de trabalho. Mas, de uma vez, Maria Helena, indolente, interrompe-o:

— Deixa isso para amanhã. Conta-me coisas das tuas viagens. Ainda te lembras de quando eras o meu moleque?

— Lembro, sim, menina.

E Maria Helena recorda para si esses tempos de infância, os seus amuos, as reconciliações, as chibatadas que mandava dar no moleque pela negra Rosa, os arrependimentos que sofria à noite, sozinha no seu quarto.

— Eu era muito má, não era?

E suspira. Os seios alteiam-se-lhe no corpete do vestido leve e justo. Cruza a perna e a saia sobe-lhe acima dos joelhos. Ficam ambos calados, suspensos duma intimidade renovada. Ele crava as unhas nas palmas das mãos. Desvia os olhos, mas irresistivelmente os baixa para olhar de frente os olhos de Maria Helena.

— Já tens mulher, João?

O capataz quer responder, negar, brincar com ela, não estar ali um boneco incapaz de dizer palavra. Mas falta-lhe a voz.

— Não respondes? Porquê? Se calhar até tens mais do que uma, não? Também usas aliança? Deixa ver...

Pega-lhe na mão. João Xilim estremece e aperta ao de leve, muito suavemente, a mão de Maria Helena. Ela desprende-se, mas João agarra-lha outra vez. Maria Helena ralha sem zanga:

— Magoas-me...

João Xilim acaricia-lhe meigamente o braço nu e Maria Helena fecha os olhos, ofegante.

Cá fora, na noite quente do mato, João Xilim não pensa nem sente. Vai como um autómato. Anda pela margem do rio, ouve coaxar as rãs nos canaviais. Anda, anda sempre,

sem destino, até cair na areia vencido pelo cansaço. Dorme ao ar livre, num sono profundo e só acorda de madrugada.

Está na mina quando vem recado da casa das senhoras, para lá chegar. Maria Helena espera-o no escritório.

— João, um de nós tem que ir embora do Marandal. Escolhe, depressa.

— Vou eu, menina.

Vira as costas e sai. E nunca mais ouviram falar dele no Marandal.

Um dia, inesperadamente, João Xilim fica desempregado. Foi substituído no lugar de capataz de uma turma de trabalhadores negros do cais. E ele, sem ocupação, vem ver o movimento do porto, povoado de braços carregando e descarregando os porões, atravancado de mercadorias abarrotando os armazéns, de guindastes deslocando os grandes fardos. E parece-lhe impossível que tudo aquilo continue inalterável quando ele já ali não trabalha.

De caminho, no regresso ao subúrbio onde mora, pára na Casa do Caju, à hora em que Marcelino e Rafael se sentam a uma mesa para beberem um copo de vinho servido pelo velho Justino e contarem novidades ou simplesmente dizerem algumas banalidades, a passarem uns minutos. Amigos que arranjou, depois de ter fugido a última vez do Marandal.

Agora, também ele foge do mundo da cidade, acossado por aquela sensação de que está vivendo pela metade. Justino conversa sobre coisas que ele não ouve, distante dali. Sorri convencionalmente para o caixeiro da cantina. Marcelino, que tinha combinado vir, já não aparece. Paga a despesa e dirige-se para a porta. Não há mais ninguém na cantina, além do velho Justino. A loja perde os fregueses. Justino não tem a paciência de antigamente, abriram outras cantinas e a gente nova prefere-as. Mas Marcelino e Rafael são dos que não abandonam a Casa do Caju. Ali aprenderam as primeiras palavras da vida boa e má, beberam o primeiro copo de vinho, criaram as amizades que não acabam. Também os quartos do compõe ao fundo do quintal lhes abriram as portas do amor. Só deixarão a Casa do Caju quando ela fechar. E isso acontecerá talvez no dia em que o velho Justino morrer.

João Xilim, imigrante do interior, ganhou o mesmo gosto dos amigos. Da primeira vez que fugira do Marandal, perseguido pela recordação do abraço de patrão Campos e de sua mãe, aportara também àquela Casa do Caju, na companhia do fogueiro Jaime. E, ali mesmo, o amigo lhe mostrara as cicatrizes deixadas numa infância decorrida entre ignomínias.

Antigamente, Justino vendia de tudo na cantina, panos de algodão e sedas de cores berrantes, amendoim doce, colares de vidro colorido, missangas e muitas outras coisas que tentavam as negras e as mulatas. Depois, elas aprenderam a comprar nas lojas da cidade onde há mais variedade e agora a cantina quase só faz negócio de bebidas.

Ao fundo do quintal, um biombo de folhas de zinco esconde o componde de quartos de aluguer, onde as negras se entregam aos negros que sobem da cidade nas noites de folia, aos brancos sem eira nem beira. Justino alegra-se quando todos os quartos estão alugados ao mês e a cantina se enche de gente. Os fregueses daquelas mulheres vêm quase sempre ao balcão beber um copo de vinho ou de cerveja, comprar cigarros e às vezes trazem também as mulheres e oferecem-lhes qualquer coisa. E, de manhã, o caixeiro, satisfeito, presta contas a Sr. Esteves. O fogueiro Jaime tivera a sua infância num bairro suburbano semelhante ao da Casa do Caju, com uma cantina vendendo vinho aos homens que vinham de alugar as mulheres como a mãe dele, com um cantineiro arrecadando diariamente ou mensalmente as rendas dos quartos onde as negras embrutecidas se deitavam com homens de todas as raças que subiam da cidade para o arrabalde da gente de cor.

João Xilim foi mais uma vez ao cais. Toda a gente diz que as coisas vão melhorar, que vão outra vez admitir os empregados despedidos. E recomendam paciência. Mas o porto não dá ainda trabalho para ele. Agora, sempre que está em casa, Luísa trata-o com maus modos como se ele fosse culpado de ter ficado sem emprego. Se D. Maria não interviesse, apaziguando, já tudo teria acabado a bem ou a mal. D. Maria é boa para ele. Nem parece a mesma que tanto contrariara o casamento deles. Casmurrice que passou. João Xilim já nem reage às recriminações da mulher, aceita a sua falta de autoridade porque não traz dinheiro para casa. Por isso está permanentemente irritado e desabafa com os amigos. E eles pensam que se João Xilim não encontra trabalho depressa, emaluquece ou acaba na cadeia.

Entra na cidade baixa. As luzes acendem-se. Ainda bem que Luísa ainda não teve filhos. Se ela fosse parideira como algumas, ele ficaria contente. Deixar alguém do nosso sangue quando a gente morre, que use o nosso nome, que se pareça connosco, conte a nossa vida, prossiga o nosso destino na terra... Mas Luísa não quis. Zangou-se quando o marido lhe falou nisso.

— Para quê, para a gente ficar ainda mais pobre do que já é?

A mulher que despejou, geralmente perde a beleza do corpo. E não há mulher mais vaidosa do que ela. Nem mais desejada e amada pelo homem a quem pertence. Se tivessem um filho em casa, as preocupações de João Xilim agora seriam muito maiores. E o seu sofrimento também. Ele não poderia tolerar que a criança passasse necessidades. Agora o que está valendo é que D. Maria conhece muita gente, até gente branca da cidade, e arranja trabalhos de costura para ela e para Luísa e que vão dando para pagar as despesas mais urgentes. Ele nunca tinha julgado que trabalho de mulher pudesse render assim.

João Xilim atravessa a cidade baixa. Os outros passam apressados. Recolhem a casa e, quando entram a porta, encontram um lar com fartura e, principalmente, paz e alegria. Só ele não segue com a mesma pressa. Custa a entrar em casa depois de andar por fora um dia inteiro, a pensar em coisas que nada têm que ver com as realidades presentes, como as recordações do Marandal. Há três meses que João Xilim traz as mãos a abanar. Antigamente, ele, sempre que recebia o ordenado, levava uma lembrança ou uma guloseima que ameigava a mulher. Ela saltava-lhe ao pescoço e beijava-o. Aquele beijo, depois de um dia de trabalho ao sol ardente ou de uma noite à cacimba, compensava as arrelhas no serviço, as descomposturas do branco que mandava nas cargas e descargas, o cansaço, as recordações dolorosas que não era capaz de rejeitar definitivamente. Teve a pouca sorte de se desempregar e Luísa perdeu o hábito do beijo à chegada a casa. As mãos voltam a abanar. As duas mulheres é que aguentam as despesas da casa.

— Vida de cão! Desde pequeno que só sirvo para sofrer! Até quando isto vai durar?!

E João Xilim atravessa a cidade, enojado com o passado e o presente. Mas amanhã, ele descerá outra vez para procurar ocupação fora do cais. Falará com Rafael. Talvez ele saiba

de qualquer lugar onde possa empregar os braços válidos e receber uma féria como os outros homens que não se esforçam mais do que ele. Qualquer emprego que o tire daqueles regressos a casa com as mãos a abanar.

Chega ao alto da cidade. Mete por um caminho que acaba na Casa do Caju. Caminho do seu calvário. Dele, como fora do fogueiro Jaime. João Xilim pensa, agradecido e com vergonha, que na casa de D. Maria, àquela hora, Luísa estará debruçada sobre a costura, piscando os olhos à luz mortiça e doentia do candeeiro de petróleo, acabando apressadamente um trabalho de encomenda que dará uns escudos. D. Maria estará sentada ao lado, ajudando, rematando, tirando os alinhaves. Mas D. Maria descansa e espera na casa de D. Ricardina. O trabalho de costura ficou incompleto no velho cesto de ramagens. Luísa não está só em casa. Sr. Esteves está lá com ela.

No quarto de madeira e zinco, a luz do candeeiro tremla. O vento entra por uma frincha que rasga a parede de alto a baixo e faz crescer e diminuir as sombras dos móveis no tecto. Uma colcha vermelha cobre a cama de ferro, com uma almofada a toda a largura da cabeceira. Numa estampa colada à parede, Nossa Senhora ajoelha e os braços compridos estendem as mãos para a cruz, como um Nazareno desbotado e já irreconhecível no seu martírio. Mas será a imagem suficiente para a devoção das duas mulheres nas suas horas de angústia.

Luísa está sentada na cama. A seus pés, o dono da Casa do Caju balbucia, com a cabeça grisalha deitada nas coxas macias da mulata.

— És uma ingrata! És uma ingrata...

Luísa ouve, alheada. Já teve pena do canteiro, mas depois arrependeu-se da traição ao marido. João Xilim não merece. Mas a vida de algumas mulheres é assim. Destino que Deus deu. A mãe dela não fazia a mesma coisa? E o destino está traçado. Ninguém pode contrariá-lo.

Sr. Esteves não se conforma com a resistência de Luísa. Porque é que ela não vai viver com ele? O canteiro quere-a na sua companhia, único dono do seu corpo. Dar-lhe-á todo o conforto. Nem terá que trabalhar. E como ela recusa suavemente, ameaça-a e queixa-se de muitas coisas que ela não entende. Os seus ombros magros de homem cansado estremecem num soluço convulsivo de criança castigada. E as mãos esguias da mulata acariciam distraidamente a sua cabeça gri-

salha. Ele relembará o namoro com João, contrariado pelos azedumes da mãe. O casamento sem festa, sem convidados. Casamento de rapariga só no mundo. Porque D. Maria não queria que ela se casasse com João mas que fosse morar com o canteiro.

— Se tu for amigar com senhô Esteves há-de ser sorte grande para ti. Ele tá ficando velho, não tem mais família. E quando ele morrer, a Casa do Caju fica mesmo para ti...

Depois de casada, Sr. Esteves continuou a deitar a rede. D. Maria dizia que o canteiro era tão generoso, que elas poderiam viver melhor que muitas mulheres da cidade. Repudiara sempre aqueles conselhos da mãe. Gostava de João, não poderia atraiçoá-lo. Mas João perdeu o emprego, não havia dinheiro em casa, os trabalhos de costura não davam para nada. E Luísa consentiu em ser amante do canteiro.

O petróleo do candeeiro está no fim. Arde já apenas o morrão da torcida. O quarto escurece lentamente. E a lua brincando por entre os rasgões da cortina de amarelo antigo. Sr. Esteves conforma-se com o silêncio e as meiguices das mãos das mulatas. Talvez gostasse de adormecer assim para sempre. Luísa acaricia, faz caracóis nos cabelos grisalhos e o canteiro estremece. A mulata pensa em João Xilim que vai chegar a casa de um momento para o outro. Sr. Esteves empurra bruscamente Luísa para cima da colcha vermelha. O morrão deixa de arder. Os braços compridos de Nossa Senhora suspendem o seu gesto na pintura da estampa. E o silêncio vem de fora para dentro.



João Xilim andou quase desvairado, procurando emprego por toda a cidade. Ofereceu os braços fortes, apregou a boa vontade para trabalhar. Contou a sua história de desempregado, com família a sustentar. Exagerou a sua desgraça. Mentiu para fazer pena. Só não falou a ninguém da mulher que tem em casa. Com medo de que se interessassem mais por ela do que pela sua necessidade de trabalhar.

Rafael aconselha paciência:

— Isto não vai durar muito tempo. Tu vai ver. É preciso não perder a cabeça.

— Não, Rafael, quando eu vou pedir emprego em qualquer lado, os brancos ficam desconfiados de mim. Eu vou mas é embora...

— Toma cuidado, pensa bem!... Aguenta mais pouco.

— Eu já pensei até demais. Mal de mim é ser um mulato. Nossa raça toda a gente passa de lado. Outro dia, eu fui numa loja grande. Tinha lá um lugar de contínuo. Quando ouviram dizer no escritório que eu era mulato já não quiseram saber mais nada. Mandaram a mim embora. Se era negro, eu tinha mesmo ficado no lugar. Branco está sempre a pensar que mulato é filho dum crime. E eu também estou quase a pensar que talvez é mesmo. E preto tem vergonha da gente...

Ali na cidade, João Xilim já perdeu as esperanças de arranjar emprego. Terá que emigrar. Ele nasceu para andar de terra em terra, sem poder parar muito tempo no mesmo lugar. Hesita muito, antes de se decidir. Volta a lembrar-se do Marandal, de patrão Campos, da mãe Kati, de Maria Helena, do capataz Uhulamo, de avó Alima. Lembra-se da sua meninice, em liberdade, para depois o irem buscar e dei-

xarem-no em casa do dono da mina. Lembra-se do seu regresso à povoação, com seis anos de andanças por outros lugares, embarcado. Vê-se em frente do mulato engajador, acusando-o de vender os negros para as minas do Kaniamato, do outro lado da fronteira. Consentira em ser outra vez o moleque da casa, quando patrão Campos caíu da encosta da serra e os mineiros não queriam entrar mais no poço onde tantos companheiros tinham morrido soterrados. E lembra-se da manhã em que deixara para sempre os domínios de Maria Helena, dona do seu destino de proscrito. E a única saudade que realmente lhe dói, é a da velha neta do escravo Mafanissane, senhora só da planície abandonada do Ridjalembe até que morreu e as aves da terra lhe comeram os olhos.

E João Xilim reconhece que, depois de tudo isso que permanece na sua memória, a vida para ele ganhou um gosto mais amargo. Ele anda é fingindo que não sente esse gosto. Custa-lhe ir trabalhar nas minas que tinham sido o refúgio desesperado dos negros do Marandal. Mais lhe custa falar nisso a Luísa, deixar a mulher na casa de D. Maria. Mas ele tem necessidade de procurar um emprego que na cidade ninguém lhe quer dar.

A mulher zanga-se. D. Maria apoia. Acha bem que o genro vá encontrar trabalho onde o houver. Luísa comprehende a intenção da mãe. Com o marido longe, Sr. Esteves terá a porta aberta a qualquer hora. E o seu coração que atraiçou o do marido, entristece-se por não arranjar coragem para contar a sua vergonha a João. E despedem-se com amargura, escondendo um do outro a inteira verdade dos seus sentimentos.

Da existência de João Xilim no estrangeiro, ele só fez conhecer o que escreveu nestas duas cartas:

Kaniamato, 10 de Fevereiro

Meu querido amigo eu escrevo estas linhas para dizer que tou aqui nas mina Jumpers ponto já aranjei emprego bom de capataz como já tinha prendido lá no Marandal não custou pra trabalhar bem aqui, só tem muito trabalho e agente aqui não tem o tempo nenhum mesmo pra descansar bem ou pra guzar oje fui nacidade perto que tem aqui para comprar umas coisa bonita pra levar nessa nossa terra que tenho muita saudades quando acabar o meu sorviço ponto olha amigo tu faz um grande favor de dizer Luiza tou á muito tempo espera da carta dela já escrevi duas vez penço muito nela só ela não

escreve para mim nunca talvez tá doente tu meu amigo manda dizer tudo como é mesmo ponto não sei ovi dizer vida aí tá melhor a gente tem mais sorte para arranjar o trabalho manda dizer meu amigo se poço arranjar o sorviço na ponte cais para eu porquê a vida aqui é boa mas cada vez estes gajos só quere tirar as forças dos nossus corpo para fazer o grande dinheiro de eles á aqui mesmo grande zatice com estes negócio como eu tava pençando quando estava no Marandal. mas não vale a pena tar agora falar nesta coisas

vira carta

olha peço a você entregar este bilhete pra Luiza porquê tou com medo carta que eu escrevi pra ela muito tempo não recebeu ou perdeu no caminho ou algum gajo roubou porquê eu mandava duas libras pra ela ponto é verdade é um caso muito sério meu querido amigo agente custuma tar aqui depois já não quere ficar mais na nossa terra tem aqui muitos tipos daí que só tá pençar voltar aí para guzar o dinheiro que ganhou aqui com vinho e as gajas e voltar logo pra aqui quando acaba o dinheiro; bem isto deixa aparte ponto não esquece me mandar dizer no correio de depreça tem trabalho aí porquê eu quero ir embora fugir daqui quando arranjar algum dinheiro pra aguentar as despesas da minha casa o tempo que não tem emprego. Não diz nada disto pra Luiza porquê eu também tou dizer mesma coisa nesta carta que mando pra ela ponto agora ando prender ler escrever como um gajo da nossa terra que sabe tudo mesmo bem e tem muito livro bom pra agente fazer tudo bem feito como outra agente que anda nas escola. O. K.

teu amigo que manda muito abraço João Xilim
10 de Fevereiro.

Rafael acaba de ler e sorri.

— O gajo está chateado com saudade da mulher. Mas ela aqui só está é gozar... Precisa dizer a ele um dia que já anda enfeitado...

Revira o bilhete nas mãos. Por fora tem escrito: Esclenticima Senhora Ilustricima minha Senhora D. Luiza Maulane (Xilim) cuidado meu amigo Rafael. Como o bilhete não está fechado, Rafael lê:

Minha querida filhinha e amorzinha Luiza eu escrevo estas linha Deus quere tu não tá doente. Duas carta eu escrevo pra você não recebi risposta parece tu esquece nois dois somos

casados na igreja eu mando com muitas saudades ponto. Filha sei eu que não tás contente cumigo por causa não lhe fis as suas vontades mas tu sabes aí já não tinha sorviço muito tempo e não podia aguentar mais tar assim só você e tua mãe a ganhar o dinheiro pra agente comer. mas faz paciencia Deus quere volto da minha viagem quando acaba este contrato que falta so quatro mês escrevi pra Rafael me arranjar trabalho na ponte cais ponto — filha dentro deste tempo fiquei sem ti eu magreci e noite pra mim é ano quando penço noças brincadeiras nem como nem dormo. infi,

vira carta vai na otra pagina

filhinha tu é anjo é uma lua cheia é estrela quando trabalho este sorviço nem tenho mais vontade de ficar nesta terra Lui-zinha fôce não é por causa dinheiro e contrato que tem aqui eu ia embora já. Adeus filhinha já é 1 hora da madrugada não tenho o sono cumo tinha custumado durmir duas peçoas agora pesa dormir suzinho Eu volto quando acaba direito de esta vida só falta os quatro mês pra acabar ou quando demorar eu invio 5 libras não penças poço vou esquecer nunca ti ponto muito bonoite mas faz favor não esquece escrever porquê assim isto não aguenta e esta carta chegará nas suas mão mulhada cum lagrimas minha cabeça tá doer muito recebe mil beijinho pra todo corpo que é meu do seu sempre amor

João

Rafael pensa que o seu amigo João Xilim fazia bem em ficar nas minas e não voltar mais. Ele quer vir embora porque está embeizado por Luísa. Mas a mulher dele desde que andou metida com Sr. Esteves e o cantineiro a deixou, já pertence a quase todos os homens que possam pagar o preço de aluguer do seu corpo. Nunca mais há-de ser de João Xilim. Vidas apodrecendo, é que ele há-de encontrar quando um dia chegar. Sofia Mais Velha, de que João Xilim gostava porque lembrava a avó dele, agora governa a vida arranjando raparigas para os brancos que vêm encomendá-las. A princípio, ela contava a sua vida de viúva infeliz a toda a gente. E quando acabava de contar, apontava sempre para a cabeça embranquecida:

— Minha vida tá aqui... olha...

E toda a gente ficava com pena da velha negra. Ainda menina, Sofia esteve alguns anos em Lisboa. Até andou lá numa escola de brancos. Quando os patrões voltaram e a trouxeram, ela já estava uma mulher. Encontrou Jacinto, contínuo numa repartição pública, apaixonou-se por ele, deixou a cidade

pelos subúrbios, para casar. Os patrões falaram de ingratidão e chamaram-lhe uma negra como outra qualquer. Mas Sofia era feliz. Durou pouco tempo aquela felicidade. Jacinto morreu cedo e os filhos tiveram que sair da escola. No tempo do pai, não faltava respeito como na casa dos brancos. Mas depois de Jacinto morrer, ela não conseguia ter mão neles. Ralhava, queixava-se, pedia. E dizia que a gente nasce com o destino todo escrito no Livro Grande que o Pai do Céu guarda lá em cima. Melhor seria que Deus mandasse ordem para ela abandonar a terra.

Os filhos de Sofia Mais Velha descarrilaram. Dizem que o do meio já andou a contas com a polícia. E nenhum quer saber da mãe. E Sofia conta a sua vida toda à gente:

— Té filha daquela já chamaram a mim... Vê lá minha sorte...

Se fosse mais nova, com o prestígio que tinha, não deixaria de arranjar um homem que a quisesse receber como companheira. Assim, depois que os filhos a abandonaram definitivamente, Justino pretendeu ajudá-la, sugerindo que ela ainda poderia ter um nível de vida razoável, engajando negrinhas para servirem na cidade. Sofia pensou no assunto e concordou. Mas logo viu que o negócio proposto por Justino era outro. Justino mandava fregueses. E Sofia Mais Velha começou a receber visitas de brancos que deixavam os automóveis na berma da estrada e seguiam a pé pelo atalho que acaba na sua barraca de madeira e zinco.

— Eu queria uma rapariga assim...

E indicavam a idade, o feitio do corpo. Negócio sujo que faria indignar os patrões de Sofia se ainda fossem vivos. E até a menina que andou numa escola em Lisboa, coraria de vergonha.

Um senhor da cidade viu uma negrinha no quintal de Sofia e falou em a levar. A velha protestou, mandou o senhor embora. A negrinha era ainda uma criança com os seios como dois botões mal desabrochados. Mas o branco da cidade voltava todos os dias, parava o automóvel na estrada, oferecia muito dinheiro para a mãe da rapariga e para Sofia se conseguisse levá-la sem complicações.

— Eu arranjo uma casa só para ela. É a sorte dela, vai ver. E para si, também.

Sofia Mais Velha obteve o consentimento da mãe da menina, com uma importância fixa. Mas ainda hesitava, envergonhada com a ideia de entregar a menina virgem por dinheiro.

Passava as noites sonhando com notas grandes nas mãos enrugadas, libertando-a da miséria até à hora da morte que já não viria longe. Os filhos não queriam saber dela. A sua carapinha estava embranquecida antes de tempo.

O automóvel voltava todos os dias. O senhor da cidade insistia:

— Você está estragando o futuro da rapariga. Pense bem, até amanhã. Mas se amanhã não der uma resposta, não volharei mais.

Dois dias depois, Sofia Mais Velha já não contava a sua vida a ninguém.

Armaram um estrado no meio do campo de futebol do Invencível. E nas tardes de sábado e domingo, um membro da Direcção do Clube anuncia ao microfone:

— Senhoras e senhores, está aberto o recinto de dança ao ar livre. Fazem favor...

E repete em língua nativa para aqueles que não entendem bem o português.

A volta do rectângulo, dispõem-se as barracas de bebidas e comidas, divertimentos, negócios de bugigangas por meio de rifas.

O locutor de serviço não pára de falar. Ele está vendendo toda a gente e ninguém o vê metido na cabina da barraca grande. Diz os nomes de algumas negras e mulatas mais conhecidas no clube e que vão entrando no campo. E elas sentem-se envergonhadas e, ao mesmo tempo, envaidecidas, por os seus nomes ecoarem ao ar livre, ali no meio de tanta gente.

Alguns negros protestam contra a entrada dos brancos. Eles não têm nada que fazer numa festa dum clube africano. Os negros também não vão às festas dos clubes de brancos. Mas um membro da comissão de festejos diz que a entrada é livre, ali não há distinção de raças e o Invencível precisa de receitas. Para isso é que se fizeram as festas. Até mandaram uma notícia para os jornais que eles publicaram de graça.

Os brancos que vieram são quase todos os mesmos que atravessam de noite a porta do quintal da Casa do Caju para se irem deitar com as negras e as mulatas que tomam os quartos de aluguer e frequentam outras casas onde se vive do mesmo negócio. Às vezes, armam-se desordens. Uma vez apa-

receu a polícia num bairro e ameaçou prender as mulheres se aquilo se repetisse.

O locutor, já com voz rouca, berra ao microfone os nomes das músicas que o gira-discos toca e pede às senhoras e senhorinhas que não se escusem aos convites dos cavalheiros para irem dançar.

Uma mulata avança para o estrado com um branco. É Luísa e um soldado de cavalaria. O locutor aplaude e gracia. João Xilim, desgostoso mas sereno, pensa que não tardará muito que ela própria tenha o seu quarto num componde para receber qualquer homem. Algum tempo depois, irá para um hospital e, de queda em queda, acabará por ir morar numa palhota, na miséria.

Agora, mais pares estão dançando no estrado. Aparece muita gente que foi aos desafios do campeonato de futebol no campo do Vitória e vem acabar a tarde na festa do Invencível.

Um mulato conhecido aproxima-se de João Xilim e pergunta:

— Você já viu a barraca do feitiço?

— Ainda...

— É engraçado. Tem lá uma branca que sabe a vida da gente e parece que diz também o que vai acontecer...

João Xilim não dá importância àquela novidade. Está é pensando em Luísa que continua a ser sua mulher porque ele ainda não se divorciou dela. Chegou apenas há quinze dias e a notícia da infidelidade logo lhe foi dada. Não tivera qualquer reacção violenta. Nem sequer a procurara para uma explicação. Não valeria a pena. Tinha que esquecer e acabar oficialmente com o casamento. Mas já alguém lhe garantiu que tendo casado pela igreja o casamento deles não se poderá desfazer. Ficarão amarrados para sempre. Só ele sabe como anda sofrendo com a traição da mulher. E, mais ainda, com a sua falta. Sente uma dor muito profunda que não contaria a ninguém. Nem seria capaz mesmo que quisesse. A indiferença dele é para os outros verem. Uma saudação de um conhecido desvia-o dos seus pensamentos. E lembra-se de que há pouco lhe falaram numa barraca e numa mulher que adivinha a vida de cada um. E dirige-se para lá. Tudo quanto lhe acontece é tão estranho que talvez valha a pena falar com quem também descobre nas pessoas o que é estranho.

Está muita gente ao balcão, esperando a vez. Mas a branca das adivinhas não aparece. Fica lá dentro, na barraca de lona, a pegar nas mãos das pessoas, olhando com atenção

e dizendo coisas das vidas delas. É o que informam os que estão à espera de entrar, em conversa. As negras saem sempre a rir, um riso nervoso. Algumas mulatas vêm para fora pensativas, como se a cigana tivesse profetizado desgraças ou negado o direito à felicidade.

João Xilim decide que também irá experimentar a leitura da sua sorte. Para não ser apanhado desprevenido e poder defender-se, em parte pelo menos, da má vontade do destino para com ele. Mas quer ir sem pressa. Espera a sua vez e o movimento já vai diminuindo. Encosta-se a um poste, olhando para ver as expressões das pessoas que saem. Deixa-se estar quieto. Um homem não deve correr para surpreender a sorte que o espera.

Entra na barraca serenamente. Ele não acredita muito naquela história de adivinhas, mas gosta de saber como é que a branca inventará o futuro de cada um. A velha Pepita lê a sina. A filha maneja um baralho de cartas que vai deitando em cima de uma mesa, a pronunciar palavras em espanhol, indiferente ao trabalho da mãe. A velha faz um aceno a João Xilim. O mulato senta-se num banco em frente dela e estende a mão. Antes de mais, pergunta:

— A senhora adivinha mesmo tudo?

— Só o futuro.

João Xilim agora ainda acredita menos na cigana. Qualquer pessoa pode contar uma história sobre aquilo que ainda não aconteceu. Mas ele já não tem outra solução senão ficar e ouvir as palavras que a cigana quiser dizer.

— Você anda triste porque sua rapariga deixou você... E bonita que ela é...

João Xilim embatuca. Até aqui ela está falando verdade e tinha dito que só conhecia o futuro.

— E você gostava de hablar com ela mas tem vergonha daquilo que outra gente pode dizer...

Levanta-se num impulso. Não irá tolerar que a velha faça insinuações a respeito da sua honra. Mas a cigana segura-lhe a mão com força e ele torna a sentar-se. Afinal aquela mulher parece mesmo ser uma feiticeira de categoria. Pepita, finalmente, fala do futuro. Diz muitas coisas, numa mistura de espanhol e português que ele mal consegue perceber. Mas entende que a cigana alude a desgraças e mortes e à felicidade que há-de vir depois.

João Xilim sai e deixa-se estar por ali, pensando no que a cigana lhe dissera. E então vê Luísa que deixou o estrado

da dança e veio atraída pela curiosidade das outras mulheres. Passa pelo marido e finge que não o vê. João vira a cara com desdém.

Luísa demora-se muito tempo na barraca. Quando chega à porta, diz para o soldado que a espera:

— Vou morrer cedo, ela falou...

Dá uma gargalhada e saracoteia-se. Olha então para o marido.

— Ih! Ih! seu rei das minas, já nem fala mais à gente!...

— Homem de vergonha não conhece mulher ordinária como você!

— Homem de vergonha um corno assim?!... Ninguém tá ouvir?... Ah! Ah! Ah!

Mas não ri mais. João Xilim puxa dum punhal e mancha de sangue a folha nova. O soldado esgueira-se por entre o grupo de curiosos em gritaria. Levam Luísa para o Hospital. Dois polícias prendem João Xilim que não oferece qualquer resistência.

E aquele foi o último dia das festas no campo de futebol do Invencível.

Custou para arranjar entrada na sala das audiências. Até parecia que havia gente que não tinha emprego e tudo servia para passar o tempo. Se não fosse Sr. Xavier, o mulato oficial de diligências que conhecia João Xilim e os empurrou para uma nesga ao fundo da sala, Rafael, Marcelino e o velho Justino não teriam conseguido assistir ao julgamento. Durou só um dia. Julgamento de pessoa sem categoria dizem que é quase sempre assim. João Xilim não tem advogado. Gente pobre apenas pode contar com defesa oficiosa. O Sr. Juiz escolheu o Dr. Ramires.

— Eu vou falar com senhor Doutor Ramires, Rafael.

— Para quê? Não adianta nada, Marcelino. Justiça tá feita. Só mesmo Deus pode mudar a sorte de João e eu nem sei bem se ele pode.

O Delegado do Ministério Público acusa:

— Senhor Doutor Juiz, serão poucas as minhas palavras pois é tão evidente ter sido cometido um crime de homicídio voluntário e premeditado, que quase me basta pedir a justa aplicação da lei. O réu, quando regressou das minas não pôde suportar a sangue-frio que a vítima lhe tivesse sido infiel. Respeitamos a sua dor, o seu desgosto, enfim, compreendemos até que não fosse capaz de perdoar a traição da mulher. Mas a vingança é inadmissível e o acto do réu merece o castigo que a lei impõe. Ficou sobejamente provado nos autos que o crime foi premeditado. O réu andava armado com um punhal desde que chegara. Para quê, senão para, mais tarde ou mais cedo, na primeira oportunidade, encontrar a mulher e vingar a afronta que ela lhe tinha feito? Declarou o réu que o seu encontro com a vítima foi casual. Mas há testemunhas

de que ele era visto frequentemente passando perto da casa onde a mulher vivia. E ainda algumas horas antes de cometer o crime, a testemunha Simão Sulemane o vira rondar por ali. A sua presença nos festejos no campo de futebol do Clube Invencível, para quem andaria tão desgostoso, só tem explicação na intenção de se encontrar com a mulher, para, como se tornou evidente, a assassinar. Nada mais me resta dizer que pedir ao Tribunal que faça plena justiça, condenando o réu a uma pena severa para que fique como exemplo num meio onde os crimes passionais estão a ser cada vez mais frequentes.

Marcelino cochicha:

— Olha, Rafael, isto não acaba mesmo sem eu ir ali falar para toda a gente saber a verdade.

— Não faz isso. A gente não manda nada e até haviam de prender você.

De estatura pequena, magro, quase insignificante dentro da toga, o Dr. Ramires levanta-se na bancada da defesa. Tem fama entre os pobres. Diz-se que muitas vezes recusa boas causas para não deixar de tomar conta de processos de quem não possui o suficiente para pagar a um advogado. Põe serenamente os óculos e fala com uma voz firme que está em contraste com a miudeza do seu corpo.

— Senhor Doutor Juiz! Sabe V. Ex.^a que não estou aqui, nesta bancada, por escolha do réu que defendo. Estou aqui porque V. Ex.^a me designou e humildemente agradeço a honra que me concedeu porque sempre me sinto honrado por defender aqueles que não dispõem dos mínimos meios para pagar a um advogado.. Sabe V. Ex.^a também que o faço com a mesma devoção pela justiça que dedico à defesa daqueles que me pagam os honorários.

Esse homem que aí está sentado, é um homem de cor, nascido da fusão de duas raças que, quantas vezes, igualmente o desprezam. Sei que, só por esse motivo, merece a antipatia de muita gente com graves responsabilidades no cumprimento de códigos morais.

Senhor Doutor Juiz, conversei demoradamente com o meu constituinte e conversei também demoradamente com a mulher que pertenceu a esse desgraçado. E aprendi muita coisa, Senhor Doutor Juiz, sobre a infelicidade que, por motivos raciais, a ambos acompanha desde que se conhecem.

E agora, prestarei a V. Ex.^a, Senhor Doutor Delegado do Ministério Público, os poucos mas indispensáveis esclareci-

mentos que devo para explicar, peço desculpa a V. Ex.^a pelo atrevimento, o que V. Ex.^a não pode entender do processo que este Tribunal está a julgar. Ao querer apontar como circunstância agravante, o facto de o réu ser portador de um punhal, V. Ex.^a ignorou que o mulato pouco evoluído, que também existe mercê do desprezo completo que frequentemente lhe vota desde a infância o pai branco, tal como o negro subdesenvolvido, é um ingênuo para quem o chibantismo tem que ser exibido para agradar à mulher amada. E não me repugna acreditar que o réu, ao rondar a casa de sua mulher, trazendo à cintura um lindo punhal adquirido no estrangeiro, tinha apenas em vista cativá-la de novo para poder reconstituir a felicidade de ambos que unicamente a leviandade dela tinha desfeito. Pode alguém admitir que um homem que pretende matar ande a exibir por toda a parte a arma com que cometerá o crime? Só um doido o faria e parece-me que essa hipótese não se aplica de qualquer maneira ao réu. Além disso, por quem foi visto o réu a rondar a casa, onde habitava a vítima, à beira de um caminho que o réu tinha forçosamente que percorrer para se dirigir à estrada principal ou regressar dela? Pela testemunha Simão Sulemane que não oferece nenhuma idoneidade porque o Tribunal muito bem sabe, está provado no processo, que era na altura um dos amantes da vítima.

Mas, Senhor Doutor Juiz, há uma peça no processo que parece ter passado despercebida e quando muito provocaria a troça de quem a leu. Pois, Senhor Doutor Juiz, é apenas uma meia folha de papel encontrada num bolso das calças do réu quando foi preso. Uma meia folha de papel modesto onde ele escreveu alguns versos de comovente ingenuidade e que vou ler:

Ó terra onde eu nasci
E uma vez fui embora
E mesmo longe de ti
Só pençava nesta ora
De ter a minha mulher
E ela se foi embora
Na vida que deus quiser
Eu fiquei sem mais ninguém
Já não quero tal mulher
E mais nenhuma também
Pra não perder o juiso
Que vá embora já aviso
Esquecer é que eu não possu

A dor do meu coração
Deste amor que era nossu
E ela agora diz que não
Nem a quero outra vez
Mas sempre penço nela
Todos os dias do mês
E tou á espera de ela
E se mesmo não vem ela
Eu é que vou procurar
E trazer á minha sorte
Eu lhe quero perduar
Até chegar minha morte

Estes versos simples mostram exactamente a qualquer pessoa de boa fé que o réu só tinha a intenção de perdoar e não a de matar ou de ferir. Que as palavras insultuosas da mulher lhe tivessem alterado o espírito e levado a um acto de violência não premeditado, creio em consciência que se comprehende, e de tal infelicidade ninguém, por mais bem formado que seja, poderá considerar-se livre.

Nada mais desejo acrescentar, Senhor Doutor Juiz. Peço justiça ao Tribunal na pessoa íntegra de V. Ex.^a.

Quando se senta, fatigado pela exaltação sincera das suas palavras, impõe silêncio na sala. Ninguém se atreve a mexer-se sequer. Depois os mulatos e os negros têm vontade de bater palmas, com lágrimas nos olhos. O juiz suspende a audiência para daí a meia hora ser lida a sentença.

Rafael e Marcelino aproximam-se do oficial de diligências.

— Apanha, senhô Xavier?...

— Apanha, meninos, apanha...

João Xilim apanhou cinco anos e agora está na cadeia à espera de transporte para a fortaleza. Luísa convalesce no hospital.

O velho Justino quando sabe da sentença, diz para Rafael:

— Olha, rapaz, eu tou com remorso. Por causa de eu é que Luísa descambou.

— Deixa lá, foi Deus que quis assim mesmo. A gente nunca mais vê João...

E cala-se para não soluçar. Rafael e Marcelino vão à cadeia para se despedirem do amigo. Justino não quer ir.

— Olha, diz a João que eu tou arrependido. Diz que eu, se não era velho assim, eu ia no lugar de ele ou ia com ele.

Rafael sente pena do velho. Ele talvez tivesse estabelecido a aproximação entre Luísa e Sr. Esteves, mas a grande culpa não foi dele. Foi daquela desgraça de nascer mulato. Mas haverá outros pecados que Justino não confessa a ninguém e agora o fazem sofrer perante o infortúnio de João Xilim.

Na cadeia, o condenado despede-se dos amigos. Marcelino diz, comovido:

— Olha, João, tu sabes nós somos amigos de verdade. Como vai ser agora? Bem, mas sabe, Deus é bom e tu há-de ter sorte. Minha mãe queria vir. Mas não aguentava. Ela manda um abraço para ti. Era quase mãe de você, João...

João Xilim sucumbe à emoção. Abraça os dois amigos e chora convulsivamente. Rafael aperta os queixos para não se deixar vencer e não chorar também. Despedem-se com um último abraço que não quer acabar.

O sentenciado segue para o navio, escoltado por uma guarda. Rafael e Marcelino vão ao cais. Embora tenham a certeza de que não podem tornar a ver o amigo. Mas, olhando para o navio a largar, é como se os peitos deles estivessem ainda a apertar o peito de João Xilim, amigo infeliz e perdido talvez para sempre. E ficam ali, sem fadiga, até que o navio não é mais do que um pequeno vulto indistinto na imensidão do azul-verde do mar.

Voltam silenciosos. Marcelino pensa:

— Pra quê querem a gente civilizados? Agora mesmo, João Xilim vai a sair a barra com cinco anos em cima das costas. Pra quê roubaram o meu amigo? Sofia Mais Velha anda a ganhar dinheiro com as raparigas. Os brancos pagam, levam as raparigas e depois cansam depressa e querem outras novas. Depois elas não voltam mais ao bairro onde nasceram. Andam de mão em mão, por todo o lado, até ficarem trinta anos mais velhas do que são. Às vezes, nasce um filho. Filho de ninguém, esta porcaria com pele nem preta nem branca que toda a gente cospe em cima. Para quê tudo isto?

Chegam à Casa do Caju. O velho Justino, ao balcão, de cara fechada. E a cantina parece, nesta hora triste para os amigos de João Xilim, uma casa estranha onde todos vão para se enganarem.

O negro Isidro chefiara a única quadrilha de que havia memória na pacata cidade, roubando as casas mais ricas, intimidando as autoridades, pondo a população em sobressalto durante alguns meses. A polícia fez-lhe cerco mais apertado. Perseguido e abandonado pelos companheiros, matou um dos policiais que lhe descobriram o esconderijo perto da fronteira. E o futuro 109 da fortaleza acabou por ser preso, julgado e sentenciado à pena máxima.

Aparentemente, não é a sua conduta motivo para lhe darem regime prisional de exceção. Não há provas flagrantes de que ameace a segurança ou a ordem do presídio. No entanto, o 109 é diferente de todos os outros presos da fortaleza. Discute com o pessoal, serenamente, certas determinações, sugere respeitosamente modificações que trazem melhor rendimento administrativo, propõe iniciativas, está sempre pronto a colaborar com as autoridades. E lá dentro, todos reconhecem no 109 um homem que deixou a alma fora da fortaleza em qualquer lugar por onde teria andado e se teria sentido mais livre. Um homem apesar do número marcado na blusa de degredado. Isidro desconcerta ainda, depois de dezasseis anos de cumprimento de pena. E prefeririamvê-lo passivo como os outros, quando muito contador de dias, meses e anos.

João Xilim entra na fortaleza sendo assim Isidro o sentenciado sempre em destaque. Mas o mulato foge à influência dos momentos emocionais provocados pelo procedimento do 109. Furta-se a qualquer tendência para adaptação ao novo meio, que terá de suportar durante cinco anos. Acabar a pena sem se distinguir dos restantes presos, é a sua única preocupa-

ção. Basta-lhe decorar e não esquecer o número de ordem entre aquela enorme massa de sentenciados para que possam chamá-lo e ele responder. E consentir docilmente que o mandem andar ao passo necessário pela estrada longa de certezas mais ou menos iguais em que falta a da liberdade. Quer passar despercebido, evitar o mais possível o convívio com os outros, repudiar as suas confissões e não se confessar a ninguém.

— Não, eu não tenho nada com a vida deles! E eles não têm nada com a minha vida!

Por isso renuncia, hora a hora, a uma vida em comum com os companheiros da prisão, despreza possíveis amizades, ignora aquele sopro de solidariedade que aglutina os sentenciados mais evoluídos em volta do prestígio de Isidro. Então, o director do presídio manda-o chamar e elogia-lhe o comportamento, informa-se da sua situação penal, alude aos indultos anuais. E mostra-se disposto a protegê-lo se continuar a ser um elemento disciplinado e usar da sua influência para que os outros condenados sejam também disciplinados. O mulato agradece, timidamente, sem conseguir articular uma promessa. Compreendeu que pretendem que ele seja o elemento que equilibre entre os sentenciados o prestígio do 109. Cá fora, olha o extenso campo onde os que ali trabalham suspendem as suas ocupações para o seguirem fixamente com a vista. Quantos não estarão ali, habituados também a amaldiçoar quem os condenou ou fez condenar, às mesmas velhas horas das noites de degredo, esperando ansiosamente o dia da libertação. E recorda-se num instante de tudo o que ficou para trás. De patrão Campos, embrulhado com a mãe Kati na mata à beira do rio; de Maria Helena impondo-lhe o exílio; do fogueiro Jaime, chorando a infância insultada; de Luísa e do cantineiro, apertados num abraço que o atraiçou; do Dr. Ramires falando no tribunal da infelicidade dos mulatos desde a barriga da mãe. E desejava que os seus braços pudessem alongar-se para envolverem com um gesto de ternura todos os sentenciados da fortaleza que, sem serem maus, se mancharam com ele, numa hora de fatalidade. Desce devagar os últimos degraus e passa silencioso pelos companheiros. Mas, ao passar junto do negro Isidro, ouve-o dizer para o seu grupo:

— Vocês não acredita nele. Mulato não é gente de confiança. Tem sangue de branco. Não quer saber da sorte de preto para nada! Já ensinaram a ele maneira de tramá a gente.

Dói-lhe a desconfiança como se lhe batessem. Dá ainda um passo para ir explicar ao 109 que não tem culpa da traição de mãe Kati com patrão Campos. E que nunca será capaz de estar contra os seus companheiros de desgraça. Mas o ressentimento torna-se mais forte do que a vontade de esclarecer. E afasta-se, calando a resposta oportuna à acusação injusta do negro Isidro.

João Xilim foi destacado para ir aprender o ofício na tipografia do Depósito de Sentenciados. Depois de fechada a oficina, pode ausentar-se para fora da fortaleza até ao pôr-do-sol. Regressa então e dorme numa caserna com outros operários mais evoluídos e condenados a penas leves. Apesar de todas as recordações e do compromisso de isolamento, quer gozar esta sensação de liberdade, embora precária e limitada. O seu primeiro contacto com a gente livre foi deprimente e doloroso. Parecia-lhe que todos olhavam para sua blusa de sentenciado com medo e repulsa e tentavam fixar o número que o identificava entre a multidão de presos. Chegou a admitir que se afastavam dele. Mais tarde, habituou-se e quase se esquece agora de que continua a ser um homem que foi condenado a cinco anos de prisão. A gente de fora fala com ele como se tratasse com um homem livre. Ninguém ali teme os sentenciados porque os perigosos nunca saem da fortaleza. Muitos dos habitantes da cidade vivem de fornecimentos para a fortaleza e dependem da existência daqueles homens que vêm dos lugares mais diversos para cumprir as suas penas.

Começa a arranjar conhecimentos aqui e ali na cidade. Gente com quem troca, a princípio, um simples cumprimento de passagem, boa-tarde, passou bem, bem obrigado. Mas, ao longo dos meses, conversa com os homens livres; e quase se sente igual a eles, desprendido da sua condição de sentenciado.

Aproveita as duas escassas horas após a saída da oficina, para frequentar a loja do monhê Ibrahimo onde os sentenciados se encontram com os mulatos da cidade e também um ou outro branco. Gosta de ficar ali, ouvindo as conversas dos fregueses, embora só raramente tome parte nelas.

Já várias vezes reparara no branco da Secretaria do Depósito. Nessa tarde, Tomás de Oliveira aparece na loja com um braço ao peito. Senta-se no seu lugar habitual, e manda vir, como sempre, um bule de chá e uma chávena. Não fala com ninguém. Abre um livro e não levanta os olhos

da leitura. Às vezes, pega num lápis e escreve qualquer coisa no livro. Acaba bebendo o chá frio.

Entra um outro branco, também empregado na fortaleza. Foi sentenciado e não quis deixar a cidade depois de acabar de cumprir a pena. Vai à cantina do monhé para beber conhaque. E só de lá sai mais ou menos bêbado. Chega ao balcão e pede:

— Ibrahimo, a receita! Depressa! Depressa que se faz tarde!

O monhé sorri. Mede bem o conhaque e acaba de encher o copo com soda. O branco bebe-o em dois tragos.

— Outro que a prova não está má!

E bebe o segundo copo mais devagar. Limpa a boca às costas da mão e olha demoradamente para as pessoas que estão na cantina. Vê Tomás de Oliveira com o livro aberto na sua frente e o chá arrefecendo na chávena. Aquilo irrita-o. Se aquele tipo tem a mania de ser diferente dos outros porque é que se vai meter ali numa baiuca destinada aos tipos da ralé da cidade que se estão marimbando para os livros? E comenta em voz alta:

— Palermóide!

Tem vontade de arrancar o livro e rasgá-lo, de atirar a chávena contra uma parede. Volta as costas lentamente e grita para o monhé:

— Mais um copo, que isto aqui é a igreja do vício! As malvas a virtude!

E olha, de novo, fixamente, para Tomás de Oliveira que continua apenas interessado na sua leitura e deixando arrefecer o chá.

O branco do conhaque fica meio embriagado. Bate com força o copo no tampo do balcão e diz a Ibrahimo:

— Põe na conta que eu cá sou de reacções lentas. Sou filho do atraso, está a ouvir?...

O monhé, timidamente, pede:

— Patrão... patrão... faz favor... a conta... Patrão já deve faz quase três conto... tem muita despesa patrão... faz favor...

O branco responde-lhe, baixo:

— Cala-te, cala-te, olha que eu conto à tua mulher aquele negócio com a rapariga que descabacaste! Queres?

— Está bem, patrão... mas quando pode pagar alguma coisa... Tem grande despesa agora, patrão...

— Não as arranjasses, maldito!

Acerca-se da mesa onde está Tomás de Oliveira e, com um sorriso irónico, sauda-o em voz alta:

— Ora viva o senhor Oliveira!

Tomás de Oliveira levanta os olhos como se regressasse de muito longe. Com ar indiferente, corresponde ao cumprimento:

— Boa-tarde, senhor Marques.

E baixa os olhos tranquilamente, disposto a prosseguir na leitura. Mas o outro, especado na sua frente, insiste:

— Vai um conhaquesinho? Uma bebida inofensiva, senhor Oliveira...

— Não, muito obrigado.

— E um cigarrinho?

— Também não, obrigado.

— Está-me cá a parecer que o meu amigo é dos tais que...

— Que quê?!

— Que não bebem, não fumam, nem...

Tomás de Oliveira levanta-se de um salto. Atira, instintivamente, com o braço direito para agredir o Marques. Mas sente uma dor violenta e deixa-o cair, impotente. Utiliza o braço esquerdo. O Marques, porém, facilmente o domina. Ficam olhando um para o outro, odiando-se. João Xilim intervém então:

— Se quer brigas, bata num homem que pode jogar os dois braços!

— Não sujo as mãos nas ventas de um mulato!

— Pois há-de sujar mesmo, se for capaz!

E a primeira bofetada é de João Xilim. Entregam-se à luta como dois rivais de longo tempo. O monhé Ibrahimo, a tremer, anda de um lado para o outro, suplicando:

— Não faz isso, não faz isso... A polícia vai fechar minha loja... Faz favor patrão...

Entra por acaso um soldado que os aparta. O Marques, espumando raiva, afasta-se a ameaçar:

— Havemos de nos encontrar outra vez, negro de meia tinta!

— Quando quiser, seu valentão!

A intervenção de João Xilim sensibiliza Tomás de Oliveira. Convida o mulato a ir ao seu quarto. Quer manifestar-lhe a sua gratidão. Lê-lhe livros e obriga-o a assimilar as mensagens de quem os escreveu. João Xilim vai descobrindo novas raízes da vida, compreendendo verdadeiramente os

homens que em todos os lugares do mundo têm uma linguagem de fraternidade para falar aos outros por mais distantes que se encontrem e por mais diferentes que sejam as suas condições.

* * *

O negro Isidro cada vez mais sente a presença do mulato João Xilim como a de um intruso. Pretos ou brancos é que ali deviam estar, bem definidos nas suas origens. O mulato representa, para ele, um elemento duvidoso, colocado entre os presos numa missão que não poderá ser de solidariedade. Agente de informações, pensa o 109. Por isso tinha sido chamado ao gabinete do director para receber instruções. Um homem de fora que talvez nem tenha sido condenado em nenhum tribunal, vestido de sentenciado só para conviver com os desgraçados, ouvir o que eles dizem e transmitir depois a quem o pôs ali. Ou rir-se deles e ir-se embora qualquer dia sem ninguém chegar a saber ao certo quem ele é. João Xilim passa a ser o inimigo de Isidro, um símbolo que apareceu na fortaleza para ele combater na sua qualidade de condenado à pena máxima, fechado até à morte dentro das muralhas dum presídio.

O velho sentenciado tem pela primeira vez na prisão, um objectivo definido: lutar contra o homem que surge diferente de todos eles, iguais entre si, vencê-lo e expulsá-lo derrotado. Para isso, de noite, deitado na tarimba, enquanto os outros vultos anónimos dormem embrulhados nas mantas sobre as esteiras, pensa estabelecer um plano que possa pôr em execução eficazmente para atingir o seu fim. Um plano que represente um acto pessoal que lhe traga à frente, destacado, com a assistência dos presos e de quem manda na fortaleza, aquele mulato que ali entrou a mais. Cada hipótese é estudada por menorizadamente, ao longo de horas roubadas ao sono, e rejeitada porque não satisfaz em absoluto. Até que, uma noite, um plano lhe parece viável em todos os sentidos. Servir-lhe-á algum dinheiro que conseguiu trazer para a fortaleza sem que nenhuma revista tivesse podido descobri-lo. Dinheiro do último roubo. Guardara-o sempre, recorrendo a vários estratagemas, como um depósito à ordem para uma liberdade impossível. Agora irá gastá-lo para iniciar uma luta contra o mulato e derrotá-lo onde só a raiva de Isidro pode ter lugar.

A troco de uma boa recompensa, consegue que um

ex-sentenciado lhe traga da cidade uma garrafa de whisky, bebida que ele provara uma vez durante um assalto e sabe que embriaga facilmente quem não esteja habituado. De posse da garrafa, bebe ostensivamente em pleno dia diante de toda a gente e oferece a alguns companheiros que não se fazem rogados. Completamente embriagados minutos depois, são fechados na caserna dos reclusos. Era isso precisamente o que Isidro pretendia. Nessa caserna terão que passar agora os dias, sem qualquer saída. E logo no dia seguinte, quando os serventes vêm trazer o rancho do fim da tarde, mal o chaveiro abre a porta, o negro Isidro dá-lhe dois socos que o fazem desmaiar antes que tenha tempo para reagir. E tira-lhe a pistola. Os serventes, assustados, deixam cair os panelões e fogem a correr e vão contar o que se passou. Entretanto, Isidro põe o chaveiro em liberdade mas desarmado. E pensa:

— Aqui ninguém há-de entrar e eles vão mandar o mulato falar comigo. Não-de mandar. Então, eu mato a ele, eu mato a ele!

O comandante da guarda, informado, decide resolver por si a situação que não tem gravidade. Não se arrisca a ir ele próprio falar com o 109, presumindo que este estará de pistola apontada entre as grades, pronto a abater o primeiro que se aproxime. Então, lembra-se de mandar chamar João Xilim. Encarrega-o, como homem de confiança das autoridades da fortaleza, de dizer a Isidro que se renda imediatamente e devolva a arma porque, em caso contrário, a caserna será assaltada pela guarda e os presos que lá estão, serão todos severamente castigados, principalmente o 109. Entregam-lhe uma pistola.

João Xilim, angustiado, mastiga algumas palavras de aquiescência. Quando sai da casa da guarda, começa a anotecer. Encaminha-se, a passo firme, para a caserna do negro Isidro. Calmamente, chega à janela de grades e transmite o recado do comandante da guarda. O velho sentenciado olha-o fixamente. Todos os outros presos da caserna se colocam atrás de Isidro, assustados e curiosos pelo que se irá passar. Finalmente, Isidro tem na sua frente, só, o homem que escolheu para seu inimigo, e os presos e as autoridades sabem disso, como ele queria. O homem que ele jurou aniquilar depois de o enxovalhar publicamente. Então, com voz serena mas afiada, Isidro responde na língua nativa:

— Eu fiz isto tudo, para os brancos mandarem você vir falar comigo. Agora, toda a gente já sabe que você é mesmo

um moleque dessa gente que prende os negros e manda eles na prisão. E você andou dentro da barriga duma mulher negra! Eu pensei que havia de matar a você com um tiro. Mas é melhor deixar você continuar a viver moleque dos brancos com este cuspo que eu vou deitar no seu focinho! E agora, pode ir embora, filho de branco!

João Xilim sente a afronta com a maior raiva que já lhe tinha passado pelo coração e tem que reagir. Mas ouvem-se gritos. Um vulto vem correndo em direcção à caserna, gesticulando e berrando:

— Bandidos! Bandidos! Negros malditos! Vou matá-los! Vou matá-los a todos!

O mulato reconhece o chaveiro que todos os presos detestam porque os maltrata sempre que pode. E quando ele está a cerca de três metros de distância aponta a pistola e dispara calmamente. O chaveiro, atingido, cai.

Então, os guardas, disparando as espingardas, dirigem-se para a caserna. Ouve-se apenas mais um tiro vindo dali. Abrem a porta e o mulato João Xilim é o primeiro a entrar. Alheio a tudo, debruça-se sobre Isidro quase agonizante. O comandante da guarda interroga, virado para o corpo estendido:

— Mataste o senhor chaveiro, anh?!

João Xilim põe-se de pé para se declarar o autor do assassinato, mas antes de poder dizer uma palavra, o 109 soergue-se e responde numa voz já velada mas que mantém a sua firmeza:

— Sim, eu matei a ele. João Xilim matou a mim...

E o velho sentenciado olha para o mulato com uma tão angustiada súplica, que este de novo se debruça sobre o seu corpo, agora acabado, para lhe fechar os olhos piedosamente.

Depois de muitos dias de hesitação, acabou por se dirigir à Casa do Caju e pedir serviço ao cainteiro, confiando em que Sr. Esteves não o reconheceria com quase cinco anos de ausência do bairro suburbano. Mesmo assim, tremiam-lhe as pernas ao aproximar-se da cantina.

O último acto da existência do negro Isidro, trouxera, com a sua generosidade insuspeitada de todos os outros, um indulto que João Xilim nunca esperara. Cumprira pouco mais de três anos da pena a que fora condenado. E, afinal, ansiara tanto pelo momento da libertação para poder consumar a sua vingança e não tivera coragem para ir direito à Casa do Caju. Andara deambulando pela cidade, pensando e sentindo que esquecera ou renegara muito do que Tomás de Oliveira lhe transmitira, que voltara a ser o sentenciado que não podia despir a blusa numerada que o identificava. E soube que o Justino deixara o seu emprego na loja do Sr. Esteves. Não quer trabalhar mais. Tem a carapinha toda branca e negro quando pinta faz três vezes trinta. Ele é a pessoa mais velha que vive naquele bairro que inclui a Casa do Caju.

O poiso de velho Justino é na casa onde Luísa morou. D. Maria desapareceu, ninguém lhe conhece o paradeiro. O caixeiro da cantina abandonou os lugares que frequentava e foi morar na barraca desabitada de D. Maria. João Xilim esteve na prisão e regressou antes que ele morresse. Para quê, senão para o acusar? O mulato ficou na cidade, sem querer ver logo o bairro da sua mocidade e, para o velho Justino, é a presença errante de Deus que conhece os seus pecados. Luísa partiu para a cidade e ali se fixou. Trabalhando ou vendendo-se? Todas as coisas permaneceram nos mesmos sítios e só

as pessoas a quem as coisas pertenciam nunca mais as desejarão nem aparecerão para as recuperar.

É ali que Justino se esconde todas as noites, porque de dia ele anda por caminhos que já não são frequentados, sem saber para onde ir. Quer ir embora, mas em toda a parte em que ele se encontra, aparece aquela gente que faz palhaçadas do outro mundo. Depois de escurecer, as sombras perseguem-no e o velho afasta-se delas, trôpego e desfigurado, para dentro da barraca abandonada com todos os seus móveis e utensílios. O retrato de D. Maria quando ainda era rapariga, sai da moldura desconjuntada e vem conversar com ele diálogos sem fim de culpas e castigos. E o velho não pode estar só. Por isso, ele compra guloseimas e oferece-as aos garotos para eles lhe fazerem companhia. Então acalma e torna a ser quase o mesmo que era antes de saber que João Xilim voltara da cadeia. E conta muitas histórias. Histórias que diz que se passaram com ele. Mas, na verdade, inventou-as para não ficar sozinho.

— Olha, lá no mato, sabe, vida de preto não é mesma coisa daqui. Aqui, preto precisa andar parecido com branco mas ainda é parecido com macaco...

E conta a história dum macaco. Olha para o retrato de D. Maria. E queda-se pensativo. Quando ele estava na Casa do Caju, apenas falava na língua dos brancos. Agora, porém, fatiga-se depressa e diz a maior parte das coisas na língua dos negros. Continua a contar costumes do mato. Mas ele já não se lembra de nada do tempo de rapaz antes de vir para a cidade e falta-lhe a imaginação. Então atrapalha-se e retoma a maluqueira e enxota os garotos. E eles, de longe, fazem arruaça que o enfurece ainda mais.

O canteiro aceitou o mulato ao seu serviço. Não sabia quem ele era, mas precisava urgentemente de alguém que lhe tomasse conta das vendas ao balcão, conversasse com os negros na língua deles, e, sobretudo, fosse capaz de trazer de novo, para a freguesia da loja, alguns dos que tinham sido afugentados pela maluqueira do Justino.

João Xilim soubera que Sr. Esteves se casara, que tinha uma filha. E, uma tarde, viu Maria Helena no quintal. A branca do Marandal, a filha de patrão Campos, do branco que andara dormindo com mãe Kati, está ali na Casa do Caju, casada com o canteiro que lhe roubara a mulher. Coincidências que lhe doem até ao fundo do coração doente. E volta a sentir o mesmo arrepião total e o mesmo cansaço violento da vida. Depois que tomara conhecimento de que era filho de

patrão Campos, que convivera com o fogueiro Jaime, que possuía a sua própria irmã, que fora condenado por ter tentado matar a mulher que o enganara com o canteiro, que recebera a mensagem de Tomás de Oliveira, que fechara os olhos ao sentenciado Isidro, que regressara à cidade para se vingar do dono da Casa do Caju e procurar logo a morte num lugar qualquer do mato só frequentado pelos bichos, para vir finalmente encontrar a senhora do Marandal vivendo na cantina — a existência é uma permanente gargalhada de escárnio para os seus sentimentos.

Agora o antigo degredado na fortaleza substitui o velho Justino. Apenas uma vez falou com Maria Helena. Ela olhou-o demoradamente, como se fizesse um esforço para se lembrar da identidade das suas feições, mas pareceu não o ter reconhecido. O mulato sabe que está envelhecido e até talvez desfigurado pelos anos de sofrimento que passou. E acha que será melhor que a mulher do canteiro continue a ignorá-lo. Todas as recordações têm, contudo, novamente o sentido antigo. Precisa de vingar-se do que lhe fizeram sofrer.

Sentado no primeiro degrau da cantina, fala para alguns trabalhadores do cais que deixaram de gastar na Casa do Caju.

— Para quê vocês não vêm mais à cantina do Sr. Esteves? Ele não fez mal nenhum a vocês. Continua a fiar, não é? Justino já não sabe nada. Nada mesmo. Vocês não vê que ele está velho? Ficou maluco com a idade. Eu andei muito longe e tou aqui com pena da menina de Sr. Esteves. Que culpa ela tem?

João Xilim quer convencê-los a regressarem ao balcão da cantina. A primeira parte da sua vingança consiste em trazer novamente a prosperidade à Casa do Caju. Os negros concordam a medo com o que ele diz e prometem deixar as outras cantinas para onde foram gastar. Mas Justino atira todos os dias pedras ao telhado da loja, amaldiçoando os seus moradores e frequentadores. João Xilim afiança aos negros que o velho endoideceu porque o filho Simão emigrou para as minas e nem sequer lhe manda uma carta a dar notícias. E porque está caduco. Os fregueses vêm mais vezes. À tardinha, sorrateiro, como um mufana atrevido, Justino mete o braço magro entre os caniços do cercado do quintal e arremessa pedras para a janela aberta da cantina. Os fregueses amedrontam-se, calam-se, depõem o copo no balcão ou na mesa. O mulato, pacientemente, explica mais uma vez a razão das atitudes de Justino. E ri da inquietação deles. Eles, aparentemente, tran-

quilizam-se. Só o mulato esmaga no seu coração o riso aberto da sua boca. Justino anda amaldiçoando todos os lugares que recordam a passagem de João Xilim que regressou da prisão onde cumpriu pena porque ele meteu Luísa nos braços de Sr. Esteves.

Noutros tempos, o cantineiro era campeão das negrinhos que despontavam nos arredores. Agora, casado, torna a procurar as negras, mas aquelas de que se servem os moleques que sobem da cidade. Maria Helena vive na ignorância desta infidelidade nojenta do marido e o caixeteiro chega a ter pena dela. Mas ele não sofreu tanto nem se está sujeitando a servir o homem que odeia para fraquejar um momento.

O movimento aumenta na cantina. João Xilim conta histórias para os fregueses, histórias de todas as regiões que ouvia contar aos sentenciados. Mas a primeira vez que aludem à sua estadia na fortaleza, mostra uma expressão tão carregada que nunca mais nenhum deles lhe falará nisso. Só a Marcelino ele descreveu tudo como se estivesse a reviver, momento a momento, o passado. Também gostaria de falar sobre essas coisas a Rafael; mas o amigo partiu para uma cidade do interior e ainda não mandou notícias.

Por vezes, a filha da antiga senhora do Marandal e do cantineiro, vem de lá de dentro, tropeçando e fica a palrar, brincando com ele. E João Xilim não tem coragem para lhe querer mal. Se a menina fosse mais crescida, o mulato poderia contar-lhe uma história que a faria chorar. Mas também a menina lhe faria lembrar Maria Helena do seu tempo de menino. E talvez não contasse história nenhuma. Ou contaria a de um menino de cor que ainda não conhecia o pecado de mãe Kati, os seus próprios pecados, o Sr. Esteves, a sala do tribunal, os negros numerados, a necessidade de uma vingança. E talvez a menina sorrisse tristemente para ele.

Sr. Esteves despediu as mulheres que moravam nos quartos ao fundo do quintal e mandou deitar abaixo as paredes interiores. E o componde transformou-se em armazém. João Xilim ganhou a confiança do cantineiro. O seu novo trabalho é arriscado mas fácil. Limita-se a ir na camioneta até à fronteira, recolher em silêncio a mercadoria que lá deixaram camuflada e voltar à Casa do Caju. O cantineiro fica na berma da estrada, vigiando as redondezas, protegido pela escuridão, esperando o carregamento.

Maria Helena teme essas rusgas nocturnas. Habitua-se à serenidade dos dias e das noites na cantina desde que o movimento diminuira. Agora, já nem as mulheres vêm ao balcão. A quebrar a monotonia, apenas o barulho das pedras que Justino atira ao telhado de zinco e às janelas.

O marido fizera os possíveis para que ela não notasse que, antes de ir para ali, a cantina fora o entreposto de um prostíbulo. Mas toda a Casa do Caju se impregnara para sempre de um cheiro a vinho azedo e a sexo que acabara por lhe ser familiar. E ela nunca deixou de pressentir que altas horas da noite os homens entravam no quintal e procuravam as mulheres nos quartos do componde até que o transformaram em armazém.

Não há dia algum em que Maria Helena não se recorde do Marandal. Desde que se dera o desastre na mina que o azar entrara na sua casa. Morrera-lhe o pai e lutara com todas as suas fracas possibilidades de jovem mulher para se manter firme à frente da obra que herdara. Mas depois daquele minuto terrível em que se entregara a João, tinha compreendido que de nada valeria já teimar em permanecer no Marandal. Partira

para a cidade com a mãe, rejeitara vários rapazes que tentaram namorá-la e, em casa de António Santos, conhecera o cantineiro. Aceitara a sugestão da mãe que estava ansiosa por que ela se casasse para regressar à sua aldeia. Sabia que este casamento, para ser coerente com o seu código, era tudo quanto deveria ambicionar uma mulher que virgem se entregara a um homem que não podia merecer-lhe.

Soube toda a verdade, a decadência irremediável da cantina. Foi então que surgiu aquele negócio de transporte e armazenamento de contrabando. Não censura o marido. E acha que lhe falta dignidade para opôr um simples gesto de contrariedade. No princípio, quando ele ainda se sentia constrangido, o marido dissera-lhe:

— Se não aproveito isto, talvez tenhamos que ir para a cidade, arriscarmo-nos a que eu ande desempregado algum tempo e, sei lá, até a vivermos, pedindo a este e àquele, uns empréstimos que serão considerados como esmolas.

E esmolas era precisamente o que ela estava recebendo no seu próprio lar.

Na primeira noite, tinham entrado os negros da confiança do mulato e descarregaram oito volumes de mercadoria no armazém. Maria Helena imaginou a polícia perseguinto os agentes do contrabandista, levando o marido preso. Sempre tivera horror à escuridão, sentiu uma náusea como se devesse vomitar o pão que lhe vinha daquela profissão clandestina. O marido percebeu-lhe a repugnância, tentou sossegá-la:

— Também me custa, também me custa, podes crer. Mas depois habituas-te, como eu já me vou habituando. Além disso, é por pouco tempo. E garanto-te que não há perigo nenhum para ninguém. O Rodrigues é um mestre nestas coisas, lá isso é...

Nessas tentativas para a tranquilizar, o cantineiro falava, porém, aos esticões, como se fosse chicoteado por sobressaltos constantes.

Por mais que as noites de transporte e recepção do contrabando passem sem alarme, Maria Helena não deixa de esperar a hora da chegada dos carregamentos com medo de perder a pouca coragem que ainda conserva. Acorda a filha, agarra-se a ela, chora a sua inquietação. Reprime-se, todavia, logo que os nervos lho permitem. Quer, dia a dia, guardar algumas forças para os dias seguintes.

Na cantina continua a diminuir o movimento. Os fregueses desconfiam de que algo de anormal está a passar-se.

Não denunciarão o mulato, mas o Justino é capaz de ir à polícia participar os negócios que se fazem às escondidas e denunciar o antigo patrão. Depois seria a desonra, talvez a prisão, o julgamento público. Por isso, o velho anda constantemente vigiado por um agente de Sr. Esteves.

O cantineiro faz projectos e diz para a mulher:

— A coisa está a marchar às mil maravilhas! Mais dois ou três meses e deixo isto de vez. Não julgues que gosto deste género de negócio. Tomara eu ver-me livre disto! Mas hás-de compreender que se não lhe tivesse deitado a mão, estaríamos hoje muito próximos da miséria, sei lá, até desesperados sem qualquer maneira de ganhar a vida. Assim, daqui a mais alguns meses, teremos o futuro da nossa filha assegurado.

Vê lágrimas nos olhos da mulher e sente pena dela. Desejaria saber confortá-la, mas faltam-lhe as palavras apropriadas e também acha que será um erro deixar-se comover. O negócio em que se meteu exige sangue-frio e nada de sentimentalismos.

Pensara demoradamente, medindo os prós e os contras, antes de se resolver a aceitar a proposta do Rodrigues. Ele asseverara-lhe que não haveria qualquer perigo e que estava tudo preparado para não surgirem contratempos. De facto, a mercadoria tem sido transportada sempre sem precalços nem sustos.

Julgara que o seu lucro fosse maior. O Rodrigues prometera-lhe 40 % do lucro líquido total e, afinal, com explicações confusas, decidiu dar-lhe apenas 15 %. Protestou e o outro calou-o com a ameaça de o substituir. Segundo ele dizia, não faltaria quem estivesse disposto a trabalhar em tais condições. Mesmo assim, o negócio vale a pena. Nunca num mês de vendas na cantina conseguira fazer o dinheiro que agora obtém numa semana. Nem no tempo do monhê Karim o negócio ali fora tão rendoso. Mais uns meses e já terá economias suficientes para dizer adeus ao Rodrigues e retirar-se do subúrbio e daquelas complicações em que as circunstâncias o obrigaram a meter-se.

Custa-lhe a tristeza da mulher. Quando entra em casa depois de arrumar a mercadoria no armazém, nota sempre que ela esteve a chorar. Felizmente que tudo isto não durará muito mais tempo. Aguenta tudo com a esperança de poder vir a realizar o seu projecto. A sorte desta vez não lhe há-de ser adversa. E quando Maria Helena tiver um lar na cidade,

confortável e tranquilo, com a filha a educar-se num bom colégio, ela lhe agradecerá o sacrifício.

Por vezes, teme que o mulato o denuncie. Só depois de o meter no transporte do contrabando soubera que ele era um antigo sentenciado. Mas não se atrevera a despedi-lo, receando que ele fosse denunciá-lo. O Rodrigues diz que tem tudo na mão, que não pode haver nenhuma complicação. Mas se houver, o Rodrigues, na sombra, estará defendido. A gente da Casa do Caju é que terá de prestar contas à justiça.

Paga um bom ordenado a João Xilim e além de ir na camioneta até perto da fronteira e trazer no regresso o carregamento, ele apenas pára pela cantina onde agora o movimento é quase nulo. Só mantém a porta aberta para dar publicamente uma razão da sua permanência na Casa do Caju. Concluiu pela fidelidade do mulato, uma noite em que dois polícias tinham entrado na cantina. Enquanto ele os entretinha, o mulato correria ao armazém e transportara sozinho, pelos atalhos menos frequentados, toda a mercadoria para casa dum amigo. Daí em diante, João Xilim passara a dormir no armazém.

Maria Helena todas as noites, ao deitar-se, pede a Deus que o marido se decida a abandonar aquelas actividades clandestinas.

— Senhor, peço-te isto pela minha filha, não te peço nada para mim.

De sobressalto em sobressalto, de insónia em insónia, de solidão em solidão, acaba por odiar todos os que estão ligados ao negócio. Uma tarde foi à cidade para consultar um médico por causa das febres da filha e teve a tentação de procurar o Rodrigues e intimá-lo a terminar com o contrabando. Ele é casado, tem também um filho, é o verdadeiro proprietário do negócio, mas se houvesse uma denúncia nem ele nem a família sofreriam com isso. Tem bons padrinhos e não se expõe. Apenas os que trabalham na Casa do Caju seriam considerados os verdadeiros responsáveis com as provas à vista.

Condói-se de todas as desgraças mesmo as mais repelentes ou infamantes. Um velho negro leproso que costuma vir aos sábados pedir esmola à cantina e antigamente lhe causava repulsa, comove-a agora com a sua lamúria e as suas amputações. Abre a gaveta do balcão e dá-lhe dinheiro sem olhar à importância. E tem também uma piedade extrema, quase solidária, pelas mulheres da má vida. Desprezara, ao princípio, as negras que se prostituíam e vinham à Casa do Caju em

busca de clientes. Tinha nojo delas e agora tenta ensinar-lhes a costurar, a ocuparem-se profissionalmente para abandonarem a prostituição.

Apetece-lhe fazer bem como se isso fosse um vício. Manda distribuir roupas pelas crianças negras recém-nascidas. As mães vêm depois agradecer-lhe humildes e reconhecidas. E, apesar de tudo, considera-se cada vez mais infeliz, desajustada ao lar e à própria vida. Assaltam-na crises de desespero em que aborrece as suas protegidas, abomina aquele mistério africano que altera os homens e as mulheres, incluindo-a a ela.

Habitua-se, por fim, ao movimento no quintal para o fim das noites sem luar. O marido, quando o negócio da cantina passara a quase não dar lucro, arranjara a cobrança de quotas duma Associação na cidade e chega a casa fatigado e mais fatigado ainda se sente nas noites em que é preciso ir buscar mercadoria para o armazém. Atira-se então para a cama como um fardo e ela tem sinceramente pena de não ser capaz de participar, pelo menos afectivamente, na tarefa comum. Olha para a filha, comprehende o sacrifício do marido, esforça-se inutilmente por lhe querer o bem que lhe deve. É afinal benemérita para todos os que dela se acercam menos para o homem que a tomou como esposa.

Uma tarde, um negro caiu de um andaime num prédio em construção à beira da estrada ali próximo e os companheiros, desnorteados, entram com o moribundo na Casa do Caju e deitam-no em cima de uma das mesas da cantina e diante dela o pobre exala o último suspiro. Ao ver o vulto informe, sem gemidos e quieto para sempre, com as pernas bambas penduradas e uma poça de sangue a formar-se no lagedo, foge horrorizada, com vontade de se ir embora com a filha seja para onde for. Mas arrepende-se em seguida, até ao desprezo por si mesma. O marido prometera-lhe que acabaria com o negócio logo que conseguisse dinheiro para se estabelecer na cidade. Mas já decorreram oito meses e o contrabando continua. Entusiasma-se com os lucros fáceis que a ocupação clandestina lhe traz e nada o faz desistir. E ela acaba por aceitar passivamente tudo o que acontece na Casa do Caju.

A morte do operário provoca-lhe alucinações e pesadelos. Acorda muitas vezes de noite e só consegue sossegar um pouco depois de acender o candeeiro e a luz se espalhar pelo quarto. E assim fica, prostrada e alheia, o dia rompendo com a luz inútil do candeeiro ainda acesa. A seu lado, o marido dorme, com uma respiração regular, serena, sem um estremecimento. E vem-lhe uma vontade de o acordar aos empurões para lhe perguntar o que têm de comum além da filha originada de um acto que lhe repugna, o que podem esperar daquele falso pacto de tolerância mútua.

Mas depressa se humilha, sente-se insignificante, uma boneca que pode ser manejada sem dificuldade. Finge-se adormecida mal o marido acorda. Ouve os passos dele, não querendo vê-lo, não querendo ver nada do ambiente que a rodeia. E quando abre os olhos, ouve-o dizer-lhe, numa censura:

— Vê se te acostumas a apagar o candeeiro quando te deitas.

É uma das negras suas protegidas que a informa, na intenção de lhe prestar um favor. E, uma noite, sai de casa como uma espiã atrás do marido, pisando-lhe a sombra, friamente cautelosa. Surpreende-o a entrar numa palhota, escuta os seus gemidos na posse dum a mulher qualquer. Envergonha-se da sua atitude. Que direito terá ela de andar a espiar os desregramentos do marido? Mas quando, daí em diante, de longe a longe, ele lhe procura o corpo, o afaga e possui, a carne contrai-se-lhe até à mais ínfima fibra, como se estivesse a ser adultera pela violência.

Sofreu tanto com a visão das sombras nas noites mais escuras, que se agora viéssem dizer-lhe, brutalmente, que os contrabandistas tinham sido apanhados ou que a chuva caíra molhando a mercadoria e inutilizando-a, não esboçaria um gesto de surpresa nem faria um movimento de simpatia. É como se respeitasse a estranhos o que se passa na Casa do Caju. Espera um desenlace qualquer que traga o fim de tudo. Em certas manhãs, desperta com essa impressão de fatalismo inexorável que a transtorna até à noite. Adormece na ansiedade do acontecimento que talvez venha ainda. Abre os olhos na escuridão, espantada de que o mundo, o seu mundo, não surja diferente.

Sente-se enfraquecer à medida que o calor aumenta. A humidade elevada fatiga-a permanentemente e arrasa-lhe os nervos. Examina pacientemente o seu passado e parece-lhe o da vida de uma outra mulher de quem ouvisse contar a

história mais ou menos verdadeira mas inverosímil. Recebeu uma carta em que a mãe, com amargura, se queixa da falta de notícias. Esquece-se dela no mesmo esquecimento de afetos que tem para todos. Apenas a filha continua a recolher os seus carinhos impetuoso. Entrega-se a esse amor inocente para se libertar dos pensamentos que lhe impedem a tranquilidade e lhe impugnam o senso das realidades imediatas. Às vezes, dá-lhe vontade de acabar com a vida, sem se despedir de ninguém, tranquilamente então, numa calma final, despojada de remorsos e de ambições. Apareceria morta inesperadamente, o marido lamentar-se-ia durante alguns dias e esquecê-la-ia em pouco tempo. E não lhe haveria de ser difícil substituí-la na Casa do Caju por uma das negras que lhe apetezem. A filha ficaria órfã, sem o seu amor e os seus constantes carinhos. Mas outras mulheres morrem fazendo menos falta.

Passa horas na varanda que dá para o quintal, desinteressada da rara freguesia que ainda vem à cantina fazer compras ou beber a crédito. Está lá o mulato que agora sabe que é João Xilim, o moleque da sua infância no Marandal. Toldara-se-lhe a vista quando o reconheceu, esváíra-se-lhe o entendimento lentamente. Mas, momentos depois, recuperara os sentidos, sem coragem para chorar. Deixara de sofrer por ele. Toda a dor possível a tinha atingido naquele minuto do desmaio como naquele outro minuto terrível em que despertara do abraço dele no Marandal.

Tempo quente e húmido. Mas não chove. Os cajus e as mangas maduros caem das árvores e apodrecem no chão. E o cheiro adocicado dessa fruta fermentada sobe da terra calcinada, invade a velha casa de madeira e zinco, impregna as coisas e as almas, não marca nenhum destino e apenas assinala violentamente o momento presente. Maria Helena é possuída por estranhas perturbações. Teme-as e, ao mesmo tempo, deixa-se penetrar por elas com um prazer sensual. O sangue corre-lhe nas veias caudaloso e impaciente, as têmporas batem apressadamente e sem ritmo, os pensamentos galopam, transpõem todas as grades e evadem-lhe o corpo para regiões desconhecidas.

Recorda-se da sua meninice, brincando com o moleque, vivendo uma intimidade que lhe doía e era o único encanto da sua vida no mundo fechado do Marandal. E ali na varanda, numa solidão angustiosa, sabendo que o mulato está lá dentro na cantina, sente na cara, nos seios, no ventre, no sexo, o

bafo quente que talvez esteja chegando do Marandal. Todos os momentos da sua adolescência estão agora inteiros, completos, na sua memória de mulher. E reconhece que para sempre ficara presa à recordação daquele afecto de menina, das horas da sua inocência, da tentação final.

Agora, o isolamento da civilização, na Casa do Caju. Todo o seu passado foi uma viagem através da solidão. No Marandal, no colégio, de novo no Marandal, agora num subúrbio da cidade. Circuito sem sentimentalismos ou com eles inúteis.

Então, o mulato entra no quintal e dá um recado. Estão os dois na Casa do Caju como se apenas existissem os dois no mundo inteiro. João Xilim deveria ir-se embora depois de ter dado o recado e ela deveria voltar-lhe as costas e ir para o seu quarto. Mas ficam ambos impiedosamente amarrados à recordação do minuto terrível que viveram no Marandal.

Maria Helena esforça-se por registar bem, na sua memória de filha dos donos da mina, que aquele homem, que é agora empregado do marido na cantina e no transporte do contrabando, continua a ser um moleque e ela, a senhora digna, independente e enojada de um acto irreflectido da sua vida.

João Xilim ouve vozes que chegam de longe e o transfiguram. A voz do Dr. Ramires falando do fatalismo dos mestiços. A voz de Tomás de Oliveira dizendo que a consciência deve ser a nossa grande força. A voz do fogueiro Jaime: «Você tem tua mãe, tem uma menina branca que gostava de brincar contigo». A voz do sentenciado Isidro: «Mulato não é gente de confiança. Tem sangue de branco». E então, com a sua própria voz, rouca mas firme, liberta-se da influência do Marandal. Sem orgulho nem humildade. Sem alegria nem tristeza. Mas com uma sinceridade que lhe faz parar o coração, ainda que a sua frase pareça carregada de ironia:

— Eu vou-me embora daqui, antes de a senhora mandar...

Estava na cozinha, preparando o almoço, quando ouviu bater palmas na cantina, chamando. O marido fora à cidade, fazer a cobrança da Associação e João Xilim tinha ido com ele, para o ajudar. A menina brincava no quintal.

Chegando ao balcão, viu duas senhoras já idosas, muito bem vestidas, que pareciam despropositadas visitas para a sua loja ou para a sua casa.

— Bom-dia, minhas senhoras. Desejam alguma coisa?
— Bom-dia. Sim. É a senhora D. Maria Helena Esteves?
— Exactamente.

— Chamo-me Madalena Mesquita de Melo. Esta senhora é a minha colega D. Jesuína Gouveia e Castro. Somos assistentes da Cruzada Feminina de Socorros Morais e Sociais...

— Em que lhes posso ser prestável?
— Vimos aqui no desempenho da nossa missão, muito ingrata, muito ingrata, mas que, ao mesmo tempo, nos enche o coração de satisfação quando nos é possível fazer alguma coisa de útil por aqueles que precisam de ajuda ou conforto. A minha colega a esclarecerá melhor.

— A nossa posição é melindrosa, mas não deixaremos, por isso, de cumprir o nosso dever. A Cruzada foi informada de que esta cantina, além do seu comércio legal, serve para proteger outro comércio, o da prostituição. Desculpe a franqueza, minha senhora, mas foi para isso que viemos.

— Estão muito enganadas, minhas senhoras. É possível que, em tempos, assim fosse. É quase certo. Mas desde que para aqui vim morar, casada, nunca nada aqui se passou que justifique a vossa afirmação nem a mínima suspeita. Eu não

o consentiria e meu marido, pelo respeito que me tem e sempre me teve, também não.

— Mas até nos disseram que no quintal, há uns quartos que alugam a mulheres de má vida que recebem homens...

— Não é verdade. Houve ali, em tempos, uns quartos para alugar, realmente, mas já não existem porque se derrubaram as paredes interiores e se transformaram num armazém.

— Poderíamos verificar, minha senhora?

— O armazém está fechado e as chaves têm-nas o meu marido que foi à cidade. Além disso, minhas senhoras, não creio que sejam da polícia...

— Não, não somos da polícia. Mas representamos uma instituição que, desinteressadamente, zela pelos direitos morais da sociedade, perante os que, intencionalmente ou por força das circunstâncias, se desviam da boa conduta moral e principalmente quando esse desvio pode ofender publicamente a sociedade. Não é, pelos vistos, precisamente o seu caso, minha senhora, mas diz-nos a experiência da nossa missão, que estas situações, uma vez criadas, não se modificam totalmente mesmo que se queira. E este ambiente não é de modo nenhum recomendável para si e, pelo que nos disseram, tem uma filhinha...

— Sim, tenho uma filha com três anos.

— Para já, gostaríamos que a senhora se tornasse sócia da nossa Cruzada. E queremos dar-lhe um conselho de amizade. Convença o seu marido a abandonar isto e a procurar um emprego, um negócio, na cidade. Ajudaremos no que pudermos. Há um perigo moral grave a espreitá-la constantemente e à sua filha.

— Agradeço-lhes a boa vontade, minhas senhoras, mas não costumo influenciar o meu marido nas decisões da sua vida profissional nem ensinar-lhe caminhos. Vivo aqui isolada, é certo, mas faço a companhia que devo ao meu marido e à minha filha. Somos uma família que vive longe da cidade, da civilização se quiserem, sem distrações, rodeados de negros por todos os lados, sem convivência com brancos, mas somos uma família e é tudo.

D. Madalena toma a palavra:

— Oiça, minha senhora, é nossa obrigação tentar auxiliar aqueles que precisam de quem os ajude, mas também o é fazer saneamento moral.

— Só se perde quem quer, minhas senhoras.. Não se preocupem mais connosco. Pelo que sei, têm aí pelos subúrbios

muito campo para exercerem o vosso zelo. Aqui, na minha casa, não há problemas para nenhuma Cruzada do género daquela que as senhoras representam.

— Também o sabemos, mas esses casos passam-se exclusivamente no meio nativo. São casos de polícia. Não nos metemos neles. A nós interessa-nos o seu caso porque é o de uma família branca e temos a obrigação de proteger moral e socialmente os da nossa raça para que possa tornar-se superior pelos seus exemplos.

— Desculpem-me, não pensei que na vossa misericordiosa missão distinguissem raças...

As senhoras não apreciam o comentário. E D. Jesuína fala com dureza:

— Temos a certeza de que esta cantina é pretexto legal para se exercer a prostituição na sua casa ou noutro sítio qualquer. Não podemos tolerar que uma mulher branca e uma menor que é sua filha estejam metidas neste antro de baixos vícios.

— São casadas, minhas senhoras?

— Eu sou viúva e a D. Madalena é solteira.

— Ah! Pois! Então talvez não possam compreender que a honra de uma mulher casada se defende em quaisquer circunstâncias se houver verdadeiro interesse em defendê-la.

— Não é bem assim, intervém D. Madalena. Sei, não por experiência própria, claro está, mas pelo que tenho visto, que o ambiente tem importância fundamental para o comportamento duma mulher casada.

— Lamento muito desiludi-la quanto ao meu caso. Não tenho, a esse respeito, medo de nenhum ambiente. Sou o que quero ser e espero que serei sempre assim.

— Gostaríamos de a ajudar. Mas já que recusa a nossa ajuda, resta-nos avisá-la de que usaremos da influência da nossa Cruzada para que as coisas aqui se modifiquem de qualquer maneira!...

— Pois estão perdendo o seu precioso tempo que talvez lhes faça falta noutros lugares, talvez das vossas mais íntimas relações. Tenho muito que fazer. Um marido e uma filha dão alguma coisa que fazer, embora possa parecer que não. E está tudo dito, minhas senhoras. E espero não tornar a vê-las em parte nenhuma. Obrigavam-me a chamar a polícia e a Cruzada talvez não gostasse. Muito boa-tarde.

As senhoras saem com ar muito ofendido, empertigadas, andando o mais depressa que lhes permite a idade e a quali-

dade de assistentes duma instituição que se denomina Cruzada Feminina de Socorros Morais e Sociais. Maria Helena depois da calma que aparentemente manteve durante uma conversa que lhe doía intensamente, fica como que atordoada. Não receia as ameaças das senhoras senão pelo que poderão vir a representar quanto ao negócio do contrabando. Mas não se arrepende da atitude tomada. E sente-se agora como que recuperada em dignidade. Assunto difícil para expôr ao marido, não poderá ocultar-lho. Para estarem prevenidos contra qualquer demonstração, evidente ou mascarada, da tal influência da respeitável Cruzada.

— Ainda bem que acordaste antes de eu sair. Vou dar-te uma boa notícia. Não te disse nada ontem porque só esta noite é que me resolvi definitivamente. E acordei decidido. Vou acabar com esta história do contrabando.

Maria Helena deveria mostrar-se satisfeita, levantar-se da cama para que o marido a tomasse nos braços, num momento de completa comunhão de sentimentos. Mas o seu corpo continua estendido e os seus lábios teimosamente cerrados.

— Não ficaste contente?... Pois olha que o faço principalmente por tua causa...

— Mas...

— Compreendo a tua surpresa e o teu nervosismo. Foi notícia inesperada, não foi? Há muito tempo que andava à procura de uma loja na cidade. Uma coisa assim neste género mas, claro, com outra categoria, perto da baixa. Felizmente que a falta de dinheiro já não me preocupava. Tinha o suficiente para uma boa entrada e para as primeiras despesas. Encontrei esta semana uma coisa jeitosa e o trespasso não é caro. Já fechei o negócio. Tinha que ser. Isto aqui já deu o que tinha a dar. E o Rodrigues acabou por me sair um bom patife! Sempre quero ver como é que se vai arranjar agora!

Ela reconhece que é necessário dizer-lhe algumas palavras. Agradecer-lhe, como se o fizesse em nome da filha. Enquanto o marido falara, abrangera de relance a existência futura, desenvolvida no mesmo engano mútuo, amarrados um ao outro por uma generosidade sem verdade. No entanto, a mudança para a cidade seria o primeiro passo em direcção a uma possível tranquilidade. Foi ontem ou anteontem que

estiveram na cantina as senhoras da tal Cruzada da Moral? Devia ter contado essa visita ao marido e nada dissera. Também, se se vão embora para a cidade, já nem vale a pena.

— Mas não devemos deixar a Casa do Caju abandonada...

— Concordeza que não. Fica cá o mulato. Tenho confiança nele. Só para ir pagando uma renda e as despesas.

Talvez por que se sente mais à vontade, agora que se acabará o pesadelo das noites sem luar, o marido conta-lhe todas as peripécias do contrabando, os sacrifícios que fez, a raiva que lhe fica a tudo o que é ilegal. A sua expressão endurece ao descrever o perigo que correra uma certa noite em que tinham perseguido a camioneta na suposição de que fosse um carro roubado. O mulato conseguira escapar-se por uns atalhos e a viagem terminara sem consequências desastrosas. Decidira então desligar-se daquele negócio, tanto mais que o Rodrigues viera com com aquela proposta ignobil de reduzir a percentagem para 5%.

— Vê lá tu como ele é malandro. Agora que isto está a render mais do que nunca é que vinha com as tretas de que lhe dá prejuízo. Pensou naturalmente que eu aceitava, que eu me sujeitava como da primeira vez em que me cortou o lucro. Mas enganou-se. Já ontem lhe dei a resposta. Com ele, daqui para diante, por dinheiro nenhum!

Cansado de ter revelado tudo de um fôlego, o cantineiro está silencioso uns momentos e depois acrescenta, olhando para a filha adormecida:

— A nossa Lenita nunca há-de vir a saber que o pai andou metido nestes negócios escuros. E não terá que passar pelos sacrifícios que tu passaste.

Sai, parecendo um jovem feliz. Ao almoço anuncia que de tarde irá assinar a escritura. E volta a sair, avisando de que talvez não possa jantar em casa.

— Bem vês, tenho que ir lá para a loja para ir tomindo conta daquilo.

Maria Helena sente-se só no casarão, o silêncio é universal naquele subúrbio que ninguém procura. Da casa da mina para a Casa do Caju — a lógica de um destino para quem nasceu no Marandal, filha de patrão Campos e D. Laura, de quem teve um moleque como único afecto de infância, de quem mais tarde se entregou a esse moleque num abraço que a sociedade representada pelas senhoras da Cruzada da Moral condenaria inexoravelmente, de quem não teve coragem para escorraçar para nunca mais esse homem ao serviço

do seu próprio marido, de quem não ama o pai da sua filha e o afronta com o seu silêncio, de quem sente, apesar de tudo, na intimidade do seu corpo, o sortilégio da terra do Marandal.

*
* *

Há quanto tempo vagueia assim pela cidade adormecida? Talvez há uma hora, talvez desde o princípio da vida. É como se não existisse agora mais do que o silêncio do mundo todo. Nada mais. Nem ontem nem hoje nem amanhã. Por isso, o tempo ficou parado. As horas e os minutos que lhe pertencem, nada têm que ver com as horas e os minutos do relógio que marca o tempo dos verdadeiramente vivos.

Ao passar por uma rua qualquer, alguém lhe fala. Um amigo perdido que lhe vem contar uma história. História de quem e de quando? Talvez ele nem tenha encontrado o amigo perdido. Ou talvez fosse o senhor que, em criança, lhe fazia ver o mundo às avessas. Ou ele é que o via direito e os outros, de pernas para o ar.

Mete a mão no bolso e apalpa a carta. Uma carta que lhe entregaram ao fim da tarde quando tinha ido à sede da Associação deixar o dinheiro das últimas quotas cobradas. Uma carta sem assinatura. Com letra disfarçada, evidentemente. Mas de mulher. «Lamento profundamente o desgosto que lhe vou causar. Mas a honra dum homem sempre me mereceu muito respeito. Pertenço a uma organização encarregada de zelar pela boa moral.

Sei que a sua esposa não procede para consigo lealmente. Sem qualquer intenção de o magoar, o senhor já não é novo e a sua esposa é uma jovem. O senhor tem ao seu serviço um homem que sua esposa conhece há muitos anos. Sabia disso? Compreenderá porque tanto ela como ele lho ocultaram? É possível que o não tenham feito por mal. Não quero acusar ninguém. Apenas pô-lo de sobreaviso. É essa a minha missão de zeladora dos bons costumes que sempre deseja mais prevenir do que remediar».

Encontrara o velho Justino antes de entrar no caminho para a Casa do Caju e apertara-o com perguntas indirectas. E o antigo caixeiro confirmara que o mulato e a sua mulher se conheciam realmente há muito tempo, tinham nascido ambos no Marandal. Que parecia evitarem-se. Que o mulato tinha

sido condenado por ter tentado matar a mulata sua mulher de quem ele, Sr. Esteves, fora o primeiro amante.

O mulato quisera vingar-se. E ela, a sua mulher, entregara-se-lhe. A acusação da carta anónima era verdadeira. E mudara de rumo para vaguear pela cidade, sem coragem de entrar imediatamente no lar profanado.

Como fora possível nunca se ter preocupado em saber mais pormenores sobre o passado da mulher com quem casara e do empregado que admitira? Se o tivesse feito, decerto que descobriria por si próprio a realidade que só agora lhe surgira através de uma carta anónima e dos esclarecimentos do Justino.

Tem 59 anos e Maria Helena apenas 25. Uma diferença grande. Quando lhe acontecera aquela inesperada fatalidade da falta de potência, fora ela que o animara, aconselhando-o a consultar um médico, que aquilo não teria importância. Sofrera cruelmente. Voltara a procurar as negras porque verificara que só elas eram capazes de lhe provocar um entusiasmo que o tornasse homem. E ela retraía-se depois ao seu abraço, porque não precisava dele para nada.

— Com um negro! Porca!

Gostaria de voltar atrás no tempo, de os espiar e surpreender em todos os passos da traição. Confiara nela. E talvez ela se risse da sua boa-fé, da sua confiança, da sua infelicidade sexual.

Sempre todos o haviam considerado um empecilho. Viera para a África, acossado, para não ter que se impôr na defesa dos seus legítimos direitos. O pai deixara umas terras que ficaram por repartir enquanto a mãe fosse viva. O irmão casara-se, encherá-se de filhos, explorava as terras, não lhe prestava contas de nada. Poderia ter levado o caso à justiça. Mas acobardara-se e resolvera embarcar sem dinheiro nenhum. Pagavam-lhe sempre assim. Se não fosse a carta e a confirmação do Justino, estaria ainda enganado.

— Canalhas!

Fora um benemérito, tivera pena dela, para levar no fim uma bofetada daquelas. Mas ela verá que há muitas maneiras de se ser homem. Nunca mais será um empecilho. A sorte não terá outra oportunidade. A filhita ficará órfã de pai e mãe, sem ninguém que tome conta dela. Limpa raivosamente as lágrimas teimosas com as costas da mão. Se tivesse tempo, faria uma declaração a pedir que mandassem a pequena para a Metrópole, para junto da tia. Mas, quando chegar a casa, também a maldita lá estará. E, então, sem uma palavra sequer,

porque o ódio que lhe tem não há palavra que o possa dizer, deitar-lhe-á as mãos à garganta até que ela dê a alma ao diabo. E, depois, há muitas maneiras de um homem se matar e morrer com a honra lavada. Não custará muito. Sempre considerara o suicídio uma fraqueza. Agora vê bem que os enganados não têm outro caminho depois de vingarem a traição.

— Com um negro! Cabra!

Tanto que se sacrificou ocultando-lhe quase tudo para que ela não sofresse nem a décima parte do que ele sofria. Quando o Rodrigues lhe falara em baixar a percentagem para 5%, tivera ganas de o agredir. Dominara-se por causa da mulher e da filha. Ou talvez não. Talvez fosse com medo do escândalo, das complicações.

O Rodrigues está marcado na polícia, todos lhe conhecem as habilidades com que tem feito fortuna. Vai comprando a tolerância com presentes chorudos no fim do ano. Sabe viver, o estupor. Nunca foi escrupuloso e, embora muitos o anavalhem pelas costas, é cortejado. Quantos não lhe batem à porta para pedir um favor, uma carta de recomendação, até conselhos. Conquista facilmente simpatias com aquela conversa sempre na ponta da língua. Outros com menos culpas têm-se metido em sarilhos. Mas o Rodrigues leva a água ao seu moinho como poucos.

Conheceram-se caixeiros na mesma cantina. E enquanto ele nunca se sentiu com coragem bastante para abandonar o negócio no subúrbio, o Rodrigues foi para a cidade logo que lhe apareceu uma oportunidade. Roubou o Rufino descaradamente, estabeleceu-se por conta própria. Naquele tempo só não triunfavam os que não tinham jeito nenhum para o comércio. O Rodrigues é um exemplo. Ensinara-lhe a ler e a escrever e essa preparação lhe bastara para começar a conquistar um futuro brilhante. Podia ter procedido como ele e não passara, afinal, da cepa torta. O Rodrigues, um homem de sorte. Arranjou um bom casamento, traz a mulher num luxo de rainha. Frequenta a alta sociedade e até dizem que não lhe faltam amantes caras. E ele foi sempre honesto e a mulher atraiçoa-o.

Na cantina do velho Rufino conhecia o Rodrigues que era então o empregado de confiança. Aproveitando-se disso, foi espoliando o velho. Só quando se sentia já no fim da vida, o patrão deu pela falcatura. O Rodrigues saiu a porta de cabeça levantada, com a fortuna do canteiro nos bolsos. O Rufino, quase à hora da morte, chamou-o e na presença

de duas testemunhas, declarou-o seu herdeiro. Herdeiro de pouco mais do que dívidas. O Rodrigues, sim, é que se governara.

Não teve sorte com o negócio herdado, parecia que a morte do Rufino deixara o signo da decadência. Se não liquisasse a tempo, teria falido. Pensou, então, pela primeira vez, em estabelecer-se na cidade. Estava na idade de se mudar. Venderia o barracão, passando a fazer vida nova e mais decente. Procurou o Rodrigues, propôs-lhe sociedade, com receio de se arriscar sozinho. Mas o Rodrigues inchava a todo o pano, furtou-se a um entendimento. Jurara nunca mais lhe falar e cumpriria o juramento se a maluqueira do Justino não tivesse vindo provocar a queda desastrosa do negócio na Casa do Caju. Se fosse homem solteiro, talvez se tivesse aguentado na cantina. Fez tudo pela mulher e pela filha. Chegou a ser cobarde, não partindo a cara ao Rodrigues quando ele lhe dissera cinicamente:

— Tens um jeitão para o negócio do contrabando, parece que nasceste para isto...

Sentira uma raiva a mordê-lo, mas lembrara-se da família e da necessidade de arranjar economias rapidamente e limitara-se a avisar:

— Não brinques com coisas sérias, que às vezes!...

Nunca contara estas coisas à mulher para não a magoar. Compreendia perfeitamente que ela vivesse constrangida naquele meio. Mas andara fazendo os possíveis e impossíveis para a tirar dali dum vez para sempre. E ela rira-se-lhe nas costas. A sua melhor vingança seria apanhá-los juntos e matá-los ao mesmo tempo. Que continuassem a pouca vergonha debaixo da terra, para não se rirem mais à sua custa. Outro qualquer esperaria uns dias, até os surpreender em flagrante. Mas ele não é homem para esperar. Acabará imediatamente com tudo. Logo que entre em casa.

— Ah! se eu apanhasse os dois juntos!

Convencera-se de que ela seria uma boa esposa. Acreditara naquela história das minas que lhe contou o António Santos. O que ele queria, era ver-se livre do encargo. E fez dela sua mulher, mandou a velha para a metrópole e estabeleceu-lhe uma pensão sem conhecimento de mais ninguém.

E queria-lhe tanto! Agora é que se apercebe de como lhe era dedicado. Não lhe contou que pedira como um mendigo para não lhe protestarem as letras, que o despediam com um sorriso de escárnio. Nunca lhe comunicou as suas inqui-

tações pelo futuro da filha. Tudo recalcou para que ela sofresse o menos possível e se esquecesse, a pouco e pouco, da desgraça que lhe tinha acontecido no Marandal.

Poderia descer à baixa e, disfarçando a sua raiva e a sua dor, entrar numa casa da especialidade e comprar uma pistola. Depois, fazer por os apanhar em flagrante e desfechar à queima-roupa. E ficar com a filha. Se o tribunal o condenasse, a filha iria visitá-lo à cadeia e saberia que o pai estava preso por ter vingado a sua honra. Mas não, acabará com tudo, com a maior simplicidade. E o mais depressa possível. Virá uma notícia nos jornais com uma fotografia. Os repórteres aproveitarão naturalmente aquela que está na mesinha de cabeceira, com eles os dois, tirada no dia do casamento, à saída da igreja. E o nome dele andará na boca do público, constituindo o assunto de todas as conversas porque hoje já ninguém castiga por suas próprias mãos o crime de adultério. Talvez um mal intencionado mostre mais tarde o pedaço de jornal à filha.

— Para que um homem se casa! Para que um homem se casa! Raios partam a vida mais a hora em que nos deitam ao mundo!

Custa-lhe a andar pela cidade, as luzes ferem-lhe a vista, não quer encontrar ninguém conhecido. Ela será a primeira pessoa conhecida a encontrar. Ver-se-ão então pela última vez. Gostaria de se despedir da filha, ter coragem para entrar em casa e conter-se um minuto para lhe dar um beijo. Não, será preferível nem a ver. Assim poderá acabar com tudo a sangue-frio.

Abandona a estrada, segue à direita pelo mato. A noite africana faz despertar no seu espírito angustiado o eco de vozes indistintas, que sobem das coisas em estertores que só entende quem traz no coração uma tristeza como a dele. Viveu aqui 32 anos, sozinho, sem um carinho, a buscar nas ligações fortuitas com mulatas e negras, um arremedo da vida conjugal que sempre desejava alcançar. E quando se julgava feliz, surpreende-se mais desgraçado do que nunca. Conhece os arredores passo a passo, não há planta no atalho que vai dar à Casa do Caju, em que não tenha tocado. Isso que interessa, agora? Maldita sorte! Um pirilampo esvoaça, piscando a sua lanterna ambulante e poisa num arbusto. Não existe ninguém mais desgraçado do que ele!

Ah! se tudo fosse mentira e estivesse a ser vítima de uma alucinação! Caminha aos tropeços. Talvez a carta que

recebeu seja uma vingança ou uma brincadeira de mau gosto. E no Justino, a bem dizer, não se pode acreditar. Vem-lhe uma esperança de que a acusação seja falsa. Não deu à mulher razões para lhe ser infiel. Gostaria de ver a filha, antes de se decidir. E, afinal, a sua dignidade não se mancharia mais, se submetesse a mulher a um interrogatório. Se for verdade, ela não se atreverá a negar, jurando pela saúde da filha. Quer raciocinar com clareza, e os pensamentos baralham-se uns com os outros, embarga-se-lhe a memória.

Quanto mais se aproxima da Casa do Caju, mais se sente enfraquecer. Adormecem-lhe as pernas, arde em febre, as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Deixa-as cair livremente, sem vergonha.

Quer correr mas tropeça constantemente. Estatela-se, levanta-se e continua como um autómato, murmurando:

— É mentira, não é, Lenita?

E parece-lhe ouvir uma voz infantil, segredando-lhe ao ouvido:

— Sim, paizinho, é mentira, uma grande mentira!

Sente-se muito feliz, respira fundo, procura andar mais depressa.

* * *

Sentada numa cadeira de balanço no seu quarto, com o candeeiro aceso, olha para a filha, desejando que ela não acorde. Porque, na verdade, precisa de estar só.

Nunca foi de ninguém. Nunca se deu. Emprestou-se. Todas as mulheres se casam de livre vontade, embora muitas vezes venham a ser infelizes. E a ela, impuseram-lhe um destino. Não, não, ninguém a obrigou a casar. Não tem que culpar ninguém. Prende-se voluntariamente. Mas é uma falsidade a fé, é uma falsidade a esperança.

Não casara por amor, mas jurara fidelidade ao marido. Fidelidade em acções e em pensamentos. E esconderá-lhe o seu pecado de solteira. E consentira em ir à igreja de véu branco e flores de laranjeira, como se fosse uma virgem. A consciência grita-lhe com mil vozes, associa-se à memória da filha do dono do Marandal. Ajoelha e reza. Pretende implorar tranquilidade, a salvação da alma. Mas falta-lhe a fé total de que precisa e exige a Deus que a resgate, fala-lhe de igual para igual, pede-lhe contas do seu destino:

— Meu Deus, não houve nada que eu fizesse ou pensasse, nada porque mereça o teu castigo!... Tu sabes que a minha única traição foi contra o mundo ignóbil em que me fizeram nascer e obrigaram a viver... Senhor, porque não morri no Marandal? Porque me fizeste carregar tão enorme cruz de lá até aqui?...

O ar dentro do quarto começa a tornar-se pesado. Ardem-lhe os olhos.

— Quem seriam aquelas mulheres que aqui estiveram? Seriam polícias do céu, do inferno ou da terra? Senhor, foste tu que as mandaste?

E uma saudade da infância bravia, da adolescência apaixonada no Marandal, a está chamando para uma ressurreição de todos os sentimentos. Mas um torpor a possui.

— Que bom, vou morrer! Obrigada, meu Deus! Não! não! Quero viver! Quero viver...

Vê tudo enevoado, uma angústia física aperta-lhe a garganta, comprime-lhe os intestinos. Uma onda de fumo aproxima-se lentamente.

— Onde estás, Júlio? Oh! não me deixes! Não me deixes só!...

Sente-se desgarrar. Cai e tenta erguer-se do chão, com os braços estendidos para a cama da filha. Vem-lhe um vômito. Geme um grito para chamar pela vida. Mas a vida não lhe responde.

* * *

Distingue, finalmente, a Casa do Caju. Uma luz brilha na escuridão. E a luz ilumina tudo, subitamente. Todo o mundo está iluminado. A terra, o céu, o inferno. A vida é uma grande fogueira. Sente-se forte e corajoso como um herói. Um herói vingador. Sabe a inteira verdade. Foi atraído, escarnecido. Riram-se dele. Desonraram-no. Esquece a filha. Um só desejo o domina: vingar-se o mais depressa possível.

Põe-se a correr. Cai. Levanta-se. Corre. Uma queimada alastrá pelo capim. Talvez não seja uma queimada mas um farol para lhe indicar o fim do seu caminho. Demora imenso a abrir a porta. Solta um palavrão. Entra e atinge a balcão da cantina. Nunca mais está ao pé dela. Falta-lhe o ar como se o lume da fogueira o queimasse por dentro. Tolda-se-lhe a vista. O tampo do balcão pesa demais para as suas forças.

Uma sombra passa-lhe por cima, um grito brada de longe.

* * *

João Xilim acorda estremunhado. Para ele acordar assim, no meio da noite, é porque alguma coisa de muito estranho está acontecendo. Fica sentado na cama, escutando, tentando adivinhar. As narinas dilatam-se, enche o peito de ar espesso. Cheira a queimado. Pela rede larga da janela, entra uma nuvem de fumo.

— Ora bolas, é uma queimada! Gente doida, a esta hora. Se fossem dormir...

E prepara-se para adormecer outra vez. Mas agora cheira a madeira ardida. Sai para o quintal e vê as labaredas lambendo as paredes da cantina. Não pode ter sido uma queimada porque não há um pé de capim até dez metros à volta da Casa do Caju.

Lembra-se de Maria Helena e da menina que talvez estejam a dormir sem terem noção da tragédia que avança. Não ouviu regressar o cainteiro. É preciso entrar imediatamente na casa, evitar uma desgraça.

A porta que dá para o quintal está trancada por dentro e tão depressa não conseguiria arrombá-la. Em menos de vinte minutos não ficará um pedaço de madeira sobre os pilares. O vento sopra fraco mas, mesmo assim, as labaredas alteiam-se, cobrem o telhado, consomem rapidamente a madeira velha e ressequida. É preciso salvar Maria Helena e a menina. A janela do seu quarto está sendo lambida pelo fogo. Com um soco, estilhaça um dos vidros altos. Solta o fecho interior e abre a janela. O fumo entra-lhe pelo nariz, faz-lhe arder a vista. Salta para dentro do quarto. Distingue dois vultos gemendo no chão. Uma labareda ameaça fazer ruir a parede do quarto que dá para o caminho. Incha os músculos, contém a respiração. A menina já ele pôs cá fora. Mas Maria Helena, agora pesa mais do que ele. É Marcelino, que acorreu com outra gente da vizinhança, que o ajuda a descer com a senhora nos braços. Pegam nela e na menina e levam-nas para a estrada a pedir transporte para o hospital.

A poucos metros, Justino chora, encostado ao velho cajueiro. Foi ele que deitou fogo ao casarão que viu construir e onde viveu metade da sua vida. Sr. Esteves mandou-o embora e bateu-lhe. João Xilim voltou para o acusar sem piedade. Toda a gente tem andado a enxotá-lo porque ele perdeu os seus direitos na Casa do Caju.

Os jornais falaram no caso. Mas não disseram bem como as coisas se tinham passado. Todos os moradores daquele bairro suburbano sabem que não foi o Sr. Esteves o herói no incêndio da Casa do Caju. Um dos jornais trazia o seguinte título :«Um homem morreu carbonizado para tentar salvar a mulher e a filha». Marcelino leu a notícia para os vizinhos e eles quiseram que fosse alguém à redacção contar a verdade. Mas talvez ninguém acreditasse na versão deles. Por isso, ficaram calados, admirando ainda mais a valentia do amigo que arriscara a vida.

Marcelino pensa que Deus já terá perdoado o crime que João Xilim praticou. Pagou aos homens e a Deus. Agora esteve no hospital entre a vida e a morte e saiu de lá cego da vista esquerda. Houve um médico que ofereceu uns óculos porque a outra vista também fora atingida.

A iniciativa partiu do presidente da Direcção do Grupo Unido dos Negros. E todos os sócios e simpatizantes a receberam com entusiasmo. Já antes cada um trazia na cabeça a intenção de proclamar a sua admiração pela coragem de João Xilim. Mas intenção isolada não valia nada. Só mesmo qualquer manifestação que os juntasse à volta dele para testemunhar os seus sentimentos.

A sala está cheia até à porta. Muito antes da hora marcada, as cadeiras ficaram ocupadas pelas mulheres e raparigas. Aparece também um Redactor do *Mensageiro Africano*. E a festa adquire um maior significado para os organizadores e para a assistência porque sabem que no próximo número do jornal virá uma notícia na primeira página com a reportagem da festa e a notícia dos factos do incêndio devidamente rectificados.

Raul Matos, presidente da Direcção, toma lugar na mesa e convida para fazerem parte dela, «o representante da digníssima Imprensa», «o presidente da Assembleia Geral», «o presidente da comissão de festas» e «o ilustre homenageado». E começa a ler o seu discurso com voz emocionada. João Xilim está ouvindo as palavras bonitas do presidente e não entende algumas das coisas que ele quer dizer. As mulheres olham-no com simpatia e sorriem para ele.

Se não fosse que ele perdeu o gosto pela vida como os outros gostam de a viver, desde as traições de Kati e de Luísa, João Xilim sentir-se-ia agora orgulhoso, compreendendo e aceitando a homenagem dos negros e dos mulatos.

O presidente fala e dirige-se directamente a ele. Mas ele pensa nas voltas da sua vida. Tantas noites que passou na prisão inventando uma vingança que lhe aliviasse ou acabasse a raiva do coração, tanto sacrifício feito na cantina e no contrabando abafando a vontade de liquidar o cantineiro quando vinha a mercadoria pelo atalho, para que pudesse um dia arruiná-lo completamente, e, no fim, prestara-lhe o maior serviço salvando-lhe a mulher e a filha. Sr. Esteves morreu sem ser liquidado às suas mãos. Raul Matos continua a falar e João Xilim não o escuta e é pena que o discurso não o deixe pensar como ele precisa.

Quando o presidente acaba de falar, os amigos, conhecidos e negros da cidade que ele nunca tinha visto, vêm abraçá-lo ou apertar-lhe a mão. Uma rapariga mulata oferece-lhe um ramo de flores com as lágrimas nos olhos e os homens batem palmas. João Xilim apenas é capaz de dizer:

— Obrigada para toda a gente minha amiga.

E olha para longe no tempo, actualizando as recordações dos seus desgostos e das suas raivas.

O redactor do *Mensageiro Africano* puxa-o amigavelmente para um lado e quer tirar apontamentos da sua vida. Mas a sua vida não tem nada que contar aos outros, a não ser que um branco destruiu a alegria da sua infância, que andou embarcado e conheceu um negro Jaime que era um homem infeliz que bebia para esquecer, que foi amante da sua própria irmã, que o condenaram injustamente e esteve numa prisão onde havia um negro desgraçado e valente chamado Isidro, que tinha lá um branco chamado Tomás amigo dos homens bons de todo o mundo. E apontaria para uma campa, dizendo:

— Está ali morto o corpo de um homem branco que eu jurei...

E explicaria o porquê de tudo. Mas acha que não vale a pena. Não é que ninguém iria compreender essas coisas mesquinhas que são a razão do cansaço da vida toda de João Xilim?

O redactor interpreta o silêncio do homenageado, dizendo num grupo:

— Coitado, está tão comovido que não consegue mesmo pronunciar uma palavra...

Até um retrato ele pede. Depois sai para ir ao jornal fazer a notícia. Daí a dias, o nome de João Xilim andará na boca de muita gente da cidade e dos subúrbios.

Segue-se um acto de variedades e há uma mulata que canta um fado. João Xilim não dá atenção aos outros versos, mas fixa estes:

É alcunhada de louca
A mulher que o amor procura
Beija o homem tanta boca
Beija o homem tanta boca
E o mundo nada murmura...

Ele nunca tinha pensado que as mulheres também podem sofrer, que podem ter queixas da vida, como ele. Toda a gente sofre. O mundo está mal feito. Foram infelizes todas as pessoas por quem ele se interessou ou encontrou nos seus caminhos. Aquela festa foi realizada para comemorar a valentia de um homem que arriscou a sua vida para salvar as dos outros. Mas o que é que a festa adianta? Todos estão ali é para fingirem que se divertem, a esquecerem os aborrecimentos e as traições dos dias passados. Quando a mulata acaba de cantar, João Xilim pensa:

— A gente anda enganados e nem sabe. Festa para quê?
Isto não é vida!

Ele quer dizer para si que a vida não é só isto. Mas não entende ainda o que possa ser mais. Abandona a sede do Grupo Unido antes de começar o baile. Não se despede de ninguém. Sai com medo de ver alegria.

Ao chegar a casa de Marcelino, onde ele agora mora, Mamane Angelina estranhando o seu regresso tão cedo, fica intrigada. Mas reparando na sua tristeza não lhe pergunta nada. E aproveita estarem só os dois para informar:

— Sabe, João, hoje eu vi a Luísa...

— Anh...!

— Dêisque saiu do hospital ela nunca mais ligou com nenhum homem. Tem andado sempre a trabalhar na cidade, nas casas de gente que tem dinheiro, a arranjar roupa, fazer a comida, tratar dos menino...

— Tá bem, Mamane Angelina, mas faz favor não fala mais a mim nessa mulher.

— Pronto, não precisa zangar...

— Eu não tou zangar. Mas eu já sofri muito mais por causa dela. E agora meu coração já nem sabe sofrer...

E nessa noite, estendido na sua cama, com a mesma sensação de terrível solidão que o possuía na caserna da fortaleza, pensa, pela primeira vez sem rancor, nas mulheres que o fizeram descrecer do amor.

Houve tempo em que lhe desejava a maior miséria, que não se libertasse mais da vida desgraçada das mulheres que são de todos os homens, negros e brancos, que as pretendem. E jurara a si mesmo que nunca lhe perdoaria tê-lo trocado por um branco. E levara o seu ódio e o seu desgosto a tentar assassiná-la. No tribunal, o Dr. Ramires dissera que ele a esfaqueara num momento de desespero, que não o fizera por vingança. Mas realmente tinha-lhe então uma raiva tão grande que seria capaz de a matar mil vezes. Ela escapara por pouco. E ele estivera degredado na fortaleza.

Naquela noite, porém, chegando, encontrou-a caída à porta da barraca de Mamane Angelina. O seu primeiro impulso foi deixá-la ficar ali abandonada, à chuva, presa de uma sorte com que ele já nada tinha. Entrou, deitou-se, fechou os olhos e esforçou-se por adormecer. Mas a imagem de Luísa prostrada fora da porta, não o deixava e, minuto a minuto, a tristeza da chuva, moendo o silêncio na imensidão da noite do seu coração, foi diluindo nódoas do passado e ele pôs-se a pensar:

— Até um cão tinhoso a gente não deve deixar morrer sem abrigo...

Sorrteiramente, abriu a porta, pegou na mulata ao colo, estendeu-a na sua enxerga e acordou Marcelino.

— Onde tu pescou ela, João?

— Aí fora. Tava caída no chão. Eu não quero saber, mas a tua mãe havia de ter pena...

Mamane Angelina curou-a. O mal de Luísa era fome e arrependimento. Depois, ela quis ir-se embora. Mas a velha negra insistiu para ficar:

— Não vai embora nada! Tu tá na minha casa. Quem manda é eu!...

Foi ficando. Vendo João Xilim todos os dias. Ele não lhe diz uma palavra, procedendo como se não vivessem na mesma casa. Luísa não se queixa. Sabe que não merece a piedade de ninguém e muito menos do marido. Se alguma coisa ela ainda merece é pancada. Por isso, ela tenciona abalar de uma vez para sempre, sem se despedir, ir andando sem parar até chegar ao mato dos bichos e morrer aí, para que nenhuma pessoa possa pocurá-la e ter pena.

Desde que Luísa vive na mesma casa que ele, João Xilim tem outro aspecto. Cabisbaixo, nem para Marcelino ele adianta mais do que bom-dia e boa-noite. Sente que na sua cabeça se batem dois gigantes, um a querer impôr o perdão e o esquecimento e o segundo, ora mais forte ora mais fraco, a exigir desprezo e afastamento definitivo. Talvez o remédio fosse deixar a palhota dos amigos, sem dizer adeus às pessoas e às recordações. Mas vai adiando qualquer resolução porque ele tem medo de estar só no mundo.

Uma noite, ao chegar a casa, não encontra Mamane Angelina nem Marcelino. Foram fazer companhia a D. Francisca a quem morreu o homem de repente. Luísa está sozinha. João Xilim ainda pensou em sair logo. Mas isso seria dar importância à mulher. Instintivamente senta-se à mesa. Luísa traz-lhe um prato de sopa. Sopa como ele gostava quando eles viviam juntos. Nas refeições de Mamane Angelina nunca aparecia. Luísa faz aquilo para lhe agradar. João Xilim arreda o prato. Não precisa das atenções dela. A mulher fica de pé na frente dele, com as mãos a enrolarem-se na blusa preta por fora da saia. João Xilim, mesmo sem olhar, percebe o seu embarço. Custa-lhe aquele silêncio. Levanta-se da mesa e dirige-se para a porta.

— João...

— Anh?!

— João...

A sua voz é mordida de soluços. Deixou de ser a voz rouca da mulata debochada que ele encontrara à saída da barraca das adivinhas no campo de futebol do Invencível naquela maldita tarde em que a esfaqueara. Lembra a voz meiga da mulher virgem que um dia lhe jurara amor. Em que tempo foi isso?

— João...

— Se quer falar, fala depressa! E meu nome eu já sei de cor!...

Olha de soslaio. Luísa está toda a tremer, os olhos baixos, as mãos espalmadas sobre a barriga.

— João, eu não quer viver mais. Para quê? Mas só tu pode matar a mim. Foi pena naquele dia não ter acabado tudo.

— Você nem merece nem isso!...

Luísa treme mais. E ele gostaria de a amparar de qualquer maneira, mas sem ter que se mexer. Sem a intervenção da sua vontade. Que a sua mão se estendesse até onde ela está e a obrigasse a continuar de pé para não cair, não morrer ali diante dele.

— Tá bem, João, eu vou embora... Desculpa...

Não queria falar, mas foi dizendo:

— Não vai hoje, não... Precisa despedir de Mamane Angelina. Você deve muito a ela.

Luísa ia cair desmaiada mas ele agarrou-a pela cintura. Deitou-a na sua cama.

Mamane Angelina ficou contente por eles se juntarem e disse a Luísa que tivesse um filho. Os filhos prendem os homens, dizia. Mas Luísa agora não queria mais do que ganhar o perdão definitivo do marido. E sentiu-se muito contente quando ele decidiu arranjar uma barraca só para os dois. Apesar disso, felicidade dos dois, ela pensa que será impossível.

* * *

Um dia chegaram àquele bairro das palhotas do subúrbio, um automóvel e um camião. Os negros que vinham neste, carregaram os instrumentos e seguiram atrás dos brancos. As mulheres apareceram curiosas às portas das casas. Os brancos fizeram medições, tiraram apontamentos, conferenciaram largamente. Um negro reuniu a população do bairro e explicou que os brancos donos do grande terreno iam construir muitas casas para brancos. Os habitantes do bairro teriam que deixar o sítio no prazo de três meses. As negras e os mufanas ouvem e mal entendem o que se passa. O empregado afixou papéis como os dos jornais nas paredes de algumas das barracas maiores.

João Xilim regressa ao fim da tarde e encontra tudo em alvoroco. Ouve o que têm para lhe contar. Todos os homens

protestam em murmúrios ou em voz alta. Um mulato claro que andou no liceu e é empregado numa repartição diz aos negros na língua deles:

— Eu falei com os brancos que são os donos deste terreno. Eles têm razão. Este bairro das nossas palhotas, é uma vergonha. A gente vai mudar as nossas coisas para o terreno que vão dar e um dia eles hão-de fazer também casas boas para a gente morar.

E fala de progresso e civilização. Mas os negros e mulatos só pensam que têm de desmanchar as barracas e transportar o material para outro sítio e reconstruir de qualquer maneira. E muito do material já é tão velho que não aguentará. Alguns vivem em casas arrendadas e onde vão encontrar outras por aquele preço? Eles sentem que uma hora má está batendo. São, quase todos, carregadores do cais, serventes de operários, empregados modestos. Com a crise, o movimento da construção civil diminuiu imenso, muitas obras pararam. Alguns desempregados partiram para o interior mas outros também vêm de lá juntamente com os que não conseguiram empregar-se.

O mulato que fez o discurso é corrido. Marcelino diz num grupo.

— Voz dele é de mulher: não presta para nada! — e cospe, enojado.

Os homens esperam qualquer coisa, andam de um lado para outro, incapazes de se meterem dentro das casas. Precisam de uma atitude que esteja de acordo com eles. Então, João Xilim fala para eles, de igual para igual:

— Vocês não acredita neste mulato gingado! Vida dele é de branco! Vida da gente é de negro! A gente não precisa desta conversa! A gente fez aqui as nossas casas há muito tempo, não é? Para quê vão mandar a gente embora? Onde está dinheiro? Pais de vocês e pais de pais de vocês não morava já aqui? Não é os pés da gente que pisa este terreno? Tem muito lugar para os brancos ir fazer as suas casas! Para quê vão correr a gente daqui?

Os homens não dizem nada mas baixam as cabeças. João Xilim prepara-se para continuar. Mas, nesse momento, chega o encarregado das medições. Informa-se do que se passa. Dirige-se a João Xilim:

— Sai já daqui para fora! Vocês estão todos aqui por favor e ainda refilam! Sai, filho da ...! Mulato duma figa! Passa uma névoa pelos olhos de João Xilim. Sempre

a mesma acusação à sua condição de filho ilegítimo de duas raças. Uma afronta permanente como se ele tivesse que carregar até à morte a culpabilidade do abraço da mãe Kati e de patrão Campos. O passado exige-lhe uma resposta. Articula uma palavra. Então o branco levanta a mão e esbofeteia-o. João Xilim reage. Agarram-no e um negro que vinha com o branco fala-lhe na polícia. João Xilim esbraceja, mas subitamente, acalma-se. Morde os lábios e, afastando-se, promete para um dos companheiros mais próximos:

— Eu hei-de ir na cadeia outra vez, mas este gajo não dura um ano!

Os homens moradores no bairro condenado juntaram-se todos e foram pedir um prolongamento do prazo para abandonarem aquele sítio. Pediram também que lhes fosse emprestado dinheiro para poderem comprar algum material em segunda mão para substituir o que estivesse mais velho e não aguentasse a transferência. O chefe que os recebeu, concedeu-lhe mais um mês mas informou que não lhes poderia ser emprestado dinheiro. E prometeu que depois de construído o bairro para os brancos, se construiria um bairro de alvenaria para eles. Os homens saíram dali desanimados, de cabeças baixas, com uma palavra de desgosto amortecida nos lábios. Um outro branco da brigada sentiu e interiorizou esse desgosto. E continuou a trabalhar, meditando sobre os aspectos dolorosos das renovações prioritárias.

Os macubares dos coqueiros tremulam levemente, um vento medroso começa a correr na tarde abrasada. Um trovão soa longe. Mas o céu permanece claro e o sol tem um brilho intenso. A aragem é sussurro que mal se apercebe.

O capataz e os trabalhadores negros das primeiras obras andam lá em baixo, onde o aglomerado das palhotas acaba. Uma negra parte para a estrada com um cesto de castanha de caju à cabeça. Um mufana acompanha-a, pedinchando. E, vendo um branco a desenhar, mira de largo, curioso. Um pássaro chega, empoleira-se no vértice dum coqueiro, pia tristemente e vai-se embora, prosseguindo a sua viagem, descontente com o sítio. Mais longe, na planura imensa de capim seco, o sol deixa uma larga mancha de despedida, violentamente vermelha.

O branco, terminado o seu trabalho, contempla a paisagem. Não há ali beleza, mas apenas o roçar misterioso de

apelos ocultos que saem da terra virgem, da quietude dentro das palhotas, das vidas que lá dentro estão com um prazo marcado para se mudarem. Aquele lugar tão diferente é um subúrbio da cidade moderna. Mas, nesta hora, é como se fosse um país estranho e as gentes que habitam para cá da estrada estivessem esquecidas da civilização, sem ouvir as suas ordens, sem conhecerem os seus horários, sem sentirem o seu bafo.

Um golpe de vento irónico sacode as folhas ressequidas do coqueiro e faz ondular o capim ainda não completamente seco. Uma frescura breve toca as coisas mansamente e o negrito que tinha estado a espreitar o desenho levanta o narizito para as alturas e parte a correr pelos campos fora como se o tivessem nomeado mensageiro de uma boa nova. O céu recebe o sinal do vento e começa a escurecer. Mas os homens já não acreditam que possa tornar a chover. E os que vieram do mato, fugidos às consequências das secas nos pastos e nas plantações, talvez olhassem agora a chuva com rancor.

O céu escurece mais. O vento sopra em rajadas e faz gemer a pobre vegetação. A trovoada está quase em cima da planície. Os relâmpagos riscam a escuridão prematura. As palhotas, o silêncio dos homens e das mulheres e a inquietação medrosa das crianças e o sol moribundo coberto por uma nuvem, têm beleza bárbara expulsa do mundo. E o branco medita. Há mais qualquer coisa naquela ponte pênsil do mato para a cidade que a necessidade de progresso. Há a profecia indecisa duma manhã que todos saudem com a mesma alegria depois de sofrerem os pasmos e as dores das suas origens.

O vento deixou de correr. As nuvens deslizaram suavemente e limpou-se o céu. O sol ressurge, mais baixo ainda, mancha luminosa de cobre dourado que esbarra no sopé da montanha que fecha a planície. Os homens emprestados ao subúrbio terminaram as suas tarefas e preparam-se para regressar à cidade. Para o dia todo acabar com o sono do corpo, faltam ainda duas ou três horas, findas as quais os moradores do bairro suburbano estarão mais próximos dessa outra hora em que terão que desmanchar as suas casas e transportá-las para as reconstruir mais além.

*
* *

E, finalmente, chegou o último dia do prazo marcado para os negros e mulatos largarem o local onde habitavam

e eles não foram para os seus empregos. Logo de manhã começaram a acarretar os materiais das casas desmanchadas desde as primeiras horas da madrugada. E, em marcha penosa, mais triste que fatigante, seguiram pelo atalho, tomaram a estrada e cortaram à esquerda em direcção ao sítio designado para se instalarem provisoriamente. Esta noite, os homens dormirão à cacimba, com o céu estrelado bem por cima deles. Para as mulheres e crianças arranjarão alpendres, abrigos de emergência até que as modestas casas estejam reconstruídas.

Vieram também os homens que fugiram das povoações acossados pela seca e os que tinham ido para o interior à procura de emprego e voltaram desiludidos. Os desempregados estão pagando a sua comida. Os braços enrijaram e agora ajudam a transportar a madeira velha e o zinco remendado das casas de mulheres viúvas e sem filhos homens para ajudar. Os trabalhadores do bairro europeu que já começou a construir-se, pararam, por momentos, as suas tarefas, para contemplarem o início da debandada, a verem os exilados caminhando, sem olharem para os lados, levando as suas casas desmontadas e os trastes. As mulheres pisam o mesmo caminho, com as coisas de casa à cabeça, objectos que só têm serventia para gente pobre.

João Xilim não quer que Luísa ande no carrego. Mas, apesar disso, ela esforça-se por ajudar, silenciosa, levando à cabeça a esteira cheia de pequenos tarecos. Ele admira o bom senso da companheira, dispondo as coisas em ordem, fazendo projectos, escolhendo o melhor lugar para eles reconstruirem a barraca que fora de D. Maria.

Antigamente, quando a mulher andava na má vida, João Xilim supunha que o corpo dela estaria definitivamente murcho para emprenhar. E, por isso, se espantou quando lhe ouviu dizer, muito tímida, que ficara grávida. Julgou, a princípio, que ela se tivesse enganado, mas depressa se convenceu, vendo a barriga da mulher crescer dia a dia, escondendo um rebento, um pedaço dos dois. Mamane Angelina confirmou logo, deu um prazo, insistiu para que a chamassem no momento do parto. E João Xilim não consente que Luísa faça esforço, ela deve descansar o mais possível para o menino nascer sãos.

Ao fim da tarde, a mudança está quase concluída. Apesar algumas mulheres transportam ainda bugigangas dos quintais. E os futuros lares aparecem definidos pelos pequenos

alpendres, os materiais amontoados e os tarecos. E há cansaço e tristeza em todas as feições.

Luísa sente-se, de súbito, muito alquebrada e com náuseas. Procura com a vista Mamane Angelina para lhe contar a impressão angustiosa que lhe sobe da barriga e desce e sobe de novo. Descobre João Xilim que se está aproximando, levanta-se para ir ter com ele, mas cai exausta. E ali mesmo, dá à luz um pedaço de gente com cerca de um palmo. Ele fica desvairado, não ouvindo nada, não percebendo nada senão que a esperança de um filho acabava de desaparecer. Algumas mulheres deixam de arrumar e aproximam-se. João Xilim não as vê. Os homens continuam a passar, indiferentes.

O mulato volta a si e olha em redor. Anoitece e o movimento de grupo para grupo diminuiu. Fogueiras dispersas pelo campo indicam os lugares escolhidos para montar o novo bairro e são como as pedras dos novos lares. Só no sítio onde se levantou o alpendre para Luísa passar a noite, ainda não há uma fogueira. Luísa dormita na esteira e Mamane Angelina está sentada no chão, de mãos pousadas sobre o colo, silenciosa. De pé, João Xilim olha para a mulher, enrodilhada, sem dar acordo. Parece-lhe morta, um pavor abala-o e não consegue esconder por mais tempo a sua aflição. Mamane Angelina tranquiliza-o. O choque foi grande, ela precisa de descansar e a velha ficará ali toda a noite, a fazer-lhe companhia.

— Olha, é melhor você acender uma fogueira. Estar triste agora não adianta nada. Amanhã ela já há-de estar quase boa...

João Xilim, envergonhado com a observação de Mamane Angelina, apressa-se a ir buscar lenha e acender o fogo. E pensa que deveria não aceitar a decisão da mãe de Marcelino e levá-la para o seu alpendre, onde o filho a estará esperando. Mas tem medo de se encontrar a sós com Luísa, inexperiente e desgostoso. E se ela vai morrer esta noite? O coração aperta-se-lhe, sente a garganta seca e os olhos a arderem. Revolta-se contra o destino que fez nascer o filho antes do tempo, morto antes de viver. Olha, porém, de novo para a mulher dormindo com uma respiração apressada e o desespero muda-se em piedade.

A noite está escura e das fogueiras que marcam o futuro bairro restam agora apenas uns lumaréus rasteiros como se estrelas tivessem caído aqui e acolá. Faz-se silêncio por toda a parte, protegendo as famílias desabrigadas.

Luísa continua a respirar com dificuldade. Mamane Angelina cochila. Marcelino chegou, informou-se do que se passava, apertou amigavelmente a mão de João Xilim e disse:

— Se precisar de alguma coisa, tu chama logo a mim. Ouviste?

Luísa abre os olhos, suspira. Admirada de se ver ali, quer falar, mas as palavras empastam-se-lhe na boca. Olha para Mamane Angelina e detém-se depois no marido. Recorda vagamente o que aconteceu. Duas lágrimas toldam-lhe a vista, um soluço prende-se-lhe no peito. Estende o braço dormente e agarra a mão do marido. João Xilim acaricia-lhe a cabeça. E ela fecha novamente os olhos e ficam assim por muito tempo, acordada e pensando em mais este bocadinho de esperança perdido.

Luísa logo se restabeleceu. Não esteve mais do que três dias deitada. Não voltou a ter uma conversa prolongada, de olhos mortiços, metida consigo. Trabalha todo o dia, cansa-se propositadamente, preocupa-se com ninharias, para não lhe sobrar tempo de ouvir o seu coração magoado. Chega a noite, o marido adormece a seu lado e, então, completamente só, sem a influência de ninguém, entrega-se à triste recordação. Pedira a Mamane Angelina que lhe guardasse o menino morto e metera-o num frasco com álcool. Não disse nada ao marido. Nenhuma pessoa, nem mesmo ele, saberia compreender essa necessidade de poder ver todos os dias aquele bocado da sua carne ainda sem feições, disforme e inerte e que deveria ser o seu primeiro filho se Deus tivesse querido. Mas, de noite, ela não vê mais o aborto. O filho cresce-lhe na barriga, remexe-lhe nas entradas, prepara-se para vir ao mundo, inteiro e perfeito. E torna a sentir a mesma profunda sensação de maternidade. As horas passam, porém, e a visão desfaz-se e a realidade obriga-a a chorar amargamente.

Se João Xilim consentisse, poderia tentar arranjar outro filho, mas ele anda arredio, taciturno e ela complica as suas preocupações imaginando-se desprezada, posta à parte da barraca, obrigada a ser de todos como antigamente.

João Xilim foi despedido da tipografia onde se empregara. Há um mês ele teria recebido o desemprego como uma desgraça mas hoje quase que nem se importa. O filho que esperava, que ardente desejava, pariu-o Luísa com pouco mais de quatro meses de barriga. O mulato verga as costas, como se toda a gente lhas esmurrasse. E vai caminhando, obediente, sem protestos, conformado.

Foi na estrada, poucos metros adiante do caminho para o bairro, que o homem cruzou com ele e parou.

— Bom-dia, Sr. João. Você já não se lembra de mim? Eu estava na festa do Grupo Unido...

— Não, não lembro. Tinha lá tanta gente...

— Pois tinha. Festa bonita. E, caramba! você foi mesmo um tipo de coragem no incêndio!

— Ora, coragem não. A gente faz essas coisas e naquela altura nem sabe...

— Venha daí! Vamos beber um copo à sua saúde! Eu é que pago, claro...

Aceitou. Apetecia-lhe realmente. Entraram num bar e sentaram-se a uma mesa.

— Vai cerveja?

— Pode ser.

A meio do primeiro copo, o negro apresentou-se:

— Chamo-me Abel Matias... Você onde é que trabalha agora?

— Em parte nenhuma. Tou desempregado. Chatice duma vida!

— Isso é mau! Como foi?

— Tava a trabalhar numa tipografia. Parece que o patrão soube que eu tinha estado na cadeia. Mandou-me embora. Disse que não tinha mais serviço para mim.

— Os brancos fazem o que querem com a gente. E a gente é que estamos na nossa terra.

— Agora a culpa não foi de não ser branco. Toda a gente fica desconfiada de um tipo que teve na cadeia. E o melhor é mandar embora...

— Ora, se você fosse um branco não mandavam embora só por causa disso. Você esteve preso mas não roubou ninguém. Uma hora má qualquer pessoa pode ter. Mas com os pretos e os mulatos eles podem fazer tudo. E com os mulatos ainda é pior que com os pretos.

— Pois é...

Beberam mais um copo. Estiveram um momento calados. E o Abel insistiu:

— Eu cá não posso esquecer certas coisas. A gente anda a ser explorada. E põem a gente de lado como bichos. Têm nojo da gente. Mais nada!

— Sim, sim, é um bocado verdade...

— E há-de ter muita gente da nossa cor que pensa como eu. Muita gente que está cansada desta vida.

— Talvez...

— Tem. Mas coragem é que não chega. Eu moro na cidade. Só converso com gente dali. Mas, aqui, fora da cidade, as pessoas ainda têm vida pior. E há-de haver gente que está farta e anda a pensar que é preciso os negros e os mulatos mandarem na sua terra.

— Isso eu não sei, amigo...

— Mas você podia saber. Você está desempregado. E não encontra emprego, não é?

— É.

— Então, olhe, amigo: vê se sabe de gente que pensa que isto não pode mais continuar assim. Mas não é uma pessoa só, não. Gente que se encontre para falar destas coisas. Eu também quero estar ao lado deles.

Tinham bebido já quatro copos. João Xilim, um pouco perturbado pela bebida, respondeu:

— Vou ver...

À despedida, Abel Matias ajudou:

— Você há-de estar aflito com falta de dinheiro. Eu posso emprestar quinhentos escudos. Pegue. Você paga quando puder. Quando tiver emprego. Talvez eu possa arranjar um para você.

— Não, amigo, deixa estar. Você nem sabe bem quem eu é...

— Sei. Sei que você é um homem valente. Um homem como é preciso. Veja lá se sabe dessa gente que eu disse... Volto aqui na quarta-feira a esta hora. Espero por você...

João Xilim deixou o negro e foi andando. Eram quase sete horas da tarde. Achava aquele tipo esquisito. Chegado ao bairro, procurou um amigo que tinha estudado na Escola Comercial e estava empregado num escritório. E contou-lhe a conversa sem mencionar o nome do outro. E o amigo disse:

— Esse tipo quer apanhar alguém numa ratoeira. Mas a gente é que vai apanhar a ele...

No dia e hora marcados, João Xilim apareceu no mesmo bar. Abel Matias esperava-o. Beberam.

— Então, amigo você conseguiu saber alguma coisa?

— Sim, parece que tem um grupo de tipos que andam chateados...

— Eu gostava de falar com eles.

— Eu não conheço a eles. Mas parece que eles ficam juntos numa casa nos sábados à noite.

— Vê lá se sabe onde é a casa...

— Vou ver...

Novamente João Xilim procurou o amigo e lhe contou a conversa.

— Está bem, diz a ele onde é a casa. Diz que é a casa do Rogério que, desde que ele morreu, está sem ninguém.

No sábado, à hora indicada, cinco homens estavam dentro da casa onde tinha vivido o Rogério. Quando ouvem bater à porta, abrem-na e logo que o Abel Matias entra, apagam a luz e agarram-no. Tapam-lhe a boca com um lenço e dominam-no. Não dizem uma palavra. Despem-no completamente. E saem, deixando-o nu e levando toda a roupa dele.

As quatro horas da manhã, João Xilim aparece, muito excitado e encontra o Abel Matias sentado num caixote.

— Você vai pagar tudo isto, seu bandido!

— Eu? Eu não tenho culpa nenhuma. Eu só perguntei se havia gente que costuma juntar. Foi você que pediu para saber. Não sei nada, Sr. Abel, quem é essa gente. Eu tava a dormir quando bateram na minha porta. Quando fui abrir, não tinha ninguém. E meteram este bilhete.

Passa o bilhete a Abel Matias que o lê: «Esse teu amigo que te paga as bebidas, está na casa que era do Rogério. Parece que perdeu toda roupa. Está nu. Empresta a ele tuas calças e tua camisa. Convertele ele há-de pagar esse favor a um amigo da mesma qualidade. E é melhor vocês os dois não aparecer mais aqui».

— Agora eu estou lixado, Sr. Abel. Esses gajos hão-de começar a chatear a mim. Tá aqui umas calças e uma camisa para você vestir. E é melhor mesmo você ir embora e não aparecer mais. Cada vez eles até são mabandido. Agora tá a vir muita gente nova para aqui, que a gente nem conhece... Desculpa, Sr. Abel, mas eu só queria era ajudar...

Abel Matias, calado, veste as calças e a camisa. Abre a porta e sai, desaparecendo na madrugada.

Depois desta interrupção na monotonia dos últimos tempos, João Xilim dá agora grandes passeios, esquecido das refeições, das horas de chegar a casa. Numa dessas digressões, surpreende-se para lá da praia dos brancos, onde se destacam alguns coqueiros. Hoje o mar é diferente daquele que conheceu durante as suas viagens de embarcadiço. Está absolutamente calmo e nenhum barco se avista. Caminha pela beira da água, enterrando os pés na areia molhada. Olha para a outra margem do estuário e pensa como o mundo deve ser grande,

com muitos rios a irem morrer no mar, mais mares, mais horizontes, mais terras e sempre assim, por aí fora. E torna a lembrar-se daquele mapa do mundo que havia pendurado na parede do quarto de Tomás de Oliveira, onde o branco lhe mostava os lugares distantes, com gente de várias raças, morando, trabalhando, amando, odiando, sofrendo, rindo e morrendo também.

Chega à primeira gamboa. Alguns negros consertam uma rede e um deles reconhece-o. Fica ali, ouvindo falar das marés, da força do vento antes da barra, do movimento da pescaria. As mulheres andam de capulana arregaçada até por cima dos joelhos, apanhando ameijoas e caranguejos na gamboa vazia. Depois, virá a maré cheia deixando o peixe dentro do cercado de rede.

O mulato Juza, dono da gamboa, que foi testemunha de defesa no seu julgamento, aparece e conversa com ele, pede-lhe notícias dos moradores conhecidos do antigo bairro. E ao saber que João Xilim está desempregado, oferece-lhe um lugar na sua gamboa.

Foram viver na gamboa do Juza. Luísa não disse nada. Curvou a cabeça e obedeceu.

O Juza possui uma embarcação. Canoa velha que passou de mão em mão, veio dos pescadores valentes e experimentados que se aventuraram para além da saída da barra, até ao pescador modesto da gamboa. A canoa não navega para longe, mas apenas anda nas águas próximas da baía, com dois negros remando devagar e outros dois pescando à linha ou estendendo a rede que leva dias a passajar para se romper facilmente com o peso do pescado. Material antigo, o da gamboa. Coisas em terceira ou quarta mão.

O Juza é feliz. Não pensa nunca no futuro. Teve várias profissões, abandonou-as sempre por um capricho, vadiou, esteve no estrangeiro, amou lá uma mulher que não podia pertencer-lhe, foi preso, fugiu da prisão. Conseguiu atravessar a fronteira e fundou o seu reino da gamboa. Tabalhador como poucos. Mandrião quando lhe apetece. Repartindo o que a gamboa dá, conforme as necessidades e o mérito de cada um que nela trabalha. Até da cidade vêm negros e mulatos para ouvir os conselhos dele, gozar no seu convívio uma hora de bom humor ou de histórias que fazem serenar os exaltados. E nenhum parte sem levar a cabeça mais erguida, um novo projecto, uma esperança mais firme, um desespero derrotado.

Para o sul, onde a praia entra em contacto com a mata, há outras gamboas, pertencentes a um branco que nem o Juza nem os negros da sua gamboa conhecem. O patrão das gamboas grandes vive na cidade e nunca desce de lá. Dirige-as um empregado chamado Borges. Mas os negros dão-lhe o nome de Coxo porque manqueja da perna esquerda. Para eles, aquilo foi de um tiro que apanhou. Tem a boca torta,

repuxada também para o lado esquerdo. Ficou assim deformado depois de um ataque epiléptico.

O Juza vive com uma mulata. Conquista do dono da gamboa pequena, não se sabe de onde nem de quando. É bonita a valer e vaidosa. João Xilim pensa:

— É o melhor peixe que o Juza já pescou na gamboa...

Tem pouco trabalho e fácil na gamboa dos negros. Esperam pela maré vazia e depois vem o Coxo, escolhe o peixe maior e paga-o pela sua tabela. De madrugada, os carregadores das gamboas grandes acarretam o peixe escolhido na véspera e partem para a cidade a vendê-lo na banca do bazar.

Todas as tardes, o Juza desamarra a canoa da estaca maior da rede da gamboa e vai deslizar na baía. Beatriz acompanha-o quase sempre. E João Xilim deita-se na areia da praia, de barriga para o ar, olhando a terra do outro lado da baía, aos altos e baixos, matutando nas voltas da sua vida. Luísa aproxima-se, de mansinho, não vá distrair o marido das suas divagações. Não diz nada, fica ali em silêncio todo o tempo se o marido não lhe fala. E sente-se bem assim, por ser consentida na presença do homem que ela tanto ofendeu e lhe perdoou. E todos os dias, àquela hora de descanso da faina da pesca, João Xilim recapitula fragmentos do seu passado. E termina sempre por se lembrar da bofetada que o branco lhe deu na questão da transferência do bairro do subúrbio. E do insulto que a precedeu. E remói:

— Filho da p..., einh? Filho dum branco com'a ele!...

A serenidade que lhe viera depois da sessão de homenagem que lhe fizeram no Grupo Unido, é substituída de novo pelas recordações de toda a sua vida. Raiva de não se ter vingado de patrão Campos e do canteiro da Casa do Caju. Raiva de não ter atirado as culpas à cara de mãe Kati. Raiva de ter possuído a menina virgem do Marandal. Raiva de ter esmurrado o mulato engajador para as minas do Kaniamoto. Raiva de não ter declarado a verdade sobre a morte do chaveiro e do negro Isidro. Raiva de ter acedido ao convívio com o branco Tomás de Oliveira. Raiva de ter sido o herói do incêndio na cantina. Raiva de ter aceitado a homenagem dos negros do subúrbio. Raiva de não ter dado um enxugo no Abel Matias. Raiva de se reconhecer cobarde perante uma vingança das suas lembranças.

— Filho da p..., einh?! Filho dum branco com'a ele!...

Olha para o mar e vê a embarcação do Juza salteando suavemente sobre as ondas preguiçosas. Se ao menos pudesse

ir para longe, acompanhando sempre aquele risco mais claro que os barcos grandes deixam na água do mar... E lembra-se do seu tempo de embarcadiço, fazendo viagens na costa. De um tempo que nunca devia ter atraído para regressar ao Marandal.

Luísa deixa-se estar de cócoras na areia, olhando também para o mar que lhe não diz nada, atenta ao pulsar do coração do marido. Ficou grávida outra vez. E o coração dela bate também, agora de maneira diferente.

Uma mulata sua amiga veio visitá-la e disse-lhe:

— És gulosa, anh!... Gostas de andar com a barriga na frente!...

Não respondeu. Tem medo de que o marido receba a notícia com desagrado. Andou assim dois meses, receando que João Xilim descobrisse e ansiosa por que ele reparasse e dissesse alguma coisa. E uma manhã, depois de bebido o chá, ele quebra o silêncio:

— De barriga cheia e você não dizia nada!...

Luísa baixa os olhos para não ver a cara do marido. Treme. Espera a sentença que será o destino do seu filho.

— Precisa ter mais cuidado. Tu agora não podes ir na gamboa apanhar o peixe. Precisa descansar.

Ela então levanta os olhos humedecidos por lágrimas que não chega verdadeiramente a chorar, sem ter nada que dizer, sem poder dizer nada. Os lábios mexem-se e nasce-lhe um sorriso meigo, de tímida gratidão. Arranja coragem para enrolar os braços em volta do pescoço do marido. João Xilim aconselha outra vez, beijando-a em seguida:

— Precisa ter cuidado, ouviste?...

Quando Beatriz sabe do estado de Luísa, diz-lhe que faria bem ela ir passear na canoa ao fim da tarde. Mas a futura mãe recusa imediatamente. Não irá nunca na embarcação, enquanto estiver de barriga cheia. Apavora-a a ideia de que o seu segundo filho também possa vir ao mundo sem a fazer mãe.

Ao pensar no filho que vai nascer, João Xilim verifica que o negócio da gamboa é negócio sem futuro, coisa de entreter. Quer dizer algumas palavras ao Juza a este respeito mas não atina como. O dono da gamboa não tem ambições, já viveu muito e intensamente e agora o seu mundo está todo entre os braços roliços e sabidos de Beatriz.

O fraco negócio é eles venderem o peixe ao Coxo. Manobra de juízo seria eles irem também vendê-lo nas bancas do

bazar, embolsando o lucro que o Coxo recebe. Mas não acha maneira de falar ao Juza. Talvez não goste que ele se meta onde, afinal, não é chamado. Lembra-se de dizer a Luísa que interesse Beatriz no seu projecto. Falta-lhe, porém, o entusiasmo, vendo-a sempre preocupada com os trabalhos de casa e especialmente costuras da roupa para o filho. E um dia, quando estão todos na gamboa, de calças arregaçadas, molhando o peixe, resolve dar conta do seu projecto. Juza endireita-se. Luísa e Beatriz estão à beira da praia, mal deixando chegar a água aos pés, vendo os movimentos dos homens. Juza continua calado. Parece não ter entendido o sentido exacto das palavras do amigo. Finalmente, endireita-se mais e estende a mão.

— Aperta, rapaz! Você é esperto! Eu sou uma besta! Negócio de cabeça é assim mesmo! Amanhã tu vais na cidade arranjar essas coisas...

E começa vida nova para o pessoal da gamboa do Juza. Alugam banca no bazar. Constroem mais uma gamboa. E o Juza que já não gostava de complicações, fala em comprar uma embarcação nova, em aumentar o negócio com pesca no mar da baía.

As duas mulheres vão para o bazar de madrugada, vender o peixe na banca. A princípio, vendem pouco. A concorrência do Coxo torna-se desesperada. O patrão dá-lhe uma percentagem nos lucros e se o projecto dos mulatos vingar, a sua parte diminuirá bastante. E, então, o Juza sugere:

— A gente vai vender mais barato. O gajo não se aguenta...

E agora, muita gente cai na banca dos mulatos, comprando o peixe mais em conta que nas bancas do Coxo. As mulheres chegam à gamboa perto do meio-dia e entregam o dinheiro. Juza quer dividir os novos lucros, metade para cada um. João Xilim opõe-se:

— Não senhor, negócio é de você. Eu não pus nem um escudo. Precisa de comprar uma canoa nova. Depois a gente pode fazer sociedade...

E o Juza acumula, dia a dia, o dinheiro para comprar o barco novo.

Luísa está no sétimo mês. O ventre cresce, dificulta-lhe os movimentos. Custa-lhe já muito a fazer a viagem de regresso do bazar. As duas mulheres costumam vir para a gamboa à hora do maior calor e o sol bate de chapa pelo descampado. A areia escaldá e os pés nus e inchados não suportam o bra-

seiro e o cansaço. Beatriz comprou uns sapatos, logo que o negócio melhorou. Mas Luísa quer evitar essa despesa. Todo o dinheiro lhe parece pouco para o enxoval e para os primeiros gastos com o filho que vai nascer. O suplício da soalheira e da distância quase se torna insuportável. Tem tentações de contar ao marido a sua fraqueza. Arranja forças e cala-se. Sacrifica-se para não esmorecer o entusiasmo de João nesta luta de concorrência com o Coxo. Mas é o próprio marido que tem a lembrança, trazendo-lhe um dia um par de sapatinhas. Ele mal recorda agora o ódio ao capataz que o esbofeteou quando se anunciou a mudança do bairro do subúrbio. E as outras recordações também estão atenuadas. Falta já pouco para terem o dinheiro suficiente para comprar outra canoa.

Então, num desses dias de audácia e esperanças novas, Luísa traz a novidade e dá-a ao companheiro. Beatriz anda entendida com o Coxo. João Xilim aviva, num relance, todas as suas malditas lembranças latentes. Uma raiva surda alteia-lhe o peito. Pergunta, ofegante:

— Mas tu tens a certeza? Às vezes pode ser engano...
— Não, eu vi mesmo...

E conta a história com pormenores. O Coxo não larga a banca delas. Primeiro, viera para disparatar. Mas, depois, passou a usar palavras mais brandas, interessando-se pelo negócio da gamboa do Juza, aproveitando qualquer pretexto para conversar. Beatriz, agradada, dá-lhe sempre troco, ri e não tem pressa de acabar. E há uma semana que não vem com ela. Aceita a companhia do Coxo, na camioneta, até à entrada da praia. Aí, Beatriz espera por Luísa para chegarem as duas juntas à gamboa.

— Eu vou dizer ao Juza...
— Não sei... Mas não diz que fui eu que falei a ti...
— Deixa estar...

Agora que o negócio rende e o Juza tenciona comprar mais uma embarcação, é que vem aquela desgraça. Pensa em inventar um pretexto qualquer e ir-se embora da gamboa. Mas reconhece que isso não é justo nem leal. Precisa de fazer saber a verdade ao amigo enganado. A sua vontade seria apanhá o Coxo num sítio isolado e falar-lhe duro até que ele prometesse largar a mulata. Mas o branco podia responder-lhe que o assunto não é da sua conta.

Avisa Luísa de que ela não voltará mais ao bazar enquanto não tiver a criança. E desculpa-se para o Juza:

— Ela vai despejar um dia destes. Já não aguenta ir na cidade...

O Juza acha razoável e concorda. E Luísa fica agora todo o tempo na gamboa, esperando o nascimento do filho que não tarda dois meses inteiros. Beatriz parte todas as madrugadas para o bazar, com as duas pretas andando mais depressa de tabuleiros à cabeça. Então, o amante quer ir também.

— Tu não pode ir suzinha. João fica a tomar conta da gamboa enquanto eu vou contigo. Não é, amigo?

João Xilim aprova logo. Mas Beatriz protesta, dizendo que ele sempre fará falta por causa do pessoal. E Juza cede.

João Xilim teme, a todo o momento, que o companheiro descubra a verdade. O Juza é bonacheirão mas não perdoará que a amante ande a atraiçoá-lo.

Uma tarde, Juza conta e reconta as notas amealhadas durante seis meses. Tem, finalmente, o dinheiro necessário para comprar a embarcação. Sai da cabana a correr, com as notas na mão, berrando de alegria:

— João! João!...

João Xilim, dentro da sua cabana, deixa-se, estar, quieto, de ouvido à escuta. Julga que o Juza já sabe do mau comportamento de Beatriz. Respira fundo quando o outro lhe fala. E até altas horas da noite, Juza não se refere a outra coisa. Jantam todos juntos. E Luísa comprehende que os dois homens se estimam sinceramente. Despedem-se bastante tarde. Pouco depois, Luísa começa com as dores do parto. E, ao nascer a manhã, João Xilim é pai de um rapaz.

Beatriz mostra-se de uma grande dedicação. Manda o Juza para a banca do bazar. E permanece a maior parte do dia à cabeceira da amiga, atendendo a todas as necessidades, reparando em tudo. E, pela primeira vez, Luísa tem vontade de falar a alguém no seu passado.

Contaram as suas vidas inteiras uma à outra. Não deram explicações, não fizeram comentários. Só contaram. Beatriz jura que não se entregou ainda ao Coxo. Apenas conversa fiada. Luísa pede:

— Olha não jura falso que é pecado...

A amiga sente-se comprometida. E queda-se pensativa durante alguns momentos. Sim, entregara-se ao Coxo. E ia jurar que o repeliria daí em diante, mas achou melhor calar-se. E Luísa tem agora vergonha de revelar que transmitira a João o segredo da traição de Beatriz.

O Juza mandara fazer a embarcação. Demorou tempo a ficar pronta. Que ele a queria forte que aguentasse viagens até perto da barra e esbelta como nenhuma das que partiam das gamboas do Coxo. Mandou pôr-lhe uma vela branca e resistente para que o vento levasse a canoa, veloz e segura, pelas águas da baía mesmo que, de normalmente mansas, se encapelassem. Não dissera ainda a ninguém o nome que pretendia dar à canoa, embora tivesse anunciado uma festa de baptismo. Mas só para ele, tinha já decidido que haveria de gravar na proa estas palavras: ESPERANÇA DA GAMBOA. Talvez nunca viesse a divulgar que esperança era essa da gamboa. Para o Juza, ancorado no último porto do mundo que conquistou e perdeu, a única esperança era a mulher que encontrou um dia, dona sem dono, fadada para ser a esposa de um deus e aportou com ele à gamboa.

Ruminara durante muitas noites, deitado na areia, nuns versos para escrever na vela branca. Recitava:

A vida é boa
Nesta gamboa
Aqui o nome bonito
Que as pessoas dão
A esta canoa
Está na proa
Todo escrito
E no meu coração

E a gente que entrasse na embarcação, leria os versos e havia de gostar de ir dentro dela para navegar nas águas

da baía. Ao procurar na proa o nome que lhe tinham dado, adivinharia que a esperança da gamboa era a mulata Beatriz, dona inteira daquele pedaço de litoral.

Agora, também Beatriz não quer ir vender à banca do bazar. Diz que precisa de fazer companhia a Luísa, ajudar a tratar da criança. Juza e João Xilim alternam nas fainas. No dia em que um vai à cidade, o outro toma conta da pesca e do pessoal.

Então, de súbito, o Juza principia a andar evasivo e triste. Os trabalhadores da gamboa julgam-no assombrado. Quando sai da cabana a respirar a brisa, nas noite de calor, João Xilim surpreende-o de pé, virado para o lado da barra, tão hirto que parece ter morrido assim. Na apanha do peixe, suspende frequentemente o trabalho para olhar com fixidez o horizonte, monologando palavras que os negros não entendem. João Xilim entristece-se. Tem a certeza de que o amigo, avisado ou por desconfiança, foi levado a descobrir a traição da amante. E o Juza, com aquele feitio calmo, é homem para lavar bem a mínima afronta à sua honra.

João Xilim pressente uma tragédia. Qualquer dia ela estala. E não sabe como seria possível evitá-la. Não comunica os seus pensamentos à mulher, receoso de que ela dê com a língua nos dentes. Desculpa-se para consigo:

— Entre marido e mulher não metas a colher...

E se o Juza tem que castigar mesmo a amante, que o faça como entender. Eles se avenham um com o outro.

— Uma boa carga de porrada ela precisa...

Felizmente, Luísa porta-se bem desde que se juntou de novo com ele. Mas não jurará que ela não venha a escorregar mais uma vez.

— Mulata é assim mesmo: olhar de branco, levanta as saias; palavra bonita de branco com uma prenda na mão, abre as pernas.

Um homem deve desconfiar sempre. O Juza pensava que a Beatriz vivia só para ele. Afinal, aparece um branco que, com dois dedos de conversa e uns passeios de camioneta, lhe come a amante. Um branco como o Coxo que não tem nada que se lhe aproveite a não ser lábia para a envaidecer e talvez dinheiro para lhe satisfazer a vaidade. O Juza é bondoso mas não vai perdoar. Por também não ter querido perdoar, é que ele próprio tinha estrangulado toda a sua vida. Não vale a pena apanhar cadeia por causa de uma mulher. Um pontapé e rua. E a cabeça fica mais leve. E depois disso, mais

tarde, um homem até é capaz de esquecer e deitar-se com a mulher que o enfeitou. Assim ele fizera com Luísa.

Mas o Juza não pensa da mesma maneira. Foi no bazar que o avisaram. Estranhou, logo no primeiro dia, que o Coxo se acercasse da sua banca, dando-lhe as boas-vindas, perguntando pela saúde de Beatriz, se estava doente. Mas não ligou grande importância. Eram vizinhos nas gamboas, vizinhos no bazar, gente da mesma profissão. Cortesia do Coxo. Talvez mesmo o branco quisesse chegar a um acordo para acabar com aquela concorrência que ora prejudicava uns ora prejudicava outros e poderia vir a ser a ruína de todos no negócio das gamboas. O Coxo era amável quando lhe convinha, bem falante, gostava de dizer coisas, contar histórias. Por isso, no íntimo, ficou agradecido pela iniciativa do Coxo. E nada teria descoberto, se um mulato desconhecido se não aproximasse um dia para lhe falar direito, sem rodeios:

— Você não me conhece, não?

— Não, de vista só...

— Olha, eu sou amigo de João Xilim que está agora lá na sua gamboa....

— Unh! Unh!... Você é amigo dele?...

E apertou-lhe a mão, com um sorriso largo.

— Marcelino.

— Sim senhor, meu nome é Juza.

E Marcelino contou tudo o que sabia sobre o embrulho do Coxo com Beatriz. Que desculpasse dizer-lhe aquilo, assim mesmo. Mas era amigo de João Xilim e achava que tinha obrigação de avisar o amigo do seu amigo numa questão como aquela. O Juza mal agradeceu. Arrumou o peixe, fechou a banca, entregou um dos tabuleiros ao homem que tinha vindo com ele, mandou-o na frente. Pôs outro tabuleiro à cabeceira e foi caminhando para a gamboa, devagar, pensando.

Começou então a imaginar a vingança que tiraria da traição da amante. Queria que o fim de tudo fosse tão trágico como simples e primitivo fora o seu amor. Estivesse onde estivesse, sozinho ou acompanhado, meditava unicamente sobre essa vingança. Antes de saber do seu infortúnio, teria sido capaz de fazer os mais duros sacrifícios para glorificar o seu amor. Agora, porém, houvesse o que houvesse, morreriam os dois. E para que o demónio da dúvida o não assaltasse à última hora, procurou o Coxo e, a sangue-frio, exigiu-lhe que se confessasse sob palavra de honra.

A canoa nova chegou. Como se nada de anormal tivesse acontecido, Juza passou toda a tarde e o dia seguinte, gravando fundo na madeira da proa as palavras escolhidas ESPERANÇA DA GAMBOA e desenhando na vela os versos que compusera. Empregou nessa tarefa toda a sua boa-vontade desajeitada. Depois, chamou Beatriz, Luísa e João Xilim para lhes mostrar o trabalho. Felicitaram-no e Beatriz, logo comprehendendo a intenção apaixonada do amante, deitou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o na boca.

Ao cair da noite, Juza passou pela cabana do amigo e disse-lhe que esperaria por ele na gamboa porque precisava de lhe falar.

Caminharam alguns minutos juntos, à beira-mar, sem pronunciarem palavra. Antes de chegarem às gamboas grandes, Juza pára repentinamente e diz em voz firme:

— Tu sabia, João, e não disse nada.

— Sabia o quê?...

— Que Beatriz me tem andado a enganar.

— Juza!...

— E não avisou. Bom, deixa. Eu queria falar a ti só por causa da gamboa. Aquilo tudo fica para ti e para Luísa.

— Tu vai embora, Juza?

— Vamos amanhã. E a gente não volta mais. Eu hoje fui no doutor Ferreira para escrever isso mesmo no papel. A gamboa fica para vocês.

— Deixa disso. Ela precisa de porrada e logo anda direita.

— Tá bem, mas a gente vai embora.

João Xilim tenta dissuadi-lo. Zanga-se, é violento. O amigo não deve estragar a vida por causa de uma mulher que nem sequer recebeu na igreja.

Se não pode perdoar, manda-a embora, e faça por esquecer. Tem muita mulher por aí. Mas o Juza cala-se. Voltam em silêncio. Despedem-se em silêncio.

Ainda desta vez, João Xilim não conta a Luísa o que se passa. Continua a pensar, por comodidade:

— Entre marido e mulher, não metas a colher...

No outro dia de madrugada, Beatriz aparece, muito inquieta, na cabana dos amigos, a participar que o Juza não viera toda a noite. Saem a procurá-lo. Encontram-no junto à canoa, do lado do mar, assobiando uma música em voga. Faz-lhe um gesto alegre, na manhã que surge cheia de luz e anuncia:

— Tá prontinha. A gente vai experimentar...

E manda entrar a amante para a embarcação. O vento sopra. Juza içá a vela, empurra com toda a força, metendo a canoa à água. Já tinham ultrapassado o fundo da gamboa, quando ele se volta, de pé, tem um sorriso aberto e grita alegremente:

— Té já!...

Beatriz faz acenos largos com um lenço e ri-se, muito animada. De terra, os dois amigos respondem ao mesmo tempo:

— Té já...

Mas, apesar de toda essa alegria aparente e das palavras trocadas, dir-se-ia que os passageiros da primeira viagem da canoa nova não voltarão mais. É essa a impressão de choque que, subitamente, assalta João e Luísa, porque ficam em silêncio, de mãos dadas, constrangidos, vendo o barco a cortar as ondas, com a vela batida pelo vento, singrando graciosamente.

Quando a embarcação se distancia cerca de duzentos metros, Juza arreia a vela e vira-a contra o vento. Baloça docemente sobre as ondas enquanto Beatriz se deita no banco da proa. Juza põe-se de pé. E fala:

— Beatriz!...

— Anh?!

— Eu quero falar a ti...

— Tou a ouvir...

— Mas eu quero ver a ti...

Beatriz senta-se.

— Que é?...

— Você foi a primeira mulher que eu gostei...

A mulata ri-se.

— Ora...

— Já disse, juro...

— Não calhou encontrar outra...

— Calhou, mas de ti é que eu gostei.

E depois de uma breve pausa, diz num murmúrio:

— Eu gostava de você, assim tanto como o tamanho deste mar. Agora... a gente vai morrer, os dois.

Diz estas palavras terríveis como numa confidência e quase as não diz. Beatriz sorri e mexe-se, alarmada. Um arrepião obriga-a a encolher-se.

— Não brinca, Juza, pode sair certo...

— Sai certo mesmo!

O Juza fala com tal rancor que Beatriz estremece de

novo. Compreende agora tudo. Quer falar. Defender-se. Justificar-se. Mentir. Acusar. Salvar-se por qualquer preço. Mas não pode. Olha em redor. E vê que a embarcação está mais baixa. A água roça a borda da canoa. Naufragam. Levanta-se, desvairada.

— Juza!

Quer suplicar e sai-lhe do peito um grito de angústia:

— Juza! Vamos embora!

— Pois é. Vamos embora. Mas não precisa de gritar. Você não é feliz?

Sente-se perdida. O amante deve ter feito um rombo dissimulado no fundo da canoa. E agora vão morrer. Ninguém virá em seu auxílio. Tem que vencer o ciúme do Juza. Mentir-lhe para o convencer.

— Juza, tu tá maluco? Que é que tá a pensar?

— Tou a pensar que a gente agora tem que morrer.

— Que é que eu fiz a ti?

— Não sabe?!... Pergunta ao Coxo!

Sente-se sereno pela primeira vez, depois de tantos dias e de tantas noites de desespero. Agora que vai morrer, vingar-se, não lhe apetece ofender. Mas desejaría chorar pela sua felicidade irremediavelmente perdida e não consegue. A água já está a entrar na canoa. Então, Beatriz dá uma gargalhada.

— Você pensa que eu gostava de você?!... Eu enganei a você com o Coxo e com outros homens também, não sabia?...

Deve revoltar-se para a castigar com pancada antes que morra afogada. Mas está como que entorpecido. Parece-lhe que aquela voz vem de outra boca, de um corpo que já não é deste mundo. E não lhe responde. Baixa-se e, contraindo os músculos, levanta uma tábua do fundo da canoa. A água entra aos borbotões. Depois, fica de pé, sem olhar, esperando, imóvel, o final. Beatriz desmaia. E assim desaparecem, como dois estranhos.

Na praia, Luísa chora encostada ao peito do marido. Chora a morte dos amigos e a recordação da sua própria desgraça que não merecera tão severo castigo. João Xilim, com as lágrimas nos olhos, não descobre palavras nem gestos para a consolar.

Veio a polícia para investigar como as coisas se tinham passado. João Xilim explica tudo. Mas, mesmo assim, tem que ir prestar declarações ao comissariado. Querem mandar pôr a gamboa em leilão. Então, João Xilim revela à polícia o que o Juza lhe tinha dito sobre os papéis que ele deixara no Doutor Ferreira. Está lá escrita toda a vontade do pobre. João Xilim torna-se dono da gamboa e da canoa velha. E consentem que, em paz, tome conta da modesta propriedade. Paz que não dura muito tempo.

O filho de Luísa tinha pouco mais de dois meses quando se deu a desgraça de Juza e Beatriz. Agora ela vai vender todas as manhãs o peixe apanhado na gamboa. Leva o menino consigo, que não pode abandoná-lo sozinho na cabana até ao meio-dia, sem ter quem trate dele. E nem a mãe nem o pai querem que falte tranquilidade e segurança ao menino.

Luísa inicia a caminhada para o bazar ainda o sol não luz. Mas, com o carregue do filho nos braços, nunca lá chega antes das sete horas. Já as melhores freguesas têm ido embora. O Coxo redobra de actividade. Abriu mais uma banca e, no negócio, ninguém mais jeitoso do que ele. As freguesas param nas bancas do Coxo e ele conversa com elas, conta novidades, faz um pequeno desconto quando regateiam muito e saem de lá sempre servidas. Luísa bem expõe o peixe com as guelras vermelhas à mostra, apregoando preço mais baixo que o das outras bancas. Mas o seu pregão parece um pedido de esmola e ela volta para a gamboa com o tabuleiro mais de meio. Diz para o marido:

— Com o filho ao colo, eu chego lá sempre tarde... É melhor tu ir, eu fico na gamboa...

Mas João Xilim não se resolve logo. Luísa não aguentará uma manhã inteira a tomar conta da gamboa. Ali são precisas uma vontade de homem e força para as coisas andarem direitas. Se ela ficasse em casa e ele fosse para o bazar, tudo iria piorando. Isto, o que ele diz à mulher, para manter a situação como está. Porque, no fundo, João Xilim não quer encontrar-se, por enquanto, com o Coxo. Tem a certeza de que não conseguiria conter-se e havia de brigar com ele.

Sem mais uma palavra, Luísa passa a levantar-se mais cedo, de modo a chegar à banca ao romper da manhã. E pode assim vender o peixe quase todo. As freguesas deram de notar aquela mulata que traz uma criança ao peito e oferece o peixe como que mendingando. E Luísa reanima-se.

Custa-lhe a vencer a viagem de regresso do bazar para a gamboa. Ultimamente, vê-se obrigada a descansar várias vezes durante o trajecto, extenuada, porque o filho já não dorme e traquina. Nunca chega à cabana antes das duas horas da tarde. Mas não se queixa ao marido. Faz em segredo o projecto de um dia venderem a gamboa e voltarem à cidade. Projecto que se enraiza no seu coração desde que Beatriz e Juza foram para fundo do mar e ganha consistência à medida que a venda na banca se faz melhor.

As freguesas agora passam nas bancas do Coxo e poucas se detêm para comprar. O Coxo baixa o preço. Só ele pode aguentar uma venda naquelas condições de concorrência. Mas, por enquanto, é Luísa que está vendendo mais peixe. Agora, quando ela vai para o bazar, segue atrás uma negra com outro tabuleiro à cabeça. Alugaram outra banca e a negra ajuda na venda. O projecto de Luísa talvez venha a tornar-se uma realidade dentro em breve.

Ao mesmo tempo, João Xilim rumina também uma ideia sem dar conta dela a ninguém. Daqui a um ano, a continuarem as coisas assim, comprará uma embarcação nova. Igual à que tinha ido para o fundo do mar com os corpos de Juza e Beatriz.

Tirará licença para mais uma gamboa grande, desenvolvendo o negócio e fazendo uma guerra aberta ao Coxo. E talvez o vença, com um pouco de sorte. Imagina o Coxo vindo com bons modos, a propôr harmonia. Então se vingará do mal que ele causou aos seus amigos. Há-de combatê-lo, derrotá-lo, escorraçá-lo.

Algum peixe que sobra da venda no bazar, Luísa vai agora vendê-lo à tardinha, pelas portas de algumas casas da

cidade alta, ao cimo da ribanceira. Dá pouco rendimento para o trabalho, mas ajuda a crescer o monte de moedas que arrecadam na mala fechada à chave. Volta para a gamboa, já de noite, muito fatigada, com as pernas entorpecidas, vencida pelo sono. Janta e deita-se. O filho começou com os dentes e obriga-a a levantar-se várias vezes durante a noite.

Tem o menino apenas cinco meses quando descobre que está novamente prenhe. Duvidando ao princípio, depressa adquire a certeza. Quase ganha raiva ao filho que começa a gerar. Daí a pouco não poderá voltar ao bazar. Com um menino ainda de colo e de barriga cheia, não aguentará a caminhada como tinha aguentado da primeira vez. Conta ao marido e vê-o entrustecer-se. A mulata sua amiga que de longe a longe vem visitá-la, fala-lhe em abortar. Indigna-se com a sugestão. Mas, altas horas da noite, quando o marido dorme e o filho remexe no ventre, considera que, na verdade, aquela criança que traz dentro de si, será a mais. E se não fosse por vergonha, mandaria chamar a amiga para lhe perguntar como aquilo se poderia fazer.

Um dia, ao regressar a casa, encontra o marido desanimado. Durante a noite, alguém destruiu as redes da gamboa. Desconfia do Coxo ou de gente mandada por ele. Mas não tem provas e na polícia não lhe aceitariam a queixa. E cala-se.

Para consertar as redes e com o prejuízo do peixe que deixam de apanhar e vender, as economias reduzem-se bastante. E, daí em diante, tudo corre mal para os novos donos da gamboa. A canoa velha abriu um rombo que não aguenta remendo. Enterrada na areia, vai-se partindo aos bocados para lenha. Luísa aparece com um febrão de não poder levantar-se. Por essa altura, Marcelino vem visitar o amigo. Está um dia inteiro na gamboa, oferece-se para ser o padrinho do garoto que há-de chamar-se Isidro, em memória do negro da fortaleza. E, ao despedir-se, aconselha vivamente João Xilim a desfazer-se da gamboa e ir trabalhar na cidade.

— Isto não é vida para ti. E quando sorte começa a andar para trás, melhor é ir noutro caminho.

Luísa levanta-se muito enfraquecida pela doença. Deixa de poder ir vender o peixe ao bazar. A negra que a substitui na banca, volta com o tabuleiro pouco menos de meio.

João Xilim blasfema. E, à noite, estende-se ao lado dos restos da canoa e vem-lhe um ódio contra tudo e contra todos. Nunca tem sorte. O que, ao princípio, parece bem encami-

nhado, acaba por ser pior que nada. Agora que a gamboa estava fazendo frente ao Coxo, é que vêm os maiores contratempos. Ainda por cima, mais um filho. E pensara que a mulher, depois da vida que levara, já não seria capaz de ter filhos. E mal um começa a engatinhar já outro cresce na barriga da mãe.

As redes da gamboa rebentam constantemente. Seria preciso comprar outras novas para as substituir completamente. Azar que deu ali porque o Juza se suicidou. Azar de fazer rabiar um santo. E ele não é santo mas talvez merecesse melhor sorte. Um branco dera-lhe uma bofetada. Jurara vingar-se mas a vida corria-lhe tão bem que quase esquecera essa necessidade de punir a ofensa. Range os dentes.

— Filho duma p..., einh?!... Dum branco com'a ele!

Ser mulato é pior que ser negro. Para que é que Luísa emprenhou outra vez? Mais um mulato para toda a gente desprezar e maltratar. Quase que tem vontade de dizer à mulher que arranje maneira de despejar o filho antes de tempo. Já uma vez ela parira um filho com quatro meses. E ele sofrera danadamente. Por isso vieram parar à gamboa. Gesto do bom Juza. E azar de nunca mais acabar desde que a canoa nova foi ao fundo.

Luísa vê que se precipita a decadência da gamboa. E pensa também que foi o fim trágico do Juza e da Beatriz que trouxe azar. Por causa do Coxo. O filho engatinha na areia e não a deixa em sossego. A barriga pesa-lhe cada vez mais. E ainda está no sexto mês. E ela sente-se uma inválida, uma mulher que apenas servirá, daí em diante, para parir e cuidar dos filhos numa luta vencida contra a fome e a injustiça de Deus.

Não saberia explicar como lhe dera a maluqueira de ir falar ao Coxo. Talvez por andar a magicar, havia várias noites seguidas, na decadência da gamboa. Converteza que eram artes do branco das gamboas grandes, a persegui-los, a mover-se na sombra para os deitar abaixo para sempre.

As duas mulheres regressam do bazar com os tabuleiros quase cheios. E o peixe é lançado ao mar e João Xilim tem pena de não poder dar-lhe vida novamente.

A gamboa agora só traz prejuízo. Seria asneira continuar a explorá-la. Peixe apanhado, peixe devolvido ao mar. Não valerá a pena permanecer ali, com um filho para criar e outro remexendo na barriga, a crescer, a fazer tempo para vir ao mundo onde os pais têm sido tão infelizes. João Xilim torna-se taciturno. Sinal de que desanima. Zidrito aprendeu a andar, tropeça atrás dele e fica horas brincando ao pé do pai que, estendido na esteira, olha para longe, sem ver nada, sem ouvir os sussurros absurdos do miúdo. E Luísa cisma na sorte. Não foi Juza que deu o azar à gamboa com a tragédia da canoa nova. São os pecados da vida dela que fazem desgraçar a vida do marido. Deus quis que ela obtivesse o perdão de João, parisse um filho e emprenhasse de outro, para depois, lhe matar todas as alegrias possíveis.

Começam a passar necessidades. Dias seguidos, não comem quase senão peixe. Despedem os dois últimos trabalhadores. Pela tarde, João Xilim pega numa alcofa e vai à cidade alta vender o peixe pelo mais baixo preço. E à volta traz qualquer coisa para cozinhar. Mas o negócio não dá para mais nada.

Quando nascera o primeiro filho, ainda tivera Beatriz a assistir ao parto, tratando das coisas na cabana. Agora,

quando vier o segundo, não haverá ninguém à cabeceira dela, a não ser o marido. Vem-lhe a tentação de procurar a senhora branca de uma das casas em que trabalhara depois de se ter separado do marido, quanto mais não fosse para ouvir as suas boas palavras de consolação. Fala nisso a João. E recebe a resposta que já esperava:

— A gente branca tu não pede nada!... Que é que meu pai fez por ti? O meu nunca me fez nada!

Uma tarde, João Xilim avisa:

— Não espera por mim para jantar. Vou falar com Marcelino.

Luísa fica com receio de passar parte da noite sozinha na gamboa, agora que não há lá mais ninguém, nem uma mulher. Depois, serena. E então, numa reviravolta brusca, num pensamento exaltado, inexplicável, surge-lhe a tentação maluca de ir falar ao Coxo. Pedir-lhe-á apenas que não os persiga mais, que eles não têm ódio a ninguém, querem apenas ganhar, em paz, o suficiente para viverem pobremente.

Adormece o filho. E, antes do pôr-do-sol, mete pela praia fora, até à primeira gamboa grande. Quando se aproxima da casa do Coxo, uma ansiedade terrível se apodera dela, um sentimento de culpa inadiável. Um cão uiva ao longe e ela sente um arrepião. Quer voltar para trás, mas andou tanto para chegar à gamboa grande, que irá até ao fim. Falará com o Coxo. Que mal há nisso? Ela só pedirá que os não persiga, que os deixe viver à vontade.

O marido não regressará tão cedo. Pela primeira vez, depois de estar junta com ele após tantos anos de separação, lhe ocultará alguns dos seus passos. Deus é testemunha de que os está dando para bem de João, do filho que dorme na cabana e daquele que ela traz na barriga e precisa de vir ao mundo e encontrar um verdadeiro lar, tranquilo e feliz. Ainda que esses passos a façam sofrer.

O Coxo é muito amável. Ouve toda a história que ela lhe conta, sem a interromper. De vez em quando, um sorriso se esboça na sua boca torta. Luísa tem medo daquela boca arrepanhada que pretende sorrir e apenas faz uma careta. Lembra-se, num repente, com uma dureza de pedra afiada, da ligação amorosa que ele tivera com Beatriz, da tragédia em que tudo tinha acabado. Sente as pernas a tremerem e uma leve tontura impede-lhe de continuar a falar. Recobra ânimo. Beatriz é que tivera a maior parte da culpa. Se ela

se tivesse posto no seu lugar, não dando conversa, o Coxo nunca se atreveria. E o Coxo sorri, sorri, numa careta permanente. E responde, muito atencioso:

— Está bem, se vocês quiserem, eu compro a gamboa. E o João fica meu empregado.

— Vou falar com o meu marido...

— Depois venha dizer alguma coisa. Pode vir a qualquer hora. Se ele quiser, vocês podem continuar a viver na gamboa. A minha vontade é só ajudar.

Volta para a sua gamboa, mais apressada, contente por ter tido a coragem para dar aquele passo audacioso. Desde que o Coxo compre a gamboa, ficarão com umas economias para as despesas do nascimento da criança e para qualquer azar. Além disso, o marido terá um emprego e ordenado certo. Tanto fará que a gamboa dê lucro ou prejuízo. Isso já não será da conta deles. E nas mãos do Coxo tem mesmo que dar dinheiro.

João Xilim ainda não regressou. Chega muito tarde e diz logo para a mulher:

— Falei com Marcelino e outro gajo. Vou trabalhar na tipografia. E a gente volta na cidade..

Deveria, naquele mesmo instante, contar tudo ao marido. Mas, sem bem saber porquê, uma desconfiança de tudo retraia. Neste momento, em que a própria dignidade impõe que confesse a sua entrevista com o Coxo, mede a gravidade da iniciativa que acaba de tomar. Quem veria boa intenção num encontro nocturno com um branco que, ainda não há muito, desgraçou duas vidas, e em casa dele? E as facilidades que o Coxo prometeu conceder, aparecem-lhe agora como outras tantas ciladas. O sorriso-mistério-careta da boca torta adquire outro significado, talvez o verdadeiro. Sorriso de triunfo e de lascívia. O Coxo pretende dar todas as facilidades para conseguir dela o que tinha conseguido de Beatriz. Se ao menos o marido não viesse com aquela ideia de abandonar a gamboa para ir viver na cidade...

Não diz nada a João nem procura mais o Coxo. Faz por esquecer aquele acto desvairado que lhe viera da vontade de trazer novamente uma esperança de felicidade para a sua cabana arruinada. Mas tem sonhos absurdos. Vê-se a mulher perdida que era dos que lhe pagavam bem a posse do corpo, com o filho pela mão, a barriga desmedidamente abaulada e uma multidão de homens brancos e negros, com o Coxo

à frente, a quererem agarrá-la. Todos riem e gritam em altos berros:

— Aquele filho na barriga é meu! É meu! É meu!

Foge, mas quanto mais foge, menor é a distância que a separa dos seus perseguidores. Acaba por se sentir agarrada por muitas mãos nervosas que a apalpam, lhe rasgam o vestido, a disputam à força. Acorda com um suor frio, escorrendo. Outras vezes, sonha com aceipipes que nunca ambicionou e subitamente lhe apetecem. Há muitos anos já, comera um cacho de uvas e nunca mais voltou a prová-las. E ouvira dizer em tempos a uma amiga:

— Sonhar com uva diz que é choro...

E viveu dias de angústia, à espera dessa desgraça que, certamente, havia de vir. E constantemente, na gamboa, na cabana, acordada e a dormir, lhe aparece um tentador cacho de uvas que ela nunca pode apanhar e ainda menos comer ou provar.

Agora João Xilim passa os dias na cidade e só regressa ao cair da noite. Explica que está a trabalhar à experiência numa tipografia e que, se agradar, será admitido definitivamente, com ordenado certo ao fim do mês. E voltará a segurança para o seu lar.

Luísa fica, nas tardes intermináveis, à porta da cabana, vendo o filho a brincar nos destroços da canoa velha. Sente saudades da companhia de alguém. De alguém mesmo desconhecido. Entristece-se, a pensar noutras vidas distantes proibidas, que nunca poderá viver. E, numa dessas tardes de infeliz meditação, o filho afasta-se a correr e aparece, pouco depois, cheio de medo, agarrando-se-lhe ao vestido. Alguém que passa. Embora seja raro, não estranha. A noite está a fechar-se e entra com Zidrito para a cabana. O marido, como sempre, só virá mais tarde. Ouve passos fora, moendo a areia, raspando o degrau da porta. Batem. Abre com um mau pressentimento. É o Coxo. Como ela não o procurara mais, vem saber da resposta. Que ele mantém a sua oferta. São vizinhos, lutam no mesmo modo de vida, tem o dever de ajudar numa hora má. Compra a gamboa, João entra para o seu serviço e eles continuarão ali na cabana, como se fossem donos da gamboa. Luísa não responde. Nem sequer falara naquilo a João. Hesita na maneira de o dizer ao Coxo. E o Coxo adianta-se.

— Dá-me licença?

E entra. Calara-se e ele tomara naturalmente o seu silêncio como sinal de assentimento. Se o marido chegar nesse instante, o que dirá? Que ela recebe homens na sua ausência. Vem-lhe inquietação, um desejo de ter coragem para falar duramente e escorraçá-lo. Mas continua a ouvir as palavras

brandas do Coxo, sem dizer nada. A boca torta arrepanha-se no mesmo sorriso-careta e fala sempre, remoendo.

— Onde está o seu marido?

Deve mentir-lhe, convencê-lo de que João estará quase a chegar, para assim o obrigar a ir-se embora. Mas responde-lhe com a verdade:

— Só volta tarde...

Logo se arrepende de ter dito isso. Repara que, diante do Coxo, fica sempre à mercê de uma força estranha, apanhada num torvelinho de sugestões e palavras que a domina. Foi assim certeza que Beatriz quebrou. E ele há-de julgar que ela gosta da sua presença, quando deseja, pelo contrário, que ele se afaste, que deixe de preocupar-se com ela, que saia pela porta fora o mais depressa possível já. Mas apenas as palpitações desordenadas do seu coração poderiam mostrar esse desejo.

Envolve-os o silêncio durante dois ou três minutos. Por fim o Coxo fala da tragédia do Juza e da Beatriz, lamenta-a, confessando que não tivera culpa nenhuma. Pretendera sempre evitar qualquer escândalo, avisara mesmo Beatriz de que era preferível acabarem com aquela leviandade. Infelizmente, os acontecimentos precipitaram-se.

— Eu até nem gostava dela. É muito difícil eu gostar duma mulher. Mas quando gosto, gosto mesmo, para muito tempo.

E o Coxo refere-se à sua vida solitária, sem família, sem ninguém a quem possa abrir o seu coração.

Luísa está sugestionada, possuída duma compaixão que quer repelir. Tem a certeza de que o Coxo não veio ali só para saber da resposta ao oferecimento que fizera sobre a gamboa. Experimenta sacudir o abatimento que a entorpece. O filho que constantemente lhe revolve as entradas, aquietá-se de repente. E ela deseja ardenteamente que tudo aquilo não passe de um pesadelo de que irá despertar com uma sensação de alívio e definitiva liberdade. Mas o Coxo continua a gemer uma longa história de tristezas. Que tem ela com as tristezas do branco das gamboas grandes? É agora a última oportunidade para lhe comunicar, com a maior firmeza, que não se interessa pelos negócios da sua vida, que o manda embora, que vivem muito bem e não precisam do seu auxílio para nada. Mas surpreende-se a tentar entender o sentido daquela ladaínha. Sente pena do Coxo e deseja afinal, que ele

encontre a felicidade a que tem direito como qualquer outra pessoa.

Os pensamentos vão e vêm, confusos, atropelando-se. Nada do que se passa na sua cabana, na presença de um homem indesejável, lhe deveria merecer o mínimo interesse. E está sendo subjugada pela queixosa descrição das tristezas e da solidão do Coxo.

O Coxo cala-se, parado, com a boca torta fechada, mais repelente ainda. Mas há lágrimas a embaciá-lo os olhos. Zidrito cabeceia, sentado a um canto. Luísa vai deitá-lo para repelir todas as influências que a embargam. Lembra-se de João Xilim. Ainda deve demorar. Faz um apelo a Deus para que o marido regresse depressa. Mas se ele vier e encontrar ali o Coxo, tão à vontade, certo da hospitalidade dela, será uma irremediável desgraça. E o Coxo começa a olhar muito fixamente para ela. Os olhos dele têm um brilho intenso e tão esquisito que ela nunca viu nos olhos de ninguém. Um mau pressentimento, uma visão de perigo, apavoram-na. O Coxo levanta-se da cadeira e agarra-lhe os pulsos suavemente mas com força. Ela quer protestar mas não consegue dizer nada. Deve gritar mesmo que a sua voz não possa ouvir-se. Lutar. Bater. Ferir. A cara contorcida e alucinada do branco roça a sua cara. Sente-lhe o bafo quente. As forças abandonam-na. E é como se o seu mundo caísse todo num abismo.

Toda a sua dedicação pelo marido deixou de ter valor desde essa hora. Que interesse poderá significar a vida transformada assim? Foi do Coxo, sem desejo, violentada. Mas não o escorraçara. E não poderá olhar mais de frente para João. Para que é que Deus a castiga dessa maneira? Descambava na pouca vergonha por culpa da mãe, e o que o marido tinha sofrido por causa da sua infidelidade. E, apesar disso, ele trouxe-a novamente para a sua companhia, restituí-a ao lar, confiante. Para que serviu tanta bondade? Mal aparece um homem com palavras novas e ela não arranja coragem e dignidade para resistir e enxotá-lo imediatamente. Não tardará dois meses que seu segundo filho nasça. Filho de dois homens e de uma mulher desgraçada.

O seu primeiro impulso foi deitar-se aos pés de João e contar-lhe tudo. Depois o marido que fizesse como o Juza ou ainda pior, que ele não seria homem para estudar vingança. Merece toda a espécie de castigos. Mas João não se preocupa agora muito com ela. O mundo da cidade toma conta dele. Apenas fala dos dias de trabalho na tipografia, da simpatia

dos companheiros, da vontade do mestre em o ajudar. Mas relata a sua história sem se dirigir propriamente a ela, numa necessidade de dizer em voz alta os pormenores da sua nova experiência de vida na cidade. E Luísa sente-se quase tranquila por ele não lhe dar atenção. Talvez aquela maldita aventura com o Coxo tenha que ficar ignorada e nada mais venha recordá-la. Para isso, é preciso deixar a gamboa. Agora que João arranjou trabalho na cidade, poderiam abandonar definitivamente a praia. Já não fazem negócio, apanham apenas algum peixe para comer.

João Xilim continua a voltar tarde para a gamboa. Trabalho de matar, justifica ele. E Luísa anda sempre medrosa, esperando ansiosamente os passos do companheiro, receando ouvir os passos do Coxo. O Coxo não veio mais. E ela começa a ganhar uma sensação de segurança, uma nova confiança no futuro. Talvez o patrão das gamboas grandes esteja arrependido da sua brutalidade. E assim, tudo esquecerá concertezza, como se não tivesse acontecido. Impaciente-a, contudo, ter que permanecer na gamboa. Está cansada de isolamento, de silêncio, do mar. É preciso fazer compreender a João que não lucram nada em levar aquela vida. E se o Coxo quer comprar a gamboa, será melhor aproveitar a oportunidade. Mas como transmitir-lhe as propostas do branco, depois do que se passou?

Os dias correm e aproxima-se aquele em que o seu segundo filho virá ao mundo. E entristece-se, sentindo mais perto a sua nova maternidade. Filho do marido e dum alucinação. Agora ela já não pode ter relações com João. E, como quando estava nos últimos tempos da gravidez de Zidrito, os dois dormem em enxergas separadas. E sente chegar a hora do nascimento deste filho sem emoção. O Coxo desgraçou irremediavelmente a sua vida pobre. Deixou de ser amante fiel para ser mãe sem amor. Tem raiva a tudo. O marido sai de manhã e só volta à noite. Vem extenuado, janta à pressa e estende-se para dormir porque tem que se levantar às cinco horas para estar às sete na oficina. Falta-lhe o carinho dele para se sentir protegida contra os pensamentos que lhe tiram o gosto de viver. Desleixa-se com os trabalhos caseiros, não se alarma com as ausências de Zidrito. E pensa no Coxo. Porque é que Deus lhe consente a audácia de pensar no Coxo? Foi ele que acabou de desgraçar a sua vida. E quando, noite fechada, aguarda a chegada do marido, já não sabe ao certo que passos espera. Mas o Coxo não vem mais. Arrependeu-se. Ou não gostou dela como gostou da mulata Beatriz. Da mulher

do Juza não desamarrou senão quando ela foi para o fundo do mar. Mas Beatriz entregara-se. E ela não.

Deveria meter pés ao caminho e procurar a senhora branca. Só uma outra mulher, com a sua compreensão, poderá libertá-la de tantos pesadelos. Porque não foge da gamboa? A culpa é do marido que chega sempre como um estranho. João não repara que ela precisa de amparo, de conselhos, de companhia. De se confessar e receber perdão ou castigo. Acabar com aquela tortura de não poder desabafar.

No domingo, João não vai à cidade. Fica em casa, preguiçando, fazendo um barquito com madeira da canoa desmantelada, para o filho. Então Luísa arrisca a pergunta:

— Porquê a gente não vai embora?

— A gente vai embora um dia destes. Deixa ter tempo para arranjar as nossas coisas. Um bocado de dinheiro para comprar tarecos, alugar uma casa que não é um palhota.

— Quando é que a gente pode ir?

— Tu tem muita pressa?

Tem pressa mas não lhe deve dizer o motivo. Um medo invencível de contar tudo. Esperança de que o marido nunca venha a descobrir a sua traição involuntária. Responde-lhe sem levantar os olhos:

— Fico sempre aqui tão sozinha...

— Qualquer dia vem aí mais outro homem para fazer companhia a ti...

E com um riso aberto, aponta-lhe para a barriga.

Conversam os dois demoradamente sobre assuntos que nada têm que ver com aquela vontade danada de abandonar a gamboa, esquecer a recordação das horas más que a aponta. Deve aguentar tudo. E se o Coxo volta? Mais valia deitar-se a afogar nas águas da baía para matar a peçonha e aquele filho do marido e dum castigo.

João Xilim foi admitido definitivamente como ajudante de impressor na oficina onde tinha estado à experiência. Agora a gamboa é para ele apenas a cabana que o Juza mandou construir para eles morarem. Não apanham peixe senão para comer. Da canoa velha que o Juza deixou, não resta mais nada que madeira pôdre que se vai gastando para avivar o lume.

Luísa espera, de dia para dia, o momento de se deitar e dar à luz o seu rebento. E passa o tempo magicando. Entrara naquela vida tão regular depois de tanto sofrimento, por erro de Nosso Senhor. Felicidade sem merecimento acaba sempre assim: com azar maior que todos os azares passados. Entre-

tém-se, tardes inteiras, relembrando horas antigas vividas por ela mas que lhe dão pena como se fossem de uma irmã. Já não consegue sequer admirar o gesto benemérito do marido, estendendo-lhe a mão, perdoando-lhe, aceitando-a. E agora, quase tem saudades da sua liberdade. Logo se envergonha de todos os pensamentos que são uma forma de traição. Pecadora, afinal. Pior que Beatriz. E a amiga pagara com a morte o pecado.

Está numa sonolência em que o sonho se confunde com a realidade, quando sente rumor de passos mais cedo do que é costume ouvir os do marido. Mas talvez seja ele. Já anoiteceu e ela nem deu por isso. Uma paz imensa desce sobre a sua infância muito remota e sem mácula. Bondade e gratidão despertam nela impetuosamente e o filho assinala-lhe esse momento nas entranhas. Sente-se feliz e arranca o corpo ao repouso para ir lançar-se nos braços de João. Abre a porta. Divisa um vulto. Atira-se a ele com o arrebatamento da mulher que por fim comprehende intensamente o prodígio de felicidade que um homem lhe dera. Mas o homem que abraça, é o Coxo. Sabe-o por instinto, que a escuridão mal deixa ver. Inteiriça-se de repulsa. Afasta-se, de braços estendidos, sem poder articular uma palavra, a querer vencer o fatalismo. Mas o Coxo agarra-a e aperta-a. Ela junta forças e luta ferozmente. O branco, porém, não cede.

— Assim, até gosto mais de ti!...

Resiste cada vez mais. Sente o seu ventre abaulado a esborrachar-se contra o ventre do Coxo. Deixar-se-á matar, mas não se deixará possuir. Crava as unhas no pescoço do branco. Quer gritar e apenas lhe saem da garganta gemidos surdos, soluços de raiva e de fraqueza. A energia começa a faltar-lhe, as mãos afrouxam, as pernas vergam e, exausta, vai estrelar-se na areia, quando ouve passos que se aproximam. A presença física do marido torna-a milagrosamente feliz. Ainda tem forças para gritar, antes de cair desmaiada:

— João!... Jo...ão!...

Abre os olhos, parecendo-lhe que dormiu horas. Dói-lhe o corpo todo. Um zunido infernal domina o suave murmurar das ondas. Desperta, a pouco e pouco, ouvindo blasfêmias, pancadas surdas. Respira fundo, ergue a cabeça e apoia-se num cotovelo. A poucos passos, dois homens lutam numa batalha selvagem. Confundem-se os dois corpos. Pragas e choques. Tenta levantar-se mais, mas faltam-lhe as forças. Por fim, cambaleante, põe-se de pé e dá alguns passos como se estivesse embriagada. O marido endireita-se, ofegante. O Coxo

está por terra sem dar acordo de si. João Xilim esfrega as mãos e olha desdenhosamente para o branco. Depois, vira-se para a mulher e insulta-a de maneira que ela nunca poderia esquecer:

— Sua cadela mais ordinária!
E desaparece.

Nessa mesma noite, Luísa sente os primeiros sinais do parto. Depois daquelas horas em que as fontes lhe doíam tanto que julgou que enlouqueceria, o chamamento do filho na barriga traz-lhe uma tranquilidade e um bem-estar inesperados. As dores anunciantoras trespassam-lhe as entranhas e reflectem-se em todo o corpo. Sofre mais do que quando foi o primeiro parto. Domina-se pela intuição de que precisa de sobreviver. Enche uma bacia de água, põe-na ao lado, aguarda. Com a imagem de João no coração, reza fervorosamente. E, de madrugada, uma menina chora a seu lado. Zidrito acorda, vê aquela menina que aparece pela primeira vez na sua cabana e fica muito sério, olhando para ela.

Andou pelo mato, como um autómato. Anoiteceu outra vez, sem ter parado. Parece-lhe agora que a pouca gente que encontra, olha para ele com estranheza ou desconfiança. Mas não conhece ninguém. Não teve, durante toda a noite e todo o dia, nem fome nem sede nem sono. Ao entrar, porém, a segunda noite, o cansaço parte-lhe a carne e os ossos. Depara-se-lhe uma palhota e, sem dizer palavra, enche uma lata de água e bebe-a de seguida. E prossegue na sua caminhada sem destino.

Deve ter morto o Coxo. Iria jurar que sentira arrefecer a carne dele enquanto lhe apertara a garganta. Está com um crime de morte às costas. Não poderá continuar fugido por muito tempo. Naturalmente a polícia já anda no seu encalço. Depois, será o julgamento, o embarque, o regresso à prisão na fortaleza ou noutra cadeia qualquer.

De noite não é fácil apanharem-no. Mas, de manhã, deitam-lhe a luva. Não tenciona oferecer resistência. Irá para onde o levarem. Sem um protesto. Conformado.

Durante as 24 horas em que vagueou pelos arrabaldes da cidade não pensou em nada. Agora recorda a cena em todos os pormenores. O Coxo apanhou a sorte que merecia. E ele é que fora estúpido, não se lembrando nunca de que aquilo poderia acontecer. E a mulher, nem com a barriga quase a despejar, se esquivara ao branco. Uma raiva total o faz parar e estremecer. Enquanto apertava a garganta do Coxo, estivera vingando-se de todos os que tinham transformado a sua vida num inferno. E a sua vontade seria voltar atrás e maltratar a carne morta do Coxo antes de ser preso. E matar a mulher de um só golpe. As pernas não aguentam mais e cai de joe-

lhos. Estende-se no capim e adormece logo a seguir.
Acorda decidido a entregar-se à polícia. E encaminha-se para a esquadra mais próxima.

*

* *

— Meu chefe, está ali um tipo que diz que matou um homem...

— Anh?!... Branco ou preto?

— Sim, meu chefe, diz que quer falar com o meu chefe. É um mulato.

— Está bem, manda entrar o tipo para aqui!
E, quando o guarda vai a sair, recomenda-lhe:

— Olha lá, ó 74, toma-me muito tonto com ele!
O 74 sorriu. O chefe carrega o sobrolho.

— De que é que te estás a rir?!

— É que... Bem, meu chefe...

— É o quê? Desembucha!

— É que o homem vem mais morto do que vivo e traz uma cara de pobre diabo...

— Quem manda aqui sou eu, ouviu?

O guarda deixa de sorrir. Sai atrapalhado e volta daí a pouco com o preso seguido de dois sipaios. O chefe olha-o demoradamente e vendo que traz, de facto, um aspecto inofensivo, despede os dois sipaios e ordena ao 74 que se sente e escreva.

— Como te chamas?

O preso levanta a vista e fica a olhar, abstracto, como se não tivesse entendido a pergunta.

— Parece que és surdo! Como te chamas?

— João Xilim.

O chefe faz o interrogatório. Depois comunica o caso para o comissariado, pelo telefone, zeloso. Aquele é o primeiro caso importante que lhe aparece e está ansioso por mostrar a sua competência, pouco mais de um mês após a sua promoção a chefe. Pensa no caso, à espera de ordens superiores, quando chama subitamente o seu subordinado:

— Ó 74, onde é que puseste esse patife?

— Está aqui, na sala ao lado.

— Mete-o no calabouço! E cuidado com ele, einh!?

Um tipo desses é capaz de tudo!

— Sim, meu chefe.

Chegam as primeiras notícias. O homem afinal não morreu. Foi encontrado já em casa, um pouco amachucado, mas

sem mal de maior: Isso aborrece o chefe da esquadra que tinha previsto ali o seu primeiro caso importante.

Àquela hora, o comissário sente-se feliz, o homem mais feliz em toda a cidade. Depois de uma corte prolongada, com algumas negativas, a mulher amada aceitara finalmente na véspera a sua declaração de amor. E é com a melhor disposição e desejo de ser prestável que recebe o Sr. Francisco P. Nunes, industrial e comerciante dos mais conceituados da praça, homem de prestígio e bem visto na sociedade e das relações do seu futuro sogro.

— Sente-se, meu amigo, sente-se. Então o que manda?

O Nunes fala-lhe da tentativa de homicídio que se dera lá perto das suas gamboas. O comissário apresta-se a tranquilizá-lo:

— Esteja descansado. Está-se já a formar o processo. Não sou juiz, mas estou convencido de que não se safa.

— Pois é por isso mesmo que eu aqui estou a incomodá-lo. Venho pedir-lhe que seja benevolente e não mande o mulato para tribunal.

Imagina já a namorada a felicitá-lo por ter iniciado o seu primeiro dia de felicidade com um acto de perdão e ao mesmo tempo que o futuro sogro lhe vai ficar a dever uma atenção para com um amigo.

— Bem, Sr. Nunes, vamos a ver, farei os possíveis, dentro da justiça, claro...

— Aqui para nós, o Borges andava atrás da mulata. E parece que com algum proveito... Homem solteiro, ali isolado... De maneira que, comprehende, não tem a consciência muito tranquila... Além disso, meu caro comissário, não gostaria de ver o meu nome envolvido numa questão destas...

Depois de o Sr. Nunes ter saído, o chefe da esquadra recebe as instruções pelo telefone e dá um murro na mesa.

— Ora esta! Se isto continua assim, estamos bem arranjados! Um sujeito prega uma sova noutro que quase o ia matando e o resultado é só isto: dois dias à sombra!

A noitinha, sob a vista complacente da futura sogra, o comissário conta à namorada que tinha mandado pôr em liberdade um pobre mulato preso por ter agredido um branco que tentara violentar-lhe a mulher. Mas recebe um comentário inesperado:

— Pois fizeste muito mal! Não te dou os parabéns.

E sai de ao pé dele para ir sentar-se ao piano e executar a marchinha brasileira: «Há uma forte corrente contra você...».

João Xilim abandona o calabouço da esquadra com uma ideia confusa do que se passou. Parece-lhe absurdo o perdão que lhe deram. Agora, deambulando pelas ruas, sem saber que rumo seguir, começa a raciocinar. Talvez tivesse sido melhor que o mandassem para o tribunal, que o senhor juiz o condenasse outra vez. Sentenciado para toda a vida. Longe do mundo onde a liberdade não tem sentido para ele. Se ficasse preso, deixaria Luísa com um filho nos braços e prenhe de outro. Só agora se lembra dela como mãe dos seus filhos. Já uma vez ela pecara e ele a recebeu, perdoando. Pode ser mesmo que Luísa não seja culpada. O Coxo é atrevido. Andava atrás de todas, a experimentar, a ver se caíam e teria aproveitado a solidão de Luísa para tentar conquistá-la. Até de barriga cheia lhe servia. Se a mulher estivesse combinada com o branco, para que havia de gritar? E ele ouvira bem o seu chamamento num grito de aflição. O guarda da esquadra disse-lhe que o Coxo não morreu. Se ele fosse homem de verdade, deveria ter acabado com a vida do branco das gamboas grandes.

O que será feito de Luísa? Vontade de ir ter com ela e acreditar na história da sua inocência. Mas as vozes do mundo não se calarão. Toda a gente sabendo ou admitindo que o Coxo o enfeitou. Está em liberdade como se continuasse a viver um pesadelo que dura há um tempo sem fim. Despido de todas as ambições e de todos os medos. Já não tem necessidade de matar ninguém, nem o Coxo nem o capataz que lhe bateu quando anunciaram a mudança do bairro no subúrbio. Terrivelmente cansado, caminha ao acaso, como se fizesse horas para acordar de um sono desde a barriga da mãe.

Há quatro dias que não vai à tipografia. Já lá hão-de ter conhecimento da sua prisão e concerteza que o patrão pensa que ele será condenado a anos de cadeia. Para quê voltar à oficina? Não tem mulher, nem filhos, nem amigos. Ninguém tornará a reconhecê-lo.

Deita-se debaixo de uma árvore, num campo fora da cidade, extenuado. Todas as raivas da sua vida passam-lhe, uma a uma, pela memória. Não, não tem nada de que se arrepender. Cumpriu fielmente o seu destino. Foi sempre ele, o mulato, um homem clandestino: na barriga da mãe, moleque em casa de D. Laura, menino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra entre os sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido. Procura dolorosamente as raízes dos outros destinos que se entrelaçaram no seu. E no seu coração nunca houve amor nem ódio verdadeiros. Apenas desgostos, insuficiências e cansaços. E, mandando na vida dele, quatro destinos de mulher. Está só no mundo, mas sabe agora que avó Alima, negra Kati, menina Maria Helena e mulata Luísa lhe deram consciência de homem traído. Mas, recordando-se delas, descobre-se lentamente. O erro fundamental que comprometeu a paz da sua vida, foi o abraço da mãe Kati e de patrão Campos, esse abraço que fez dele um ser duma nova raça infamada. Tudo o que se passou depois, tudo o que pesou sobre o seu coração e manchou as suas mãos e os seus olhos, proveio desse erro. Por toda a parte ele encontrou gente que anda à toa, rejeitada pelos brancos e pelos negros. Deserdada pelas duas raças puras. Mas ele esconderá dos filhos a memória dos pecados das negras Katis e dos patrões Campos. E eles crescerão como se a raça mestiça não tivesse nascido de um abraço fortuito. Um princípio de confiança toma posse do seu coração sangrado, meditando sobre os primeiros factos lembrados e os mais recentes, enquanto um símbolo permanece na sua memória: o dos cajueiros, à porta da palhota de avó Alima e junto da cantina do Sr. Esteves. Duas entre milhares de árvores com sombra larga para sonos vadios, apedrejadas para que os pobres sem nome possam roubar os cajus com sumo que tira a sede e embriaga para esquecer e as castanhas que entretêm a mansa fome e dão óleo para engordurar as magras carnes dos corpos rebentados da terra. E nessa noite em que inventa uma infância para deixar aos outros, pode recordar-se de Maria Helena com a since-

ridade do moleque inocente que ainda não conhecia a traição da negra Kati.

— Minha irmã, eu estou pensando em ti... Eu nunca mais esqueço a ti, minha irmã, minha irmã do Marandal...

* * *

Esteve três dias deitada, lembrando-se constantemente de João. Por onde andaria o marido? Naquela solidão, febril, vendo os dois filhos como presenças de um passado sem sentido, teve ganas de acabar com a vida. Casa desamparada. Zidrito sai, volta, torna a sair e só fica para dormir. E ela sem poder levantar-se. Dois dias inteiros sem comer. E a menina a chupar quase inutilmente os seios murchos, a chorar por mais leite. Morrendo de fome, tão fraquinha veio ao mundo. Mas a vontade dela seria permanecer ali para sempre, deitada, sem abrir os olhos cerrados pela fadiga de viver.

Uma claridade indecisa começa a recortar-se na porta aberta pelo vento. A chuva cai com uma tristeza compassada. Impressiona-a aquele ruído monótono, suave, que talvez venha sendo a sua companhia real desde que se estendeu para ter a menina. Instintivamente, escorrega a mão para o lado e encontra um corpinho arrefecido. Só então sente plenamente que jaz, junto de si, carne da sua carne, vida que há três dias expulsou do seu corpo. E não tem leite para lhe dar. Percorre-a toda com a mão e detém-se no coração. Ainda bate. O sentimento de culpa possui-a totalmente. Não amaldiçoara ela própria aquela vida que durante tanto tempo embrulhou dentro de si, com esperanças e medos? Ama um homem que atraíçoou quase desde a origem do seu amor, dele pariu três vezes e ali está, deitada, sem coragem para lutar pela sobrevivência da sua filha.

Já a manhã rompe pelo interior da cabana e dá contorno às miseráveis coisas que a enchem. Como um galito anunciador, Zidrito, estremunhado ainda, desenrocha-se da sua manta e vem, a bambolear-se, cumprimentar a mãe em garrulice que só ela entende. A vida recomeçada com o dia, chama-a para a acção. Sente esse chamamento, como uma violação profunda e dolorosa de seu corpo. Afasta a manta que a cobre e vê a menina à luz crua do sol. Uma ternura recuperada arranca-lhe, enfim, algumas lágrimas. Pega na criança ao colo, aconchega-a bem de encontro ao peito e embala-a suavemente,

como se esse gesto carinhoso pudesse compensá-la de tantas horas de desprezo. Mas o desvairamento que a levou a contemplar apaixonadamente a filha, fez-lhe esquecer que ainda se não alimentou. E a menina mal respira. Na pele esticada, as pulsações batem medrosamente. Já nem gême. A sua filha vai morrer. É preciso salvá-la. Dar de novo vida ao ser que durante nove meses esteve dentro da sua barriga, alimentando-se do seu próprio sangue. Tem que partir, ir a qualquer parte onde encontre alguém que roube a menina à morte. Diz-lhe palavras de amor exaltado e anda de um lado para o outro, sem calma para decidir uma atitude. Precisa de partir imediatamente. Mas para onde? Na sua aflição, não atina com um nome, o nome da pessoa capaz de lhe salvar a filha. Na vizinhança só mora o Coxo. A esse homem não pediria nem uma gota de água. Na cidade há-de haver alguém que lhe valha. No hospital, numa casa qualquer onde habite gente com coração. Convence o pequeno Isidro de que não tardará. E abala em direcção à cidade, com a filha ao colo, bem encostada ao peito. Caminha, a princípio, com passos largos e firmes, escutando constantemente as pulsações da menina e ora lhe parece que batem compassadamente ora tem a certeza de que pararam. Uma angústia se repete a cada pulsação e faz-lhe ganhar novas forças. Mas a duas escassas centenas de metros, ressentindo-se da sua própria fraqueza, resultado de três dias de jejum, febre e desgosto. Começa a sentir as pernas a vergarem-se, a cada passo que avançam. Implora e blasfema ao mesmo tempo:

— Meu Deus, não deixa morrer a menina... Ela não tem culpa do que eu fiz... Tás ouvir bem, meu Deus?... Tás ouvir ou não?!... Salva a minha filha...

Volta a pôr a mão no pequenino peito. Suspende a respiração, com uma última esperança de se ter enganado. Uma vez ainda, encosta o ouvido. E fica rígida, lábios contraídos, olhos pavorosamente dilatados, com aquele corpinho morto, triste e desesperadamente apertado nos seus braços. Gostaria de gritar, mas balbucia apenas:

— Minha filhinha... João...

E, numa corrida tropeçada, volta para a cabana. Só o seu instinto de mãe infeliz a encaminha, pois não sente, não escuta, não vê nada. É como se tudo tivesse morrido no mundo com o derradeiro bafo da sua filha. Chega à porta da cabana e cai de joelhos, exausta. E ficam as duas pobres assim quietas,

beijadas por um sol que, ironicamente, entorna alegria sobre todas as coisas da terra.

Desperta com um vômito seco na garganta. Zidrito brinca despreocupado, fazendo bonecos na areia e vendo a mãe levantar-se, pedincha:

— Fome... pão...

Luísa olha demoradamente o corpo inanimado da menina. E sem uma lágrima, sem um suspiro, sem uma lembrança para ninguém, mais uma vez pega nela ao colo como se ainda não tivesse morrido. Contempla-a tristemente e embala-a. Com uma placidez estranha deita-a numa esteira. Passa o resto do dia a contemplá-la, sem um gesto sequer. Só, de vez em quando, um arrepião total a faz estremecer. Assim está até à boca da noite. Ergue-se então, vagarosamente. Sai da cabana, afasta-se um pouco. Mete as mãos à terra e mede-lhe a consistência. Começa a cavar. Abre uma cova de um metro de comprimento. Tem as unhas em sangue. Mas não lhe doem. Apenas lhe dói a cicatriz desde o ombro à curvatura inferior do seio direito, esse sinal dum castigo merecido e incompleto que sempre tivera o pudor de evitar que o marido visse. Dirige-se à cabana, acende o candeeiro e veste a filha com o vestido mais bonito que lhe tinha feito, o que estava destinado para a festa do baptizado. Agasalha-a e leva-a para junto da cova. Aí, contempla-a mais uma vez e dá-lhe o primeiro e último beijo. E deita-a docemente no leito que cavou na terra. Tapa-o e, finalmente, as lágrimas da sua tristeza deslizam-lhe pela cara. Depois, cambaleando, chega à cabana, deita o filho e deixa-se cair. Inanimada e de braços abertos, a vai encontrar João, minutos depois. E ele, de joelhos, com a maior ternura se inclina para ela, senhor sereno de um destino comum recuperado no último desespero.

Lourenço Marques, anos 1950.

